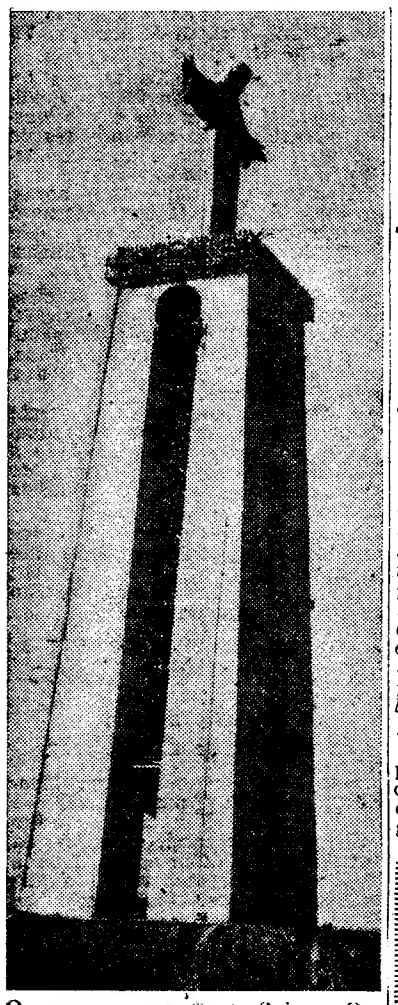
ANO 38.º — SÁBADO, 8 DE NOVEMBRO DE 1958 — N.º 12.903

Diario de Lisbôa

FUNDADOR — JOAQUIM MANSO — DIRECTOR — NORBERTO LOPES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155 — REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA — EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
ENDEREÇO TELEGRAFICO: D I B O A — RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA — ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2. — NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO



O monumento a Cristo-Rei, na Outra Banda, já desembaraçado de andaimes, recorta-se agora no ceu, onde se projecta a estátua que encima o grande pedestal de cimento armado

Ameaça de grave crise no Governo do general de Gaulle por vários ministros se recusarem a acatar o plano de restrições económicas

PARIS, 8 — O Governo está ameaçado de grave crise, pela primeira vez, desde que o general de Gaulle tomou conta do Poder, há cinco meses.

Os primeiros sinais de «tempestade» apareceram ontem, quando o ministro das Finanças, Antoine Pinay, se queixou ao presidente do Conselho, de que sete ministros do seu Gabinete se recusavam a acatar as determinações impostas pela política de «austeridade económica». Pinay tem-se esforçado por convencer os outros membros do Gabinete da necessidade de reduzir ao essencial as dotações orçamentais, para que não se transforme em realidade a ameaça de nova crise inflacionária.

Todavia, segundo frisam círculos parisienses, os «avisos» do ministro das Finanças — apesar de reforçados por um relatório oficial da Organização Europeia de Cooperação Económica, publicado esta semana, em que os seus peritos financeiros avisam a França de que «não deve abrandar a sua política anti-inflacionária» — correm o risco de ser abafados pelo alarido da campanha eleitoral, em que estão activamente empenhados 18 partidos políticos.

Os mesmos círculos dizem que, na próxima semana, o Gabinete, ao discutir o projecto de orçamento para 1959, terá que aceitar ou rejeitar as novas dotações orçamentais propostas por sete ministros, e cujo

(Continua na ultima página)

Há seres vivos mais perfeitos e inteligentes em milhões de outros planetas?

SEATTLE (Washington), 8. — Devem existir seres vivos, muitos deles muito mais perfeitos do que os habitantes humanos da Terra, em milhões de outros planetas do Universo — na opinião de um cientista famoso, o dr. Melvin Galvin, catedrático de Química da Universidade da Califórnia.

Discursando na sessão inaugural da Universidade de Washington, Calvin citou os cálculos do dr. Harlow Shapely, antigo astrónomo de Harvard, segundo os quais cerca de cem milhões de planetas do Universo conhecido teriam começado em condições comparáveis ás da Terra. Quer dizer: possuiam atmosfera semelhante e idêntico conteudo de carbono, achando-se também a distancia similar de uma estrela ou qualquer outra fonte de energia.

Como esses cem milhões de planetas de «carbono» têm aproximadamente a mesma idade da Terra — cinco biliões de anos — é de crer que neles haja, igualmente, vida celular — disse aquele cientista e acrescentou:

«Uma vez que, no curso da evolução química e biológica, o aparecimento do homem á superfície da Terra ocupou apenas um fragmento pequenissimo de tempo, nomeadamente um milhão de anos em cinco biliões, é compreensível que esperemos encontrar vida celular e talvez pré-celular e pós-humana, em muitos desses planetas».

O dr. Calvin admite que os habitantes dos planetas mencionados por Shapely sejam dotados de vista, ouvido e inteligência. — (A. N .I.).

Um diamante que vale um milhão de dólares

NOVA YORK, 8. — O joalheiro Harry Winston ofereceu o famoso diamante «Hope», avaliado em um milhão de dólares, á Instituição Smithsoniana (que evoca a memória do químico inglês James Smithson), para figurar como peça central da projectada Colecção Nacional de Pedras Preciosas.

A história do célebre diamante de 44 quilates e meio remonta a uma era anterior á da Revolução Francesa. Crê-se que é o fragmento de um diamante de 112 quilates, que, tendo sido levado da India para a Europa, foi uma das jóias da Coroa da França. Roubado durante a Revolução, o diamante teria sido fragmentado, e um dos fragmentos, com 44 quilates e meio, adquirido por um inglês de nome H. T. Hope. Veio para os Estados Unidos em 1909 e pertenceu á célebre colecção, avaliada em 2 milhões de dólares, da sr.ª Evelyn Walsh MacLean de Washington. — (A. N. I.).

O ministro da Justiça em Coimbra

COIMBRA, 8 — (Pelo telefone) — No «rápido» de Lisboa, chegou esta manhã a Coimbra, o sr. ministro da Justiça, que era aguardado na estação do caminho de ferro pelos srs. conselheiros Perestrelo de Alarcão, presidente do Tribunal da Relação, e Amaral Cabral; desembargadores daquele tribunal, outros magistrados e vários funcionários do Ministério da Justiça.

O sr. prof. Antunes Varela reuniu-se, no Palácio da Justiça, com aqueles magistrados e os organizadores da Exposição Bibliográfica sobre a Codificação do Direito Português, a efectuar ali nos princípios do próximo ano.

Malogrou-se a nova tentativa com o saté'ite lunar americano que se desintegrou e incendiou sobre Africa

45 minutos depois do lançamento

CAPE CANAVERAL, 8 — Um foguetão «Thor-Able», portador de um satélite lunar, denominado «Pioneiro II», foi lançado no espaço esta manhã, ás 7 e 31 (T. M. G.) pela Aviação.

O segundo piso do engenho foi aceso 270 segundos depois; e pareceu que o terceiro se teria acendido, como estava previsto, ás 7 e 39, prosseguindo o foguetão normalmente na trajectória em direcção á Lua. O quarto piso, constituído pelo satélite e um retro-foguetão, é pra se acender a 90.000 kms. da Lua, ou seja cerca de dois dias e meio depois do lançamento inicial.

O general Donald Yates, comandante do centro de lançamento de Cape Canaveral, anunciou, depois, que os segundo e terceiro pisos foram acendidos com êxito.—(F. P.).

Primeiras notícias do malogro da tentativa

WASHINGTON, 8. — Os primeiros sinais emitidos pelo foguetão lunar foram captados, ás 7 e 38, pela Companhia Internacional dos Telefones, de Southampton (Nova York). Depois, porém, começou a constar que o lançamento do «Pioneiro II» falhara e por duas razões: o terceiro piso do foguetão não se teria, afinal, acendido; e esse mesmo piso não se separou, como devia, do segundo.

A's 7 e 59, a N. A. S. A. (Agência Espacial) confirmava que aquele piso do foguetão não funcionou como se previa, notícia que pressagiava o malogro da terceira tentativa com o satélite lunar americana.

A's 8 e 15, uma informação oficial de Cape Canaveral confirmava que o terceiro piso não funcionou. Dez minutos decorridos, a N. A. S. A. continuava a cingir-se, oficialmente, ás suas informações, provenientes da base de lançamento; e, um informador da Agência Especial afirmou que por volta das 9 e 30 deviam ser, provávelmente, conhecidos os pontos de queda dos quatro segmentos do foguetão portador do «Pioneiro II». — (F. P.).

Malogro completo

WASHINGTON, 8. — O completo malogro da terceira tentativa

(Continua na 14.ª página)

Encerrou-se esta manhã o Congresso Nacional de Estomatologia sob a presidência do ministro da Saúde

Com uma sessão solene a que presidiu o sr. dr. Martins de Carvalho, ministro da Saude e Assistência, encerrou-se hoje, de manhã, o I Congresso Nacional de Estomatologia. Na mesa de honra da sessão, que se efectuou na aula magna do Hospital Escolar de Santa Maria, ladeavam o representante do Governo os srs. profs. Ferreira da Costa, Zabala Rubio, Silva Paul, Horta e Costa e Carol Monfort e o dr. Palma Leal, vice-presidente

(Continua na página central)

O ministro da Saude ao pronunciar o seu discurso

ESTA SEMANA, DIZ O MÉDICO...

A arte de bem digerir (4)

pelo DR. AUGUSTO D'ESAGUY

A CARNE tem uma grande importância, como factor de nutrição, na dieta humana. Dividem-se os nutricionistas em dois grupos: os que se opõem ao uso da carne e os que a impõem em quase todas as refeições.

A agressividade dos animais que se alimentam exclusivamente de carne não é mais um argumento com cotação alta nos meios científicos, pois é conhecido que existem animais herbívoros tão ferozes como os carnívoros.

Os Esquimós, por exemplo, que se alimentam de carne, não possuem maior predisposição para as doenças vasculares do que os outros habitantes da terra (W. Thomas, «Health of a Carnivorous Race»).

Os «Masai», tribo africana que vive no Equador, alimenta-se quase exclusivamente de carne e goza da fama de ser um dos mais fortes agrupamentos de todo o continente africano.

A carne estimula o apetite e é fácilmente digerível, dando ao organismo uma sensação de bem-estar.

A proteína possui — repetidas vezes o tenho afirmado — um alto valor biológico. A carne, refere Hardenberg, contém consideráveis quantidades de ácidos gordos, não satu-

(Continua na 13.ª página)

Diario de Lisbôa
PUBLICA HOJE
32 páginas
nas quais se inclui
MAGAZINE

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

As comemorações

do 40.º aniversário do armistício

Comemora-se no próximo dia 11 o 40.º aniversário do armistício que pôs termo á conflagração de 1914-18. Além das solenidades promovidas pela Liga dos Combatentes, cujo programa já anunciámos, haverá também comemorações promovidas pelos antigos combatentes franceses residentes em Lisboa. Nesse dia, ás 10 horas, haverá missa solene na igreja de São Luís dos Franceses, celebrada pelo rev. Padre Jamet, na presença do embaixador de França, do cônsul e antigos combatentes franceses. Ás 11 e 30, realizar-se-á a cerimónia tradicional no consulado de França, junto da placa em que estão gravados os nomes dos Franceses residentes em Lisboa, que pereceram no campo de honra. O sr. embaixador de França assistirá ao acto, na presença dos delegados dos antigos combatentes franceses, portugueses e belgas. No mesmo dia, ás 20 e 30, os antigos combatentes franceses reunir-se-ão num banquete de confraternização

Uma delegação dos antigos combatentes franceses participará também nas cerimónias portuguesas que se realizarão no cemitério do Alto de São João e junto ao monumento aos Mortos da Grande Guerra. A esta ultima manifestação, associar-se-á a embaixada de França que fará depor uma coroa de flores pelo adido militar.

Comemorações em Sintra

A delegação de Sintra da Liga dos Combatentes da Grande Guerra vai comemorar no próximo dia 11, o 40.º aniversário da assinatura do armistício que pôs fim á conflagração mundial de 1914-1918. Nesse dia, ás 9 e 50, haverá uma romagem ao cemitério de Belas, onde serão depostas flores sobre as campas dos antigos combatentes ali sepultados; ás 15 e 30, efectuar-se-á idêntica cerimónia, no cemitério de São Marçal, na vila de Sintra, onde se fará uma concentração, junto do monumento ao Mortos da Grande Guerra; á noite, em Queluz, realiza-se uma sessão solene, em que usará da palavra o nosso prezado colaborador sr. capitão Augusto Casimiro, que falará sobre «O esforço dos Portugueses na 1.ª Grande Guerra».

A Policia procura

dois criminosos

O inspector da 2.ª secção dr. Mário Marques Mendes e o agente Dias procuram prender Manuel Amaro Cordeiro, que há muito é procurado e que é acusado de um homicidio frustrado. Efectuaram-se várias diligências, quer na capital, quer nos arredores, sem quaisquer resultados, mas a P. J. sabe que o Cordeiro, que é filho de José Cordeiro e de Numidia da Piedade, anda presentemente por vários pontos do País, sem modo de vida definido. Anteriormente, dedicava-se á venda ambulante de fruta, na capital, mas, ao sentir-se perseguido, ausentou-se para párte incerta.

Por sua vez a 8.ª secção, realiza diligências para localizar e prender António Marques, de 41 anos, divorciado, construtor civil, natural de Figueiró dos Vinhos — Lomba de Almofala, onde residem seus pais e alguns irmãos. Em vários processos pendentes na referida corporação, o Marques é acusado de numerosos crimes de burla e falsificação. Ultimamente, por informações que a P. J. tem, a sua presença foi registada frequentemente na zona do Seixal, onde vai visitar uma filha que reside na estrada de Cheira — Ventos — Cruz de Pau.

Pequenas noticias

PELA POLICIA

QUEM É O MOTORISTA? — A Polícia Judiciária (3.ª secção) resolveu solicitar a comparência, na sua sede, de um motorista de táxi que no dia 1 do corrente conduziu, cerca das 2 horas da madrugada, da Travessa do Convento de Jesus ao Hospital da Marinha, um indivíduo de sexo masculino, que se fez acompanhar de duas senhoras.

PELOS HOSPITAIS

QUEDA MORTAL — Morreu hoje, na sala de observações do Hospital de S. José, onde há dias entrara, por, em Alenquer, onde residia, ter caído da sua bicicleta, o jornaleiro Alfredo Jorge da Costa, de 50 anos.

ATROPELAMENTO — Recolheu á sala de observações do Hospital de S. José, muito ferida na cabeça, por ter sido atropelada por um automóvel, na Calçada da Boa Hora, a empregada no comércio Gravelina Teixeira, residente na Rua do Salitre, 5, cave.

ROTARY CLUBE DE LISBOA

Na reunião do Rotary Clube de Lisboa, da próxima terça-feira, ás 13 horas, na Casa do Alentejo, será comemorada a «Semana da Rotary Foundation», esplêndida e fecunda obra de solidariedade mundial, criada por Paul Harris, para a concessão de bolsas de estudo a estudantes que queiram especializar-se, acerca da qual falará o professor Candido Pedro da Silva Duarte, presidente da Comissão Distrital da Fundação Rotária.

PROGRAMAS BIBLICOS

Todos os domingos de manhã, ás 10 horas, em onda curta (41 metros), a Voz Evangélica de Tanger, e ás 10 e 30, em onda média (244 metros), a Rádio Tanger, transmitem emissões cristãs evangélicas em língua portuguesa.

ESCUTISMO

Em continuação das comemorações do Dia do Santo Condestável, patrono do escutismo católico, haverá, amanhã de manhã, um grande «jogo da cidade», para elementos da 2.ª secção do Corpo Nacional de Escutas, que, em seguida, visitarão a «Obra Social da Fragata D. Fernando».

«OS JOSÉS»

Amanhã, ás 13 horas, haverá, na sede de «Os Josés de Portugal», na Rua Castilho, 17, 1.º, um almoço comemorativo do 14.º aniversário daquele grupo onomástico.

FESTAS ASSOCIATIVAS

É hoje, pelas 21 e 30, que, na Casa do Minho, se efectua o primeiro dos bailes que constam do programa de festas daquela colectividade para o corrente mês. Será abrilhantado pela orquestra «Blue Gardenia», sendo, nos intervalos, dedicada ás senhoras uma demonstração de ornamentação de mesas, pratos e travessas, levada a efeito por um consócio e consagrado artista no género.

— Também hoje, á noite, haverá um baile, na Academia 1.º de Setembro de 1867, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 142, abrilhantado pelos «Loucos da melodia», e na Sociedade Cruz Quebradense.

— Para amanhã, á tarde, estão marcados bailes: na Casa do Algarve, na Rua Capelo; na Casa da Comarca da Sertã, na Rua da Madalena, 171, 3.º, com a orquestra «Estrelas de ouro»; na Sociedade de Instrução Guilherme Cossoul, na Avenida D. Carlos I, 61, 1.º; na Academia Musical 1.º de Junho de 1893, no Largo Julio Castilho, 3, no Lumiar, com o conjunto «Donand's» e na Academia 1.º de Setembro de 1867, com os «Indiferentes». Á noite, haverá também um baile, na Casa do Concelho de Tondela, na Rua dos Anjos, 86, 2.º, e na Casa da Comarca da Sertã, e na de Fagueiró dos Vinhos.

QUEM PERDEU?

Relação dos achados ontem, em Lisboa, e entregues na P. S. P. (Governo Civil): um compasso de desenho; um escudete de automóvel; três agulhas de fazer malha; um relógio de pulso, de senhora; caixas com sapatos; uma pulseira em ouro com uma medalha; três cautelas de penhores; um «abat-jour»; um cartão de estivador de Francisco Maria de Oliveira M.; uma pasta com lápis e vários objectos; outra com canetas esferográficas e livros de apontamentos; e outra, ainda, com livros da 2.ª classe; uma guia de passagem em 3.ª classe da C. P., fornecida pela Misericórdia de Lisboo, em nome de Manuel Mendes Coelho; um porta-moedas com dinheiro; um alicate e ferro de desmontar pneus; a cédula pessoal de José Dinis Pereira de Abreu; um livro de relatórios de contas da A. F. de Lisboa; dois bonés de homem e um apito em metal; duas luvas desirmanadas; um tampão de roda de automóvel; argolas com chaves e várias chaves; uma pulseira de fantasia, encontrada num «táxi»; uma quantia em dinheiro, referente ao troco de um serviço prestado por um «táxi».

Também se encontra no Sindicato Nacional dos Motoristas, o seguinte: um embrulho com uma camisola de homem; um embrulho com bacalhau; uma mala de senhora com tesoura, batons, etc.; uma máquina de furar; um estojo com «Philishave»; uma camisola de criança; um saco de cabedal com objectos de criança; uma caneta de tinta permanente; uma lapiseira; uma lancheira contendo roupa usada; uma taça de prata; e carteira de homem com dinheiro e carta de condução de Casimiro Félix Alcaide.

Camara de Comércio

Internacional

Partiu para Paris, onde, vai assistir á 91.ª sessão do Conselho de Camara do Comércio Internacional, o sr. Carlos Mantero, presidente da delegação portuguesa e vice-presidente daquele conselho.

O conselho será informado dos resultados da conferência diplomática para a revisão da Convenção de Paris sobre a protecção da propriedade industrial, que recentemente se reuniu em Lisboa, e para a qual muito contribuiram os trabalhos da Camara do Comércio Internacional.

Municipio de Torres Novas

Foram nomeados presidente e vice-presidente da Camara Municipal de Torres Novas, respectivamente, os srs. dr. Evaristo Baptista de Matos Branco e Fernando Nuno Martins da Cunha.

Os «ratos» de automóveis

em Lisboa

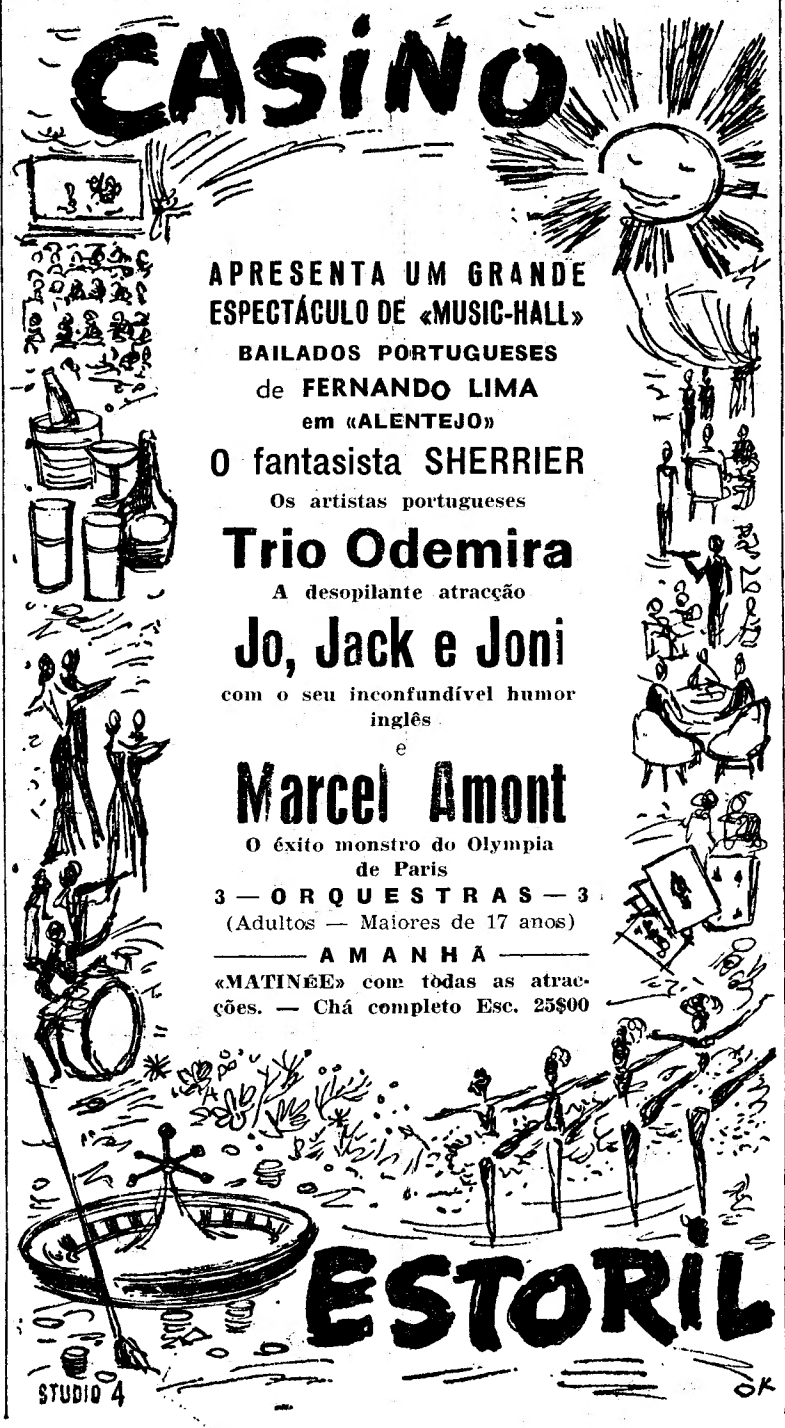
Os «ratos» de automóveis, apesar da intensa vigilancia da Polícia Judiciária, continuam as suas proezas, algumas delas por processos rocambolescos.

Assim, na 6.ª Secção da referida Polícia está em instrução um processo motivado pelo desaparecimento de uma moto, marca «Triumph», modelo «Tiger», azul, e com a matrícula L L 14-61. Apesar das diligências até agora levadas a cabo, ainda não foi possível a sua apreensão. A P. J. presume que o referido veículo tenha sido transaccionado e conduzido para a Província.

Mas a acção dos larápios faz-se ainda sentir de maneiras diferentes, não só pelo modo como são praticadas as suas proezas, como também pela variedade de objectos que vão sendo apreendidos e que se encontram depositados na arrecadação da P. J. Entre eles contam-se agora vários artigos, nomeadamente malas de viagem, gabardinas, roupas de senhora, guardas-chuva, pastas de cabedal e uma cigarreira. Podem ser identificados na 5.ª Secção (agente Fausto).

Por outro lado, as brigadas externas da P. J. prenderam esta madrugada o cadastrado Ernesto Rosa Moreira, que foi surpreendido na Rua Sidónio Pais, junto de diversos automóveis que ali se encontravam estacionados e eram alvo das suas atenções. No momento da captura foi-lhe apreendido um ferro apropriado para forçar as portas dos automóveis.

Conduzido á sede da P. J., e interrogado, o Ernesto confessou ter praticado durante a ultima semana vários roubos em carros que se encontravam estacionados na Rua Pinheiro Chagas e na Avenida Miguel Bombarda. Como não tem modo de vida definido e ainda por que existem mandados de captura da Comarca de Ponte de Sor, a Secção Central, além dos processos-crimes, está ainda a instaurar-lhe os competentes processos de segurança, por vadiagem.



Mocidade Portuguesa

Começou hoje a XII prova de aptidão do graduado

Começou hoje e termina amanhã, com o regresso a Lisboa, dos filiados, a 12.ª prova de aptidão do graduado, promovida pela Delegação Provincial da Estremadura da Mocidade Portuguesa, e que este ano se efectua na Serra de Montejunto, sob a direcção do sub-inspector José Maria Freixial Janeiro, tendo como adjunto o chefe de serviços Vítor Hugo Rodrigues.

Os trezentos graduados que tomam parte na prova foram divididos nas categorias «A» e «B», respectivamente para comandantes de Castelo e de Grupo e para comandantes de bandeira.

A partida efectuou-se ás 14 horas, seguindo os rapazes em autocarro até Abrigada e Vilar-Cadaval, onde ás 16 horas, começou a primeira fase da prova.

Assistiram á partida dos filiados os srs. dr. Leopoldino de Almeida, delegado provincial da Estremadura da M. P., major Sales Grade, subdelegado regional de Lisboa e outros dirigentes.

A sequência das provas depende da natureza do terreno e os graduados pernoitam em acampamento a montar próximo de Cabanas do Chão, onde será acesa a «Chama da Mocidade».

Amanhã, depois da uma missa em Abrigada, começará a segunda fase da prova.

O regresso a Lisboa está previsto para as 20 horas de amanhã.

Reuniões de Curso

Antigos alunos da Faculdade de Ciências

Esta noite, no restaurante Alvalade, reunem-se num jantar de confraternização, setenta dos alunos que frequentaram os cursos da Faculdade de Ciências de 1923 a 1928. Será convidado para presidir ao jantar o dr. José Mendonça Costa, reitor do Liceu Bocage, de Setubal, que, ao tempo, foi o presidente da Associação Académica. Entre os que estão inscritos, contam-se o nosso prezado camarada na Imprensa, dr. Fernando Teixeira chefe de redacção do «Diário Popular».

«As bodas de prata» de um curso médico

Comemorando as suas «bodas de prata», o curso médico que concluiu a sua formatura há 25 anos fez de hoje um dia de confraternização. De manhã, o curso visitou a Faculdade de Medicina e apresentou cumprimentos ao seu director tendo, depois, o prof. dr. Cid dos Santos proferido uma alocução subordinada ao título «25 anos de vida médica.

A' noite, no Estoril, realizar-se-á um jantar de confraternização.

Curso jurídico de 1933

A reunião do curso jurídico que concluiu a sua formatura na Faculdade de Direito de Lisboa, em 1933 foi adiada para o dia 22.

Parque de estacionamento

nos Restauradores

No prosseguimento da remodelação da Praça dos Restauradores, passou a funcionar o parque de estacionamento que ali existia, na medida em que o seu estado actual o permite. Quando da sua interdição, por motivo das obras, foi substituido, com carácter provisório pelo que está funcionando na Praça D. Pedro IV. Este manter-se-á, porém, até que seja possível o aproveitamento integral do da Praça dos Restauradores.

Teatros e Cinemas

«O Diário de Anne Frank», no Trindade

Não há tarefa tão grata aos homens de boa vontade ou, mais restrita e concretamente, no caso presente, a todos os que amam o teatro e a sua (tão protelada e dificultosa) reabilitação entre nós, como a de reconhecer e incentivar as iniciativas bem sucedidas. E hemos de convir desde já em que, com tudo aquilo que nos traz de muito bom e de menos bom, a versão portuguesa do «Diário de Anne Frank», que o Teatro Nacional Popular ontem levou á cena do Trindade, representa efectivamente um esforço logrado, um espectáculo de modelar dignidade. Empresa difícil, melindrosa, que teria de esclarecer um crepusculo de desconfiança, de augurios pessimistas. E isso aconteceu afinal, com seu quê de milagre, como todas as coisas verdadeiramente belas, logo que, amplificada pelo alto-falante, a voz, gravada, da narradora, de Maria Armanda, de hoje em diante a «nossa» Anne Frank, encheu o teatro com a sua dramática pureza.

Se é certo que Frances Goodrich e Halbert Hackett conseguiram teatralizar, sem o trair, esse singular testemunho — unico na história da literatura — de uma consciência em gestação, na fase delicadissima do transito da infancia para a adolescência, sob a pressão das mais anómalas, asfixiantes, circunstancias, um cometimento de menor grau, mas igualmente importante (teatro é a conjugação perfeita de quantos se propõem levar ao palco a vida ficta e iluminada pelo símbolo) restava ao encenador português, mesmo aceitando a lição de Garson Kanin: o de salvar, a todo o transe, a trágica naturalidade de um documentário mais interior que exterior, defendendo-o da ênfase, que tudo houverá comprometido. De um modo geral — e mercê também da descoberta, essencial, de uma pequena actriz de impressionante talento — esse propósito vingou. Assim comunica connosco este «Diário de Anne Franck», plasticizado em dois actos, que correspõndem aos dois tempos da estranha e comovedora menina-mulher, através dos dez quadros em que lentamente se desdoba, entrecortada de choques, a existência promiscua daqueles oito israelitas perseguidos e, em ultimo recurso, enclausurados num sótão de Amesterdão: assim nos penetra dolorosamente a mensagem, o humanissimo registo daquela «graça» especial da infancia, daquela tumultuante e luminosa alegria que nem as mais amargas contingências podem mirrar. Pois todo o fundo da acção, todos os laços que entre as personagens secundárias se entretecem, suas quesílias terrivelmente avolumadas pelo panico, pelo excesso deteriorante de convívio, pela egoísta necessidade de sobrevivência, seus rasgos de elegancia moral, de piedade ou de aflita baixeza, tudo isso mais não é ainda do que o parado cenário onde uma adolescente, progressivamente e profundamente, descobre, entre a candura e o cinismo (entendido este, na acepção helénica, como expressão total da verdade) mais autênticos, os grandes segredos da existência. E' agudissimo nesta peça, como no Diário que ela, sensível e rigorosamente, ilustra, animando-o no palco, o desvendar psicológico das figuras: os pequenos vícios que se soltam, as pobres «maneiras» que se corrompem, as virtudes que, em contrapartida, se acendram naquele tão familiar «anexo» habitado pelo silêncio do medo durante infindas horas, pelos monstros indomáveis e grotescos da cólera (todas as personagens estão sempre presentes, reforçando o opressivo e inelutável clima de promiscuidade, nos diversos planos da cena), quando só a furta o sol da esperança e da paz punge numa locarna azul que duas crianças espreitam, sobre a cidade defesa, atroada pelas botas nazis sujeita a todos os desmandos e violências, aos absurdos desmandos de um arbitrário e enlouquecido poder. Mas tudo isso é ainda apenas o condicionamento de uma crescença paradoxalmente, miraculosamente livre e tocada de maravilha, nessa prisão que acorda mais fortes as revoltas peculiares da adolescência, mas que não tolhe as revoadas da fantasia nem impede o coração intacto de Anne Franck de, confiante, descobrir, analisando-se em voz alta, os êxtases singelos e eternos do amor. Essa mensagem de esperan-

(Continua na página seguinte)

As figuras da peça «O Diário de Anne Frank», vistas por Fernando Bento

Prisão de um empregado que furtava dinheiro da obra onde trabalhava

Constantes desaparecimentos de dinheiro comprometiam há tempos o encarregado de uma obra na Amadora, sr. Francisco Dias, e alguns operários que ali trabalhavam. Muito aborrecido com o caso e desejoso de salvaguardar a honorabilidade do seu passado, o sr. Dias resolveu investigar por sua conta, servindo-se de um estratagema que estudou e que lhe proporcionou um verdadeiro êxito. Depois de algumas tentativas malogradoras, para apurar quem ia ao local onde se guardava o dinheiro, o sr. Dias resolveu marcar todas as notas com uma cruz a tinta azul. O larápio não se apercebeu da armadilha e acabou por cair nela.

Foi o empregado Francisco Rocha, que em determinado dia solicitou autorização para abandonar o trabalho mais cedo, para tratar de assuntos da sua vida particular, o que lhe foi concedido. Simplesmente, á saída sucedeu-lhe o imprevisto. Foi-lhe passada revista e nos bolsos encontraram-lhe diversas notas marcadas.

Já não seguiu como era de prever o seu destino, pois foi solicitada a intervenção da Polícia Judiciária, que se encarregou logo do caso.

A participação de queixa foi então distribuida á 5.ª Secção (agente Airosa, a quem o Rocha primeiramente negou as suas proezas. Mas os factos eram tão concretos, que, após ter caído em diversas contradições, confessou a sua actividade desonesta.

O processo seguiu hoje para o Tribunal da Boa-Hora.

O conflito com os aviadores brasileiros

RIO DE JANEIRO, 8 — Falando na Camara Federal, o deputado João Paienes, do Partido Social-Progressista, atacou violentamente os oficiais das Forças Aéreas, tornando-os responsáveis pela crise que acaba de se declarar

Sublinhou a falta de disciplina desses oficiais e concluiu pedindo que as Forças Aéreas sejam colocadas sob o comando da Marinha e do Exército de Terra.

Carlos Lacerda, «leader» da oposição, respondeu com o mesmo vigor e acusou o general Teixeira Lott de ter sido nomeado para gerir interinamente o Ministério da Aeronáutica com o unico objectivo de enxovalhar os oficiais aviadores, esclarecendo que o plano fora premeditado. — (F. P.).

O incidente com a cantora Maria Callas

LOS ANGELES, 8 — A cantora Lionie Rysanek, actualmente nesta cidade integrada na companhia de ópera de San Francisco, foi contratada para substituir Maria Callas, na Opera de Nova York.

«Quando o empresário Rudolph Bing me telefonou ontem» — declarou a cantora — mostrava-se muito aborrecido pelo incidente com Maria Callas». Bing já me contratara para cantar óperas italianas, como «Aida» e o «Don Carlos». Pediu-me agora que o ajudasse indo a Nova York cantar a «Macbeth».

Lionie recusou-se a comentar o incidente Callas-Bing, mas declarou que não compreendia a afirmação da Callas de que era uma «artista» e não trabalhava para viver. «Todos nós ganhamos dinheiro, mas somos todos artistas». — (A. N. I.).

Morreu um Português na Venezuela mordido por um cão raivoso

CARACAS, 8.—Ontem, 34 pessoas foram mordidas por cães danados, o que eleva a 78 o numero conhecido das vitimas, desde o começo da semana. Se, de modo geral, os indivíduos mordidos puderam ser tratados a tempo, há, porém, dois casos tristes: o de um Português de 27 anos, que não tendo o cuidado de se vacinar depois de ser mordido, veio a falecer no hospital, depois de longas horas de sofrimento atroz, e o de uma criança de 6 anos, que morreu ontem em circunstancias idênticas.

As autoridades tiveram de se decidir a mandar abater todos os cães vadios da cidade e dos arredores calculando-se que somam muitas dezenas de milhares. — (France Presse).

A SORTE GRANDE é sempre caprichosa

PARIS, 8.—Uns vinte colaboradores do «Paris-Presse» ganharam 75 milhões de francos (uns 200 contos) na Lotaria Nacional.

Os caminhos da sorte são curiosos: o professor de cultura física de Cannes, Joignant, veio a Paris, a fim de protestar na redacção daquele jornal, que lhe prometera, há seis meses, um artigo sobre o seu invento, «um submarino sem hélice».

Depois de ter posto os pontos nos iii, Joignant foi almoçar com um jornalista, o qual, ao aproximar-se um cauteleiro, lhe pediu: «Escolha uma cautela para mim e para os colegas. Você é do Sul e, no Sul, as pessoas, têm geralmente, a mão certeira para estas coisas».—(F. P.).

Autoridades administrativas

VIANA DO CASTELO, 8 *(Pelo telefone).*—O governador civil do distrito, engenheiro Reis Faria, deu posse, do cargo de presidente da Camara Municipal de Paredes de Coura, ao sr António José da Cunha Barbosa, proprietário e comerciante. Estiveram presentes ao acto os srs. dr. Araujo Novo, da Comissão Distrital da União Nacional, páraco Bruno Joaquim da Cunha da Comissão Concelhia e outras entidades. Usaram da palavra os srs. engenheiro Reis Faria, João Sequeiros, dr. Araujo Novo e o empossado.

Tome sal de fruta ENO, todas as manhãs para manter essa sensação de bem estar.
ENO com as suas propriedades anti-ácidas, estimula o fígado e actua como laxante suave.

SAL DE FRUTA ENO

ENO e SAL de FRUTA são marcas registadas

HOTEL EMBAIXADOR
no «TERRAÇO DAS ESTRELAS»
HOJE, ás 23 e 30, ESTREIA DO
TRIO BOREAL
E ULTIMA EXIBIÇÃO DE
RINO SALVIATI
(Adultos — Maiores 17 anos)

Na «COZINHA ALENTEJANA»
HÁ: EMENTA, BOLARIA, PESSOAL E AMBIENTE DO ALENTEJO
UNICO RESTAURANTE PROVINCIAL EM LISBOA
Recomenda-se a marcação de mesas, que serão respeitadas até ás 20.30 horas, para jantar
Av. do Aeroporto, Lote 66 — Telef. 727071 — LISBOA
«ENCERRA ÀS SEGUNDAS-FEIRAS»

Cafés d'A Mariazinha

TEATROS E CINEMAS

(Continuação da página anterior)

ça, tão clara e preciosa em nossos dias, flutua, inclusive nos momentos mais amargos, sobre a acção, envolve as palavras e os gestos, banha, por exemplo, mais do que a luz real, as cenas de vaga e como que não especifica religiosidade, que transcende a sua leve tintura, acidental, de judaísmo. Religião de paz e de amor, de esperança e de verdade, corporal e espiritual, é bem a de Anne Franck.

Se a jovem Maria Armanda, que apenas conta treze anos, foi a pedra de toque da representação, traduzindo, com uma disciplina e uma intuição admiráveis, toda a exuberancia, a pureza natural, a seiva, a força de carácter, o desabrochar de feminilidade da figura de Anne Franck, através de cuja análise as outras figuras, obrigatóriamente em segundo plano, se erguem e se compõem, vultos que são ainda do universo dela — não devemos tão-pouco calar o quanto esta peça deve ao trabalho exemplar de artistas como Francisco Ribeiro, quase inexcedível no modo como recorta a silhueta atrabiliária, pitoresca, do dentista Dussel, com uma simplicidade de processos que acentua, dentro de um realismo incisivo e adequadamente cómico e enérgico, o abismo entre a criança, ou a sua visão, e os quistos do adulto, sua corte de pífios fantasmas, de rotinas.

O mesmo se pode dizer, por exemplo, de Isabel de Castro (nem sempre os papéis pequenos resultam os menores), que inteligentemente sacrifica todo o brilhantismo de que é capaz, com facilidade, a um exacto tom baço de movimento e de expressão, no papel da irmã bondosa e neutra, insulada na sua docilidade, sem poder comungar com ninguém naquele sótão onde o pavor chega a insinuar um desejo de explosão, de solução brutal, seja ela qual for. Não menos rigoroso e meritório é o trabalho, tão espinhoso, de Canto e Castro, obrigado a meter-se na pele (e até fisicamente o consegue) de um rapaz de dezasseis anos, tímido e doce, com repentes de violência, cioso dos seus afectos e segredos, o companheiro eleito de Anne, seu par na nobreza ingénita, paralelo anseio que com ela, em dois beijos castos, apetece o amor.

Ingrato, pelos escolhos que oferecia, era o desempenho de Otto Franck, o homem sempre serenamente corajoso e alinhado perante a adversidade, sempre compreensivo, tão puro e realizado, sobretudo tão natural, como ser humano, que a todos infunde um afectuoso respeito, e que os guia até ao momento da irremediável denuncia, através os sobressaltos e os terrores daqueles dois anos, o pai a cuja branda luminosidade Anne apaixonadamente se acolhe, na fase de hesitação inconsciente em que o complexo de Edipo a domina, no seu tatear de menina inquieta e vibrante. Essa figura, deu-a amiude Fernando Gusmão — quer-nos parecer —, com excessivo sublinhado de gesticulação dramática, fugindo á sobriedade do plano em que devia fosforescer tão-sómente a firme bondade da personagem, mais esbatidamente, ou a dor funda do homem tranquilo, e sempre em relação mais íntima com Anne, mesmo no prólogo funcional da peça, que talvez requeresse um aliciamento fantasmático.

Tal não significa, entretanto, negação do talento com que Fernando Gusmão criou essa figura, senão apenas um reparo áquele desajuste de tom, a uma dissonancia que prejudica, aqui e além, o ritmo e o alcance comunicativo da peça.

Maria Lalande, pelo contrário, sendo habitualmente propensa aos grandes lances histriónicos, num estilo que se nos afigura hoje ultrapassado, soube quase sempre conter-se dentro dos limites austeros da personagem da mãe, sugerindo a tensão que a domina e a silencia, excepto nos trechos em que a «furia» era de rigor. Costa Ferreira — não há intenção hierárquica nesta ordem de improviso — muito certo e mesmo por vezes cintilante, na justa medida, em sua composição do sr. van Daan, o mais fraco, o mais trivialmente pecaminoso e brutal, o mais grosseiro, mas tão humano, dos oito sequestrados voluntários de Amesterdão. E ainda — longa vai já a resenha — uma menção de louvor para Luís de Campos, um correcto Kraler; para Fernanda de Sousa, a sr.ª van Daan; para Ligia Teles, de tão fresca e elegante presença.

Sendo a encenação, no geral, excelente, com uma qualidade profissional e um escrupulo, uma compreensão dos cambiantes que fazem honra a Francisco Ribeiro e trazem o seu selo, haveria, no entanto, restrições a fazer-lhe, das quais, posto que outras vão já implícitas no que ficou dito, apenas aqui se aponta a chocante falta de transição na passagem de Anne Franck (quando dialoga com o pai) da vigília para o sono, em que bruscamente mergulha, quase sem alteração da vos, com espanto do espectador. Quanto ao cenário multiplo, humilde, mas atiladamente, herdado de Boris Aronson, há que registar ainda, com incondicional aplauso, o nome de Reinaldo Martins, que o realizou. Os efeitos luminosos, ao serviço das mais ténues intenções emocionais, são sempre felizes. Limpa e expressivamente oral, á parte uma ou outra minudência discutível, a tradução de Luís Galhardo e Francisco Mata.

Termina a peça com uma frase magoada e límpidamente bela (pouco importa que não seja o remate do «*Diário*» de Anne Franck», uma vez que lhe resume, de certo modo, o espírito contínuo):

«Apesar de tudo, eu continuo a acreditar na bondade humana». Frase que acende no nosso espírito a comovida lembrança dessa jovem debilitada, que acaso teria sido uma genial romancista, se no campo de concentração de Bergen-Belsen não houvesse expiado com a morte, sem outro motivo que o de ter nascido judia, a irracional ansia de afirmação e de poder do mais arrogante nacionalismo autoritário do nosso conturbado século.

U. T. R.

*

O chefe do Estado asistiu a esta estreia do «Diário de Anne Franck», que colheu uma das mais fartas e auspiciosas searas de aplausos com que entre nós se tem iniciado uma temporada teatral.

Atrás do reposteiro

Está assente que o actor João Villaret reaparecerá no Teatro Monumental, na interpretação da principal figura duma peça inglesa, ainda sem título português.

—Para a companhia do Teatro Avenida, está a traduzir uma peça americana o jornalista Redondo Junior.

—Deixou de fazer parte do elenco do Teatro de Gerifalto, a actriz Fernanda Montemor.

—O actor Mário Pereira, substituirá o seu colega Luís Filipe, no desempenho da comédia «O mentiroso», em cena no Teatro Avenida. Este actor volta para a companhia Amélia Rey Colaço-Robles Monteiro.

—Vasco Morgado, projecta estrear no mesmo dia a peça «Gigi», no Teatro Monumental, e a comédia «A rainha do ferro-velho», no Teatro Sá da Bandeira, do Porto.

—Depois de amanhã, segue para Paris o tenor Tomé de Barros Queirós, que ali fará uma gravação de discos.

—Para a companhia portuense de revistas, foi contratada a actriz Nantília de Oliveira, que amanhã parte para o Porto, a fim de começar a participar dos ensaios da revista «Canção do Porto».

—«Aqui é Portugal» e «Isto é Brasil», são os títulos dos finais de acto da revista em ensaios no Teatro Variedades.

—Parte na próxima semana para Marrocos a actriz brasileira Wilma Palmer.

—Está ainda em Lisboa e devem partir amanhã, para o Porto, o actor Rui Metelo, que faz parte da companhia portuense de revistas.

—Alina Vaz está indicada para fazer parte do elenco duma companhia de declamação.

Primeiras exibições

«A sede do mal» no Eden e no Roma

Deixaram que Welles terminasse o filme e deram-lhe alguma liberdade de acção.

Depois, acrescentaram-lhe algumas imagens (Vargas e a mulher no «hall» do hotel) e fizeram-lhe largos cortes (diálogos Quinlan-Vargas, Menzies-mulher de Vargas, Quinlan-Menzies).

Welles viu pela primeira vez o seu filme no Festival de Bruxelas, apesar da firma produtora ter afirmado que a obra «não tinha categoria de festival».

«A sede do mal» não é a obra mais funda, sólida e poderosa de Welles nem este o quis. A acção foi-lhe imposta e Welles trabalhou-a, desfigurou-a para a tornar aceitável.

E' uma história policial, ou melhor, antipolicial, na medida em que denuncia os abusos da Polícia, que podemos mesmo identificar com todos os poderes ditatoriais. Welles (em entrevista nos «Cahiers du Cinema») afirma que «no mundo moderno devemos escolher entre a moral da lei e a moral da simples justiça, isto é, linchar alguém ou deixá-lo livre. E esclarece: «Quinlan preocupa-se mais em assassinar em nome da lei que em levar os culpados á justiça e este é um argumento fascista».

Em «A sede do mal» encontram-se, enfrentam-se e lutam dois tipos humanos, Quinlan (Welles, o polícia corrupto, com alguma grandeza) e Vargas (Heston, o polícia correcto, menos humano na medida em que é um herói puro).

Quinlan, o anti-herói, é o mais formidável e, de certo modo, o mais simpático. Welles dá razão a Heston mas a sua simpatia vai para Quinlan. O filme é profundamente moral e pode até dizer-se uma fábula.

Welles mostra-se um actor enorme e um realizador total no uso da linguagem cinematográfica, na aplicação de um «suspense» menos linfático que o de Hitch e muito mais musculado, no ritmo, na própria trucagem (diálogo no automóvel), na condução dos actores (todos admiráveis, desde um Heston sóbrio, de uma Vivian Leigh frágil e docemente erótica a uma Marlene silenciosa e a um Akim Tamirof prodigioso). O filme é barroco, acidentado e veloz.

Peça interessante mas não essencial no universo de Welles «A sede do mal» violenta-nos e empolga-nos. — *Visor 100.*

No Monumental

estreia-se hoje o Teatro do Gerifalto

A empresa Laura Alves e o Teatro do Gerifalto, com subsídio do Fundo de Teatro e sob a direcção artística de António Manuel Couto Viana, inauguram hoje a terceira temporada de espectáculos infantis e juvenis no Monumental, que tanto interesse despertam sempre na gente de palmo e meio.

Estes espectáculos realizam-se, a partir de hoje, todas as tardes ás 18 e 15, nos sábados, domingos e feriados, para maiores de 4 anos e a preços populares desde 5$00.

LUSO

T. da Queimada, 8-A — Tel. 32389

Maiores 7 anos

Hoje (até de madrugada) cantam **BAPTISTA MARTINS** o cantor mais pequeno — **Alice Magina — Joaquim Geraldes — Aurora Sobral** — Odete Rosa e **João Viana** Vianinha. Acompanhamentos por: António Couto e José Inácio. **Amanhã — Grandiosa «matinée»**

SEMPRE O MELHOR EM MUSIC-HALL

Casapoga

TELEF. 23584
AV. DA LIBERDADE, 137
(ADULTOS M/ DE 17 ANOS)

A SENSACIONAL NOVIDADE DE QUE TODOS FALAM!

A FAMOSA PARELHA ITALIANA

SANDRO y MARISA

A MAIS EXTRAORDINÁRIA ATRACÇÃO EM FANTASIA ACROBÁTICA APRESENTADA EM PORTUGAL

EM VIBRANTE ÊXITO:

O maravilhoso e escultural **BALLET MILOS RISTIC**

A formosa vedeta **MARIA DEL SOL** Em admiráveis bailados

A notável parelha **HERMANOS ANTUNEZ** Em baile espanhol

Permanente musica de baile por **SÉRGIO E SUA ORQUESTRA**

Pela primeira vez em Portugal...

Para a iluminação dos grandes painéis de publicidade ao filme «OS DEZ MANDAMENTOS», foram preferidos, pela Direcção Técnica do «CINEMA IMPÉRIO», as novas lâmpadas reflectoras PHILIPS, de vidro prensado resistente ás intempéries.

... foram utilizadas lâmpadas-reflectoras **«ATTRALUX»-SPOT**

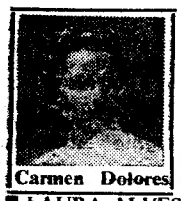
PHILIPS

LÂMPADAS **«ATTRALUX»-SPOT** E **«COMPTALUX»-FLOOD** **PHILIPS**

Para quê tanto segrêdo?

Há em Paris e em Londres caves existencialistas que despertam a curiosidade de muitos milhares de pessoas. Mas, Lisboa tem uma das mais lindas caves existencialistas do Mundo e poucos são os Portugueses que a conhecem ou sabem que, efectivamente existe. Foi graças á sua grande imaginação que o grande artista Vasco Costa, que vive em França há muitos anos e veio passar as suas férias ao Estoril, criou em Lisboa um recanto encantador. Um grupo de amigos dos proprietários do Bar D. Quixote, pediu-lhes autorização para divulgarem este segredo e dizerem a todos os Portugueses que no subsolo de Lisboa e dentro do Bar D. Quixote — Rua da Trindade, 9, existe de facto uma cave digna duma grande capital e que tem já uma frequência das mais selectas de Lisboa.

Merecem, pois, os melhores elogios os proprietários do bar, que são dignos de um grande êxito, por tão interessante iniciativa.



Carmen Dolores

NO **AVENIDA**

T. 27273
A's 21.45 h.
A EMPRESA
LAURA ALVES em colaboração com GIUSEPPE BASTOS
apresenta
UM ESPECTÁCULO HILARIANTE
da maior dignidade artística

O MENTIROSO

de CARLO GOLDONI
e ainda o prólogo de
MATOS SEQUEIRA
TRÊS PERSONAGENS À PROCURA DE UM PAPEL
pela companhia do «TEATRO DE SEMPRE»
Subsidiada pelo Fundo de Teatro

AMANHÃ
ás 16 horas
Espectáculo á tarde!
P. maiores de 17 anos

Mário Pereira

Leiam o jornal humorístico

Verão **fixe**

RITZ CLUB

ADULTOS (maiores de 17 anos)

MUSICA DE BAILE POR
VILAÇA E SUA ORQUESTRA
NO SALÃO TIPICO:
NOTÁVEL SERVIÇO DE CEIAS COM FADOS E GUITARRADAS

O «DANCING» DAS MULTIDÕES APRESENTA UM ELENCO DE GRANDES ATRACÇÕES COM

A MAIS QUERIDA DAS VEDETAS EM VIBRANTES SAPATEADOS
CHIQUI RODRI

A MAIS SURPREENDENTE REVELAÇÃO DO ANO:
LOS GRANADOS
UMA PARELHA DE BAILE QUE MERECEU A HONRA DE SER DISTINGUIDA COM UM LOUVOR OFICIAL, NA BÉLGICA

E, AINDA, OUTROS EXTRAORDINÁRIOS ÊXITOS!

HOJE

EM ESTREIA:
A notável e esbelta bailarina
MARY MERCEDES

2.ª FEIRA — ESTREIA
A escultural vedeta negra
R I T A
A rainha do «Rock and Roll» em novos ritmos alucinantes

Coliseu

TODAS AS CRIANÇAS podem ir esta noite ao Coliseu ver a sensacional companhia internacional de circo. Amanhã, dois espectáculos á tarde

Esta noite, todas as crianças podem aplaudir a sensacional companhia internacional de circo do Coliseu. Avalanche de superatracções. Espectáculo no ar e em terra. Palhaços, acrobatas, chineses, jongleurs, equilibristas, aramistas, perchistas, cães futebolistas, homens-rãs, escadas rolantes, e muitos outros fenómenos. Amanhã, domingo, dois espectáculos ás 14 e 30 e 17 e 15, com entrada gratuita ás crianças, até aos 10 anos, devidamente acompanhadas. A' noite ás 21 e 30.

CAFÉ CHAVE D'OURO

Salão de Chá

das 17,30 às 20
e das 22,30 às 3,30

Musica de dança pelo dinamico conjunto
«VERA CRUZ»
Com o vocalista
JÚLIO AMARAL

Maiores de 15 anos

Cartaz dos Cinemas

SÃO LUIZ — TEL. 27171
15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/17 anos)
2.ª SEMANA
A maravilhosa, deslumbrante e encantadora comédia de amor em technicolor
INDISCRETO
com Ingrid Bergman e Cary Grant

EDEN — TEL. 20768
A's 15.30 - 18.30 e 21.30
Um filme empolgante
A SEDE DO MAL
com Charlton Heston e Janet Leigh
O realismo esmagador de ORSON WELLES, num filme inesquecível.
Adultos — (Maiores de 17 anos)

CONDES — TEL. 22523
15.15 (p. r.) e 21.15 (M/17 anos)
2.ª SEMANA
A obra imortal de Vitor Hugo em Tecnirama-Technicolor
OS MISERAVEIS
com Jean Gabin, Daniele Delorme e outros

ALVALADE — Telefone 763084
15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/17 anos)
2.ª SEMANA
Conheceram-se... sabiam que não deviam... mas não puderam resistir
INDISCRETO
com Ingrid Bergman e Cary Grant
Technicolor

AVIS — Telefone 47105
15.30 (p. r.) e 21.45 (M/12 anos)
9.ª SEMANA
O mais belo romance musical
A RAPARIGA DAS VIOLETAS
com Sara Montiel e Raf Vallone

TIVOLI — TEL. 50595
A's 3 e 6.15 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite (M/17 anos)
Vittorio de Sica e Françoise Arnoul
no famoso filme francês
SEGREDOS DE ALCOVA
Amanhã ás 11 h. — S. Clás. «Escrito no vento» — (M/17 anos)

POLITEAMA — TEL. 26305
15.15 e 18.15 e 21.30 (M/17 anos)
Outro êxito de sensação
com Gregory Peck e Joan Collins em
VINGADOR SEM PIEDADE
A brutal aventura de um homem ultrajado. — (Cinemascope).

MONUMENTAL — TEL. 55131
A's 15 e 21 h. (M/17 anos)
2.ª SEMANA
O maior acontecimento da cinematografia europeia
OS MISERAVEIS
com Jean Gabin, Daniele Delorme e outros
Tecnicolor — Tecnirama

ODEON — Telefone 26283
15.15 - 18.15 e 21.30 (M/12 anos)
2.ª SEMANA
Um espectáculo gracioso, alegre e sentimental
O PINGA AMOR
com Pedro Infante e Rosita Quintana
Boas canções, boa disposição e situações complicadas.
Bilhetes á venda para toda a semana

S. LUIZ 2 — TEL. 48560
A's 21 (M/17 anos)
SAYONARA
Complementos seleccionados

CASINO ESTORIL
Cinemascope
O AMOR SUBIU DE PREÇO
com José Ferrer
21.30 (M/17 anos)

IMPERIO — Tel.: 551.34-5
A's 15 e 21 h. (M/12 anos)
6.ª SEMANA
O maior acontecimento da história do cinema
OS DEZ MANDAMENTOS
de CECIL B. DE MILLE
com um elenco fabuloso
— Rigoroso Exclusivo —
Amanhã ás 11 h. — Ses. Cine-Clube «As noites brancas» — (M/17 anos)

SÃO JORGE — BALCÃO 54154 PLATEIA 54153
15.15 - 18.15 e 21.30 (M/17 anos)
2.ª SEMANA
O maior acontecimento Cinematográfico!
KENNETH MORE em
A TRAGÉDIA DO TITÂNIC
Um exclusivo deste Cinema

ROMA — Telefone 727778
15.30 e 18.30 (p. r.) e 21.45 (M/17 anos)
Um filme escrito, dirigido e interpretado por Orson Welles
A SEDE DO MAL
com Charlton Heston, Janet Leigh

RESTELO — Telefone 610.97
21.15 (M/17 anos)
AS NOITES DE CABIRIA
c/ Giulietta Masina

ROYAL — TEL. 445037
A's 21 (M/17 anos)
Vistavision
O HOMEM QUE FAZIA CHOVER
com Burt Lancaster
No progr.: **Capitão Smith**

CINEMA IDEAL — Telefone 24194
A's 21 (M/12 anos)
O GRANDE CARUSO
O caminho do diabo

TERRASSE — TEL 20917
A's 21 (M/17 anos)
ESCOLA PARA CASADAS
Paulo e Carolina

TEATRO MONUMENTAL

T. 55133
EMPRESA LAURA ALVES

* HOJE, ÁS 21.45 HORAS *
Adultos maiores 17 anos

Esta peça, apesar de continuar a esgotar as lotações, entrou em

5.ª e

ultimo mês, devido a compromissos tomados com o empresário Rocha Brito, do Teatro Sá da Bandeira, no Porto

Amanhã, espectáculo á tarde ás 16 h.

A SEGUIR: a peça francesa de COLETTE
«GIGI»

TEATRO INFANTIL

HOJE ás 18.30 h. ESTREIA
Maiores de 4 anos

AUTO DAS TRÊS COSTUREIRAS
de António Manuel Couto Viana
DO CIMO DESSE TELHADO
de A. M. Couto Viana
O NOSSO AMIGO SOL
de Lília da Fonseca

Três maravilhosas peças interpretadas por: **Maria Albergaria, Rosina Rego, Fernanda Alves, Teresa Continelli Telmo, Elvira Pais, António Anjos, Eduardo Silveira, Ruy Mendes e Morais e Castro**
Sob a direcção de **António Manuel Couto Viana**
Cenários de: **José Amaro, Nuno San Payo e Augusto Sobral**
Figurinos de: **António Vaz Pereira, A. M. Couto Viana e Ruy Mendes**

TEATRO DO GERIFALTO
SUBSIDIADO PELO FUNDO DE TEATRO

NOVA GERENCIA
ADULTOS
Maiores 17 anos

MAXIME Dancing

HOJE: EM PLENO ÊXITO
A EXCEPCIONAL PARELHA DE BAILE ALEMÃ:
MARIANNE and WALT MARWA
O ESCULTURAL E DINAMICO **BALLET OLYMPIA GIRLS**
E, AINDA, TODO O ELENCO COM
TRUDY GERALDILLO — MATILÓ — EMY GERALDILLO
ESTEVÃO e sua orquestra — JOSÉ MAGALHÃES e sua orquestra

Esplanada do Rato
Cozinha à Portuguesa

PENSÃO MONUMENTAL
COMPLETAMENTE REMODELADA
Casa recomendada serviço de bom hotel
R. da Glória, 21 — Tel. P B X 29807

ARIA VITÓRIA

Emp.ª «E. Salvador e Rui Martins, Ld.ª»

2 Sessões ás 20.30 e 22.45
Adultos — M/ de 17 anos
AMANHÃ
Esp.ª á tarde ás 16 horas

RIR ATÉ ÁS LÁGRIMAS
COM A MELHOR REVISTA DE
SALVADOR
POR CAUSA DELAS..
com
BIBI FERREIRA — ANTÓNIO SILVA
BARROSO LOPES — HUMB. MADEIRA
MIMI GASPAR

PERLA CRISTAL
com EL BEBO

Tel. 20000 **TRINDADE** (17 anos)
HOJE, ÁS 21,45 HORAS
O TEATRO NACIONAL POPULAR APRESENTA O MAIOR ÊXITO MUNDIAL DOS ULTIMOS ANOS
O DIARIO DE ANNE FRANK
DOMINGO MATINÉE ÁS 16 HORAS
Devido ás caracteristicas especiais deste espectáculo, o pano sobe pontualmente ás 21,45. Depois dessa hora e até final do primeiro acto a direcção do teatro lamenta mas não pode permitir a entrada ao publico na sala.

DESPORTOS

O «NACIONAL» DA 1.ª DIVISÃO

F. C. Porto e Benfica
vão travar no Estádio das Antas
um autêntico «duelo de gigantes»

O acontecimento máximo da 9.ª jornada, que marca uma fase crucial deste campeonato, desenrola-se no Estádio das Antas com um embate que prevê, não se hesitando em garanti-lo, extraordinàriamente emotivo. Todos os outros encontros limitam-se a ter um interesse relativo, embora, como é evidente, os respectivos protagonistas tudo tentem para melhorar as suas posições.

Os jogos para amanhã são os seguintes:

F. C. Porto-Benfica
Sporting-Caldas
Cuf-Guimarães
Lusitano-Académica
Setubal-Sp. Covilhã
Sp. Braga-Belenenses
Torriense-Barreirense.

Dos seis primeiros classificados, três (Benfica, Belenenses e Vitória de Guimarães) jogam «fora de casa». Isto é um indício seguro de lutas entusiásticas, cujos resultados, no caso dos visitados saírem vencedores, provocarão sensíveis alterações na tabela da classificação, conferindo até ao torneio um interesse especial. Pelo menos, evitará uma prematura monotonia...

A personalidade do Benfica e três pontos de avanço contra uma inquietante tradição

Em face das estatísticas, verifica-se a superioridade actual do Benfica: 1.º lugar, isolado, com três pontos de avanço; avançados mais realizadores (30 contra 19 golos) e defesa menos batida (7 contra 9 golos). Além disso, os «encarnados», não perderam ainda, ao passo que os nortenhos só triunfaram quatro.

Isto parece á primeira vista suficiente para se acreditar nas possibilidades dos visitantes.

Mas os visitados constituem um grupo poderoso, recheado de unidades das mais valiosas do nosso futebol, e há ainda uma questão sentimental — a tradição. Em circunstancias idênticas, o Benfica baqueou nas Antas e amanhã pode repetir-se a história. Todavia, a personalidade dos «encarnados», o seu estilo actual (futebol atlético) e o engodo que os seus avançados estão a demonstrar pela baliza são factores a considerar... e muito. Mas o F. C. Porto é capacissimo de responder com as mesmas armas, pelo que a hipótese de um empate não é de desprezar.

Prevê-se um jogo em grande, duro, encarniçado, vibrante e replecto de lances pouco indicados... para os cardíacos.

BENFICA ..... 14 pontos
6 vitórias e 2 empates

PORTO ..... 11 pontos
4 vitórias, 3 empates e 1 derrota

Os «encarnados» perderam os ultimos 8 jogos disputados nas Antas.

O árbitro terá de estar muito atento e os jogadores só beneficiarão ás suas equipas e o espectáculo, se pensarem em prestigiar-se a si próprios.

Sporting e Belenenses com tarefas diferenciadas

A despeito de não ter assentado num «onze» definitivo, o Sporting parece encarreirado para derrotar o Caldas, previsão que se aceita sem rebuço, mesmo que os visitantes se empenhem num «ferrolho» persistente.

Já o Belenenses, que vai a Braga, tem tarefa diferente, mais espinhosa, apesar dos bracarenses não poderem apresentar o seu melhor «onze».

Os avançados «leoninos» e «azuis» têm, portanto, uma missão fundamental. Os primeiros naturalmente não deverão esquecer-se que a afinação do pé é indispensável, e os segundos terão que acautelar a eficácia do conjunto, dado que é de prever uma toada de ataque por parte dos bracarenses. Muitos e bons remates é o lema que se apresenta aos dois representantes de Lisboa.

Miscelanea de vaticínios

Cuf e Vitória de Setubal actuam no seu ambiente, sinal de que os espíritos não estarão perturbados, pelo que os vimaranenses e covilhanenses, respectivamente, não podem confiar. Todavia, os minhotos reunem maiores possibilidades desde que o seu famoso trio central brasileiro aja de acordo com as exibições anteriores.

Vaticínio. Favoritismo para os visitados.

Académica e Barreirense, na «zona perigosa», vão a Evora e Torres Vedras. Os «estudantes», em fase de visível perturbação psicológica, defrontam o moralizado Lusitano. Em contrapartida, o Barreirense, que não deve pensar em defender-se, terá pela frente um Torriense que há três domingos não ganha. Prevêem-se, portanto, grande somatório de dificuldades para os visitantes, salvo se surgirem surpresas.

TORNEIOS DE FUTEBOL

Leixões e Atlético
— os guias da classificação
vão jogar a Chaves e a Moscavide

Com os encontros correspondentes á 10.ª jornada, prossegue amanhã o torneio da Zona Norte do Campeonato Nacional da 2.ª Divisão. A posição das equipas na tabela da classificação assegura o interesse pela «ronda de amanhã» que comporta os seguintes encontros:

Chaves (10)-Leixões (15)
Tirsense (6)-Oliveirense (13)
Peniche (8)-Boavista (14)
Marinhense (8)-Gil Vicente (6)
Portalegrense (2)-Vianense (9)
Salgueiros (8)-Espinho (9)
Sanjoanense (9)-Vila Real (9)

Indicam-se entre parentesis os pontos de cada equipa para a classificação. Ressalta imediatamente á vista que os três primeiros da tabela, podendo modificar entre si as posições que ocupam, mas sempre sem correrem o risco de caírem no 4.º lugar (entre o 3.º e o 4.º há uma diferença de 3 pontos), vão jogar aos campos dos adversários. E porque o Chaves, o Tirsense e o Peniche, quando actuam em sua casa são sempre mais difíceis de dominar, não podem o Leixões, Oliveirense e Boavista encarar de animo leve os seus desafios de amanhã. Não vamos, porém, ao ponto de lhes retirar o favoritismo, pois julgamos que a sua aplicação ao jogo será constante, como se lhes exige.

Nos restantes encontros a previsão é de lutas equilibradas, com mais probabilidades dos visitados levarem a melhor. A excepção do jogo de Peniche, em todos os campos se defrontam grupos com a pontuação muito igual, a meio da tabela e tentando aproximar-se do trio da frente.

*

Na Zona Sul o programa apresenta-se assim:

Arroios (6)-Atlético (15)
Sacavenense (7)-Farense (7)
Almada (10)-Oriental (11)
Desp. Beja (6)-Coruchense (5)
Montijo (10)-Serpa (8)
Estoril (11)-Juventude (8)
Olhanense (11)-Portimonense (11)

Entre parentesis indicam-se os pontos de cada equipa para a classificação.

Com um guia destacado — o Atlético — a jornada tem maior interesse na parte que respeita á luta para as posições secundárias. E dentro desta faceta, os jogos de Olhão, do Estoril e de Almada apresentam-se como os de maior expectativa. São lutas difíceis para os seis clubes que nelas intervêem e, por isso mesmo é custoso arriscar um vaticínio. O Olhanense e o Oriental são grupos de maior cartel que os seus adversários, mas isso não deve bastar. O Estoril será porventura, equipa com tarefa menos difícil do que aquelas duas, mas precisa de aplicar-se a fundo. Vaticinamos, pois, resultados nivelados — e nada mais.

Outro jogo de interesse é o Sacavenense-Farense, entre duas equipas com igual pontuação... e muito capazes de manter essa igualdade.

Nos dois restantes encontros são favoritos o Atlético e o Montijo.

As competições da A. F. L.

O programa dos jogos da A. F. L. apresenta-se amanhã mais vasto do que nos ultimos domingos, pois inicia-se o campeonato distrital da 2.ª Divisão, de seniores. Estão previstos, portanto, os seguintes 23 desafios:

1.ª Divisão — Desp. Olivais-Alhandra, em Moscavide, ás 10 (honra) e ás 13 (reserva); S. L. Olivais-Casa Pia, nos Olivais; Operário-Futebol Benfica, em Chelas; Alverca-Vitória, em Alverca; Vilafranquense-Sintrense, em Vila Franca de Xira — todos ás 15 e ás 13 horas, respectivamente, em honra e reservas.

2.ª Divisão — Palmense-Desp. Castelo, em Palma; Povoense-Ericeirense, na Póvoa; Charneca-Odivelas, no campo de chão de Loureiro; Est. Amadora c. Amoreiras, na Amadora; Santa Iria e S. L. Fanhões, em Santa Iria — todos ás 15 horas, em categoria de honra.

Juniores — 1.ª Divisão (Série A) — Sporting-Algés, em Alvalade, ás 10 horas; Belenenses-Arroios, no Restelo; Atlético-Palmense, na Tapadinha; Cascalheira-Estoril, em Palma — os três ás 10.30 horas. **Série B** — Vialonga-Oriental, em Vialonga; Charneca-Benfica, no campo do Chão de Loureiro; Torriense-Povoense, em Torres Vedras; Alhandra-Olivais, em Alhandra — todos ás 10.30 horas.

O Sporting na Bélgica

Na próxima segunda-feira, segue para Liége, num avião da TAP, a equipa do Sporting, que no dia 12, ás 19 e 30 horas, jogará com o Standard, o segundo jogo dos oitavos de final da Taça dos Campeões Europeus.

A comitiva «leonina» é constituida pelos jogadores Octávio de Sá, Carvalho, Caldeira, Galaz, Pacheco, Mendes, Hilário, Julius, Hugo, Ivson, Caraballo, Diego, Morais e Martins.

Deslocam-se também os directores, srs. Martinho de Oliveira e Gentil Martins, o treinador Fernandez e o massagista Manuel Marques.

O jogo será dirigido por Leqvesne que será auxiliado por Bois e Herzic, todos franceses.

Otto Bumbel fechou contrato com a Académica

Ficou ontem decidido contratar os serviços do treinador Otto Bumbel, após a assembleia geral extraordinária dos sócios das secções desportivas da Académica. Otto Bumbel acompanha já amanhã a sua nova equipa, iniciando a sua actividade na segunda-feira.

O Torneio Internacional Militar começa a disputar-se no dia 23

Numa reunião, ontem efectuada no Ministério da Defesa, a que presidiu o sr. brigadeiro Pereira de Castro, foi anunciado que o Torneio Internacional Militar principia no próximo dia 23, com os seguintes jogos:

Portugal-França, no Estádio Nacional, e Bélgica-Republica Árabe Unida, em Coimbra.

No dia 26, á noite, disputar-se-á a final, no Estádio Alvalade, seguida de outro encontro para o apuramento do 3.º e 4.º classificados.

As equipas estrangeiras chegarão a Lisboa no dia 21, regressando aos seus países em 27.

«NACIONAL» DE VÓLEIBOL

Jogar com o coração
e com a cabeça

Quando uma equipa, em encontro decisivo, defronta outra que no conceito geral é tida como mais valiosa e consegue ser-lhe superior em todos os capitulos do jogo, essa equipa, fatalmente, terá de sair vencedora, a não ser evidentemente, que um dos tais imponderáveis, em que o desporto é fértil, contrarie o desfecho lógico.

Isto vem a propósito do duelo que ontem á noite travaram as equipas do Benfica e do Técnico, em jogo a contar para o campeonato nacional e que findou com a vitória justíssima, diga-se desde já, do grupo do Técnico por 3-1 (15-13, 15-10, 4-15 e 15-8).

Desde os primeiros lances que os rapazes do Técnico, além de revelarem a todo o momento um querer verdadeiramente extraordinário, mostraram superioridade técnica e, sobretudo, uma maior e melhor clarividência táctica.

Dispondo de menor poder atacante — uma vez que actuaram em «4x2» — souberam contornar essa fraqueza com um eficaz «bloco» e uma movimentação á retaguarda assinaláveis.

Quando a equipa, após ter ganho os dois primeiros «sets», baqueou rotundamente no terceiro, pensou-se imediatamente na sua quebra física e no esperado aparecimento do Benfica, até ali, por meio de continuas substituições, á procura do seu melhor «seis».

Pelo amplo ginásio pairou a duvida. Mas os «engenheiros», jogando com o coração e com a cabeça, cedo mataram as esperanças dos apaniguados do Benfica. E o quarto «set» acabou por ser o da vitória.

Nos vencedores, ainda que todos em bom plano, merecem destaque as exibições de André Mendes e Raul Costa. Carlos Poppe, foi uma surpresa. Mais um produto «made-Técnico»

No Benfica, Moniz Fernandes foi o melhor, rendendo até talvez o que ninguém esperava. Os restantes, em noite demasiado infeliz para ser verdadeira.

Ainda a contar para o «Nacional» defrontáram-se também as equipas do F. C. Porto e do Sporting de Espinho. Ao contrário do anterior o jogo terminou com a vitória tangencial dos Espinhenses por 3-2 (15-4; 9-15; 15-13; 6-15 e 15-10).

Os vencedores, que mostraram um jogo um tanto heterodoxo, superiorizaram-se dificilmente aos Portuenses que se revelaram uma equipa de bom sentido técnico-táctico mas algo inexperiente.

NUNO MOTA

ATLETISMO

Georgette Duarte
recebeu da Federação a medalha de mérito desportivo

No Estádio do Restelo realizou-se ontem, á noite, em ambiente de simpatia, a festa de homenagem a Georgette Duarte, popular atleta do Belenenses, que há mais de 15 anos se dedicou ao atletismo, sempre com invulgar entusiasmo, pelo que constituiu um exemplo a apontar ás raparigas portuguesas.

Muito justa e compreensivamente o Belenenses, as suas camaradas e adversários não quiseram que abandonasse a actividade sem lhe tributarem a homenagem que lhe era devida. Assim, a «festa de despedida» foi mais uma consagração para Georgette Duarte. Alguns oradores desceram ás pistas para manifestar a sua simpatia, sendo o elogio feito com elevação e dignidade. O dr. Santos Pinto, presidente da direcção do Belenenses, informou ter sido concedida á homenageada o diploma de sócia benemérita; Afonso Salsedo, vice-presidente da Federação de Atletismo, entregou a Georgette Duarte a medalha de mérito desportivo daquela entidade; depois foi o louvor da Direcção-Geral de Desportos. A todos estes actos a desportista belenense agradeceu visivelmente emocionada.

Nas provas atléticas que se disputaram voltaram a registar-se alguns «tempos» excelentes, como por exemplo, o dos 110 metros barreiras, de Pedro de Almeida, do Sporting (15,3); o de 500 metros planos de Valentim Baptista, do Sporting, (1 m. 7,5); os 80 metros barreiras (senhoras), de Georgette Duarte, do Belenenses (17,3) e os 2.000 metros, de Dias Santos, do Sporting (5 m. 28,6 s.). Também é de realçar as marcas das estafetas 400×300×200×100 metros, ganhas, pelo Sporting, em 2 m. 5,4 s. e ainda os 4×100 metros, femininos, com 58,2 s.

Completaram o programa atlético, dois desafios de futebol, o primeiro entre as equipas do Belenenses e do Atlético, o que terminou com a vitória dos alcantarenses, por 3-2 e o ultimo, entre a «velha-guarda do Belenenses» e o S. Lisboa e Saudade, o qual findou com o triunfo dos «encarnados», por 4-0.

CICLISMO

Cinco corredores portugueses vão estagiar em França

Durante três meses, a começar em Março de 1959, cinco ciclistas portugueses (dois do F. C. Porto, um do Sangalhos, um do Benfica e outro do Sporting) irão estagiar em França. A iniciativa pertence ao sr. Alfredo Baptista, presidente da Associação de Ciclismo do Norte.

A direcção da Federação resolveu ainda punir onze corredores, com ligeira multa, por não terem apresentado as respectivas licenças; com uma repreensão registada o dirigente do Sporting, sr. Jorge Passeira e agravar com mais 90 dias de suspensão a pena aplicada ao dirigente do Benfica, sr. Luís Augusto Lopes.

HOJE, À NOITE

GINASTICA — A's 21 horas, na sede do Lisboa Ginásio, sessão solene comemorativa do 40.º aniversário para a qual foram convidados vários membros do Governo, entidades superiores da educação física e desportos, etc. A sessão inclui um pequeno sarau ginástico e uma distribuição de prémios.

TENIS DE MESA — A's 21 horas, no amplo ginásio da Escola Nuno Gonçalves, na Avenida do General Roçadas, disputa-se o Portugal-Suiça, entre equipas masculinas e femininas.

VOLEIBOL — No ginásio do Técnico, a partir das 21 horas, prossegue o «Nacional» de voleibol com os encontros Benfica-F. C. Porto e Sporting de Espinho-Técnico.

Ajudauto, L.da
PRONTO SOCORRO
de automóveis de qualquer parte
— do País —
TODOS OS DIAS
E A TODA A HORA
INCLUINDO DOMINGOS
R. Damião de Góis, 18-B e 18-E
a Algés — T. 610051

DESPORTOS

«REGIONAL» DE BASQUETEBOL

A vitória do Belenenses não oferece discussão

Nacional, 40-Atlético, 50
Tabacos, 68-C.A.C.O., 49
Belenen., 68-Sporting, 58
Benfica, 69-Queluz, 35

A quinta ronda do Campeonato Regional de Basquetebol terminou com a primeira derrota dos «leões», na actual temporada, imposta pelo Belenenses.

O Sporting com uma equipa desfalcada de três dos seus melhores elementos — Garranha, Abílio e Herminio Barreto — o primeiro e o segundo castigados e o ultimo adoentado — não pôde anular a vivacidade e a vontade de vencer dos «azuis».

A partida não foi nada brilhante, no aspecto técnico. Pelo contrário, houve muita confusão, energia extraordinária, a par de uma desorientação que não se coaduna com a categoria de ambas as equipas.

Os «leões» defenderam bem a tabela, principalmente, na primeira parte. O Belenenses jogou em contra-ataque utilizando a velocidade.

Quando o marcador se apresentou favorável aos «azuis» (33-31) estes ganharam inteira confiança nas suas possibilidades e afoitaram-se, de tal modo que desnortearam o Sporting.

Para se avaliar bem como a partida decorreu basta afirmar que em toda ela foram assinaladas 42 faltas pessoais, das quais 22 pertenceram aos «leões» que viram desclassificados os seus jogadores Garranha e João Coutinho.

A táctica belenenses pareceu-nos mais consentanea com a ideia do jogo.

De uma luta mais metódica e menos veloz na primeira parte, passou-se para o segundo tempo, com um despique entusiástico, vibrante e viril, mas, na verdade, menos consciencioso.

Do lado dos vencedores aponte-se o excelente trabalho de Fernandes, na meia distancia, a insistência de Franco e a liberdade de acção de Gatinho e Brito que foram fatais para o Sporting. Nos vencidos apenas um homem esteve bem e na primeira parte — Feu, com 15 pontos marcados nos vinte minutos iniciais dos 16 que totalizou. J. Santos não foi o habitual encestador e acusou a falta de auxílio de Garranha e Abílio. Patricio lesionou-se e ao voltar ao terreno de jogo tornou-se lento e enervante. João Coutinho, pleno de energia dominou a tabela da sua equipa e pôde conter, por vezes, o ímpeto do adversário. J. Mário e Garranha estiveram apagados, principalmente o ultimo que se tornou enervante, sem engodo pelo cesto e muito atabalhoado a desfazar-se da bola.

Alinharam e marcaram:

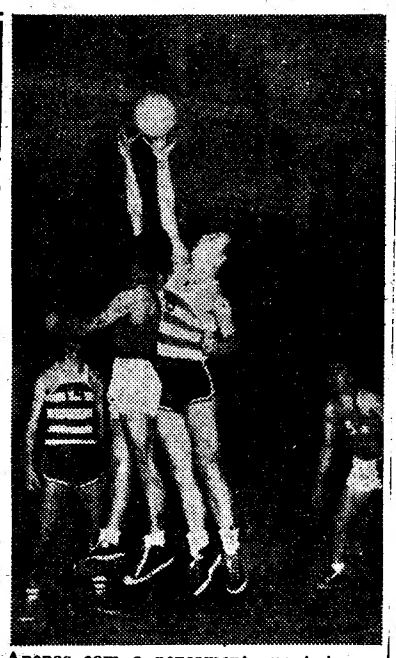
Belenenses — Brito, 2; Gatinho, 11; Franco, 31; Fernandes, 21; Neves, 2; Calado; Pinheiro, 1 e Almeida.

Sporting — Feu, 16; Garranha, 3; Patricio, 12; J. Mário, 8; J. Santos, 17; Coutinho, 2 e Almeida.

Arbitraram os srs. Artur Resende e Carlos Quintas. Trabalho incerto e, sobretudo, com falta de unidade de critério.

* * *

O primeiro encontro da noite deu-nos a vitória do Atlético, pela tangente, obtida nos derradeiros segundos da partida. O Nacional fez uma primeira parte em cheio, merecendo, não há duvida, ter atingido o intervalo a ganhar por 27-17. Os Alcantarenses só lograram passar á frente no marcador á cinco minutos do fim.



Apenas com o pensamento na bola um belenenses e um sportinguista disputam-na no jogo de ontem

Alinharam e marcaram:

Nacional — Mesquita, 4; Morais, 17; Ferreira, 5; Claudino, 3; Jesus, 7; Esteves; Hugo, 10; Domingos, 3 e Neves.

Atlético — Costa, 14; Morga, 7; Nova, 2; Duarte; Edgar, 19; Orlando, 8 e Matias.

Arbitraram os srs. A. Salgado e A. Figueiredo.

* * *

A vitória do Tabacos foi natural mas só apareceu com preponderancia no final do encontro, depois de uma série de desclassificações de jogadores do Campo de Ourique (Arnaldo, Osório e Coelho). Ao intervalo o Tabacos vencia já por 28-16. Alinharam e marcaram.

Tabacos — Olivio, 8; Pereira, 8; Pinto, 11; Amaral, 16; Vaughan, 21 e César, 4.

Campo de Ourique — Arnaldo, 5; Vasco; Osório, 10; Coelho, 2; J. Portela, 14; C. Portela, 12 e Macedo, 6.

Arbitraram os srs. Alberto Costa e André Silva.

* * *

O Benfica não teve dificuldade perante um Queluz já batido de antemão e que só apareceu com consciência no final da partida. Ao intervalo os «encarnados» ganhavam por 29-8 resultado que exprime o á-vontade com que jogaram.

Alinharam e marcaram:

Benfica — Aires, 30; V. Pinto, 9; J. Alberto, 7; Galhoz, 11; Peixoto, 2 e Julio Campos, 8.

Queluz — Inocêncio, 2; Pipio, 16; Cunha, 2; Vítor Silva, 4; Orlando, 11 e Lemos.

Arbitraram os srs. Aurélio Cruz e A. Capela.

* * *

A classificação actual é a seguinte:

	J.	V.	E.	D.	P.	score
Belenenses...	5	5	—	—	15	334-234
Sporting. ...	5	4	—	1	13	412-271
Benfica... ...	5	3	—	2	11	306-291
Nacional ...	5	2	—	3	9	243-230
Tabacos.. ...	5	2	—	3	9	249-312
Atlético.. ...	5	2	—	3	9	244-311
Queluz	5	1	—	4	7	203-242
C. A. C. O....	5	1	—	4	7	216-326

TIRO

A taça «Defesa Nacional» foi ganha pela Força Aérea

Em continuação do XV Concurso de Tiro de Lisboa, disputou-se ontem, na Serra da Carregueira, com a assistência dos ministros da Defesa Nacional e Exército, subsecretário de Estado do Exército, generais Valente de Carvalho, governador Militar de Lisboa e Leonel Costa Lopes, director da arma de Infantaria, a taça «Defesa Nacional» que foi ganha pela equipa da Força Aérea, que registou nela a 2.ª vitória. Nos lugares imediatos, classificaram-se a 4.ª Região Militar, Marinha, 2.ª Região Militar, Governo Militar de Lisboa, 3.ª Região Militar e 1.ª Região Militar.

O concurso encerra-se amanhã, ás 9 horas, com a disputa das taças «Cidade de Lisboa» e «Pátria».

TAUROMAQUIA

José Trincheira vai para o México

O matador de toiros José Trincheira foi contratado para o México. Seguirá para aquele país, acompanhado por Augusto Gomes, logo após o banquete que, na próxima semana, lhe será oferecido, na Casa do Alentejo.

Várias provas de amanhã

BASQUETEBOL

Prosseguem amanhã dois dos campeonatos que a Associação de Basquetebol de Lisboa tem presentemente em curso. Para conclusão da 3.ª «ronda» do campeonato da 2.ª Divisão jogam, no Rio Seco, as equipas do Rio Seco e do Sacavenense (1.ª e 2.ª), ás 10 e 11 h.

—O campeonato da 3.ª Divisão comporta amanhã os seguintes encontros. **Série A** — Lisgás-Paço de Arcos, nos Barbadinhos; Combatentes-Santa Catarina, na Rua Possidónio da Silva, ás 10 e 11 horas, respectivamente, em 2.ª e 1.ª categorias. **Série B**—Arroios-Educação Física, nos Barbadinhos, ás 11 h. (1.ª categoria); Campolide-Internacional, no Bairro da Liberdade, ás 10 horas (2.ª) e 11 horas (1.ª).

CICLISMO

Realiza-se amanhã, ás 13 horas, o 10.º Circuito Ciclista de Pero Pinheiro, para populares — prova para que foram convidados corredores de Loures, Abóbada, Bolembre, Pero Pinheiro, Tires e do 1.º de Dezembro.

A distancia a percorrer é de 70 quilómetros, no percurso Pero Pinheiro, Fação, Granja, Algueirão, Baratã, Recoveiro, Telhal, Sabugo, Morelena e Pero Pinheiro (a percorrer três vezes), seguindo um circuito de 20 voltas, dentro de Pero Pinheiro.

—Em Alpiarça realiza-se um festival de pista, com um programa atraente e com a presença de alguns dos nossos melhores corredores.

DESPORTO CORPORATIVO

O 17.º Campeonato Nacional de Futebol (distrital de Lisboa), da F. N. A. T., desdobrado em duas Divisões, principia amanhã para a 1.ª Divisão e para as séries B e C da 2.ª Divisão, estando previstos nada mais nada menos de 12 encontros:

No campo de Belém — C. Condes-S. C. Cervejas (2.ª Div.), S. C. Cervejas-F. C. Regina (1.ª), C. N. Electricidade-F. C. Regina (2.ª) e C. Monsanto-Org. Teodoro Santos (2.ª), respectivamente, ás 9, 11, 13 e 15 horas.

No Estádio Nacional (treinos-pelado) — Ref. do Ultramar-Oficinas S. José (1.ª), Ag. Com. Sueca-Standard Eléctrica (2.ª) e Comp. Carris-F. L. Sacavém (1.ª), respectivamente, ás 9, 11 e 15 horas.

No campo da F. C. Tejo (Alhandra) — F. Cimentos Tejo-S. Com. Guérin (1.ª Div.), ás 10 h.

No campo da Picheleira (Comp. Telf.) — Simca Portuguesa-Fáb. Simões (2.ª), Comp. Telefones-C. P. Pesca (1.ª), Ar Líquido-B. Carenque (2.ª) e S. N. Panificação-C. Prof. Comércio (2.ª), respectivamente, ás 9, 11, 13 e 15 horas.

GOLFE

O vasto calendário de provas do Clube de Golfe do Estoril, reserva-nos para amanhã o primeiro «Torneio Mensal» da temporada, em singulares homens, por pancadas, com e sem abono.

Outra coisa não é de esperar que não seja uma competição bastante concorrida e deveras animada, pois o contrário seria fugir á rotina da época de 1958-59.

HANDEBOL DE 11

O handebol de 11 volta amanhã a estar em actividade, pois a Associação de Lisboa faz disputar os encontros da primeira jornada dos seus campeonatos. O programa apresenta-se assim:

Divisão de Honra — Sporting-Almada, no campo de treinos do Estádio «José Alvalade», ás 9 h. (2.ª categ.) e 10.30 (1.ª); Oriental-Gloria, no campo «Eng. C. Salema», ás 10 h. (2.ª) e 11.30 (1.ª); Alverca-Belenenses, em Alverca, ás 9 h. (2.ª) e 10.15 (1.ª); Benfica-Liberdade, no Campo Grande, ás 9 h. (1.ª).

1.ª Divisão — Ginásio do Sul-Alhandra, no campo do Alto da Mutela; Hóquei-Académica da Amadora, no Estádio Nacional (relvado); Cova da Piedade-L. C. R. Janeiro, na Cova da Piedade — todos ás 10 horas, em 1.ª categoria.

HOQUEI EM CAMPO

Continua amanhã o campeonato lisboeta de hóquei em campo, disputando-se os encontros correspondentes á 3.ª jornada:

Benfica-Belenenses, no Campo Grande, ás 9 e ás 10.30 horas, em reserva e honra, respectivamente; Estrela Amadora-Futebol Benfica, na Amadora, ás 11 horas (honra); Hóquei C. P.-Atlético, na Tapadinha, ás 10 horas (honra).

TÉNIS

Nos «courts» do Clube de Ténis de Lisboa, em Monsanto, prosseguem amanhã as provas dos «Torneios do Outono», que hoje principiaram.

O programa da jornada de amanhã só poderá ser estabelecido depois dos resultados dos encontros de hoje serem conhecidos.

TÉNIS DE MESA

A realização do 2.º Portugal-Suíça, marcado para hoje, á noite, permite a efectivação de um torneio internacional, desdobrado em duas provas de singulares (masculinos e femininos), que a Federação Portuguesa de Ténis de Mesa promove amanhã, a partir das 9 horas, no salão do Clube Oriental de Lisboa, no Poço do Bispo.

Torna-se, assim, possível, oferecer, a um maior numero de jogadores, um proveitoso contacto com os tenistas de mesa suíços, ao mesmo tempo que aos nossos internacionais se dá ensejo para confirmação ou rectificação dos resultados que hoje se verificarem.

TIRO

Sob a organização da Federação Portuguesa de Tiro, prosseguem amanhã na carreira da Serra da Carregueira, as provas de tiro de um vasto programa, que constituem o 15.º Concurso de Tiro de Lisboa.

VELA

Em frente de S. José de Ribamar continua amanhã, com a realização da 2.ª e 3.ª regatas, o campeonato nacional de «Sharpies» de 12 m², organizado pela A. D. da Brigada Naval.

VOLEIBOL

Conclui-se amanhã, no ginásio do Instituto Superior Técnico, o campeonato nacional da 1.ª Divisão, estando os encontros, da 3.ª e ultima jornada marcados assim:

Espinho c. S. L. Benfica, ás 16.30 horas; F. C. Porto c. I. S. Técnico, ás 17.30 horas.

BADMINTON

Sporting e Benfica

vencedores na 2.ª jornada do «Torneio de Abertura»

Para que á Federação Portuguesa de Ténis de Mesa não restassem maiores embaraços quanto á utilização de um recinto capaz de nele se realizar hoje, á noite, o encontro Portugal-Suíça, a Federação Portuguesa de Badminton, numa atitude bastante simpática, antecipou para ontem os dois encontros da 2.ª jornada do seu «Torneio de Abertura», dotado com a taça «Ricardo de Ornelas», primitivamente marcados para hoje.

A reunião teve interesse, pois três das quatro equipas que se exibiram fizeram ontem a sua primeira apresentação na nova época: Sporting B, Benfica e Triangulo. A' volta da constituição destes grupos havia natural expectativa, tantas são, relativamente, as transferências de jogadores.

*

O encontro entre as duas equipas do Sporting deu a vitória da «A» sobre a «B», por 6-1. O resultado é elucidativo. Os «bês» foram juniores (entre os quais o campeão nacional, Rui Melo, transferido do L. G. C.) e principiantes do ano passado. A equipa «B» fez 1-0 por intermédio de Rui Melo... e nada mais, a não ser a boa réplica de Helder Silva frente a Pinto Alves.

Resultados: R. Melo v. M. da Silva, por 17-15 e 15-3; R. Perlico-F. Alves v. V. Ribeiro-F. Figueiredo, por 15-1 e 15-7; M. da Silva-F. Lemos v. R. Melo-V. Alves, por 15-5 e 15-6; Pinto Alves v. H. Silva, por 18-17, 14-15 e 15-14; F. Lemos v. V. Ribeiro, por 15-2 e 15-6; R. Perlico-P. Alves v. R. Melo-V. Alves, por 15-11 e 15-2; M. Silva-F. Lemos v. V. Ribeiro-F. Figueiredo, por 15-8 e 15-1.

*

No outro encontro o Benfica derrotou o Trianugulo Vermelho, por 4-3 — um resultado que, também é concludente quanto ao desenrolar do despique. A vitória de R. Damásio sobre dr. Mesquita Guimarães, pai (ex-Cif), decidiu a contenda. De referir a actuação prometedora de dois novos do Benfica: M. Mateus e M. Correia, embora batidos.

Resultados: M. Brito (T. V.) v. M. Mateus, por 15-2 e 15-11; A. Santos-R. Damásio (Bfc.) v. dr. M. Guimarães, pai e filho, por 15-6 e 15-8; A. Pimenta-L. Machado (T. V.) v. M. Mateus-M. Correia, por 15-6 e 15-7; R. Damásio (Bfc.) v. dr. Mesquita Guimarães, pai, por 8-15, 15-13 e 15-10; Alegre Santos (Bfc.) v. M. Guimarães, por 15-2 e 15-2; A. Santos-R. Damásio (Bfc.) v. A. Pimenta-L. Machado, por 15-4 e 15-5; dr. M. Guimarães, pai e filho (T. V.) v. M. Mateus-M. Correia, por 15-2 e 15-5.

A imagem é um pouco extemporanea. Afinal já entrámos no Inverno (no Inverno das modas, evidentemente...) e começam a aparecer os abafos. Mas os criadores da moda têm vistas largas e lutam já pelo predominio no próximo Verão. Este chapeu, conjugado com óculos de sol, chegou-nos de Londres e foi exibido numa passagem de modelos vagamente sul-americanos. Gostam? Nós nem por isso...

Uma iniciativa de interesse para a lavoura de Mafra

MAFRA, 8. — (Pelo telefone). — A mecanização da agricultura em Portugal é, sem duvida, o factor primordial para uma melhoria dos rendimentos monetários da lavoura e redução, em paralelo, dos custos de produção. Com estas palavras, o sr. Eurico Miranda da Cruz, director da Shell Portuguesa, pôs em relevo o significado da inauguração, nesta vila, de uma organização comercial destinada a servir os agricultores da região de Mafra, com todos os produtos e artigos utilizados pelas modernas técnicas agrícolas.

Essa organização, a «Marcol» (Mafra Agro-Comercial, Ld.ª), inaugurou hoje as suas instalações, com a presença do presidente da Camara Municipal, capitão João Lopes, de entidades representativas da agricultura da região e de numerosos convidados.

As instalações, que estão dotadas de todos os requisitos para satisfazer as necessidades da lavoura em alfaias agrícolas, combustíveis e pesticidas, devem-se ao esforço dos srs. José Manuel Pinto da Fonseca, Vítor Cesário da Fonseca, dr. Correia Pires, Domingos José Ferreira, Domingos Cabaço e António Anselmo Junior.

A «Marcol» dedicar-se-á também ao tratamento fito-sanitário de pomares e á floricultura, possuindo na região alguns viveiros já com um desenvolvimento interessante.

SALVADOR DALI

colabora no Carnaval do Estoril

Por via aérea, partiram hoje para Barcelona os srs. Teodoro dos Santos, administrador da Sociedade Estoril Sol; Armando Serpa, director artístico do Casino Estoril; e o nosso camarada de redacção Vítor Direito, membro da comissão executiva do Carnaval do Estoril, de 1959, que vão avistar-se com o pintor Salvador Dali, que ainda hoje, naquela cidade, assinará o compromisso da sua colaboração nos referidos festejos carnavalescos, desenhando especialmente a maqueta de um dos carros que figurarão no corço.

Amália Rodrigues

na Radiotelevisão

Por motivos alheios á Radiotelevisão Portuguesa, não pôde ser observada, na região servida pelo emissor do Porto, a transmissão da peça «Ceu da minha rua», na passada terça-feira. No intuito de não privar os teleespectadores do Norte do País, de um programa que foi aguardado com grande expectativa, e atendendo a inumeros pedidos de outros pontos do País, a R. T. P. decidiu retransmitir hoje o original em três actos, de Romeu Correia, com Amália Rodrigues.

De ontem para hoje

O TELEFONEMA ANÓNIMO

UM drama ocorreu em Maio ultimo nas pacatas terras de Brancanes (Olhão). Era de madrugada, o marido não regressava a casa e ela sofria. Depois, o telefone, melifluamente tocou. Se ela quisesse, que fosse bater á porta de Rolandina dos Santos, casada, comerciante. Lá encontraria o marido. D. Maria Palma Leal saiu. Que se passou, ao chegar áquela porta? Houve luta, desastre, agressão, não se provou. A senhora caiu prostrada mortalmente. A Rolandina foi presa. Julgaram-na o tribunal e a consciência do povo que, por acaso, não foram coincidentes, pois, enquanto, o primeiro a absolvia, a populaça, amotinada manteve a sua acusação. Vaiou-a, tentou linchá-la. E uma criada dedicada da vitima, tentando fazer justiça por suas mãos, jogou-lhe em rosto ofensas e os punhos. A verdadeira justiça, todavia, está ainda por fazer. E' contra aquela denuncia que cortou a noite e levou a pobre vítima á beira da sepultura. O viuvo, dominado pela cólera, vai chamar ao tribùnal o autor da denuncia telefónica. O que era anónimo passou a ter um nome e uma identidade.

FEIXE DE IMAGENS

O Conselho de Ministros nomeou para o cargo de governador-geral do Estado da India, o brigadeiro Vassalo e Silva, sucedendo, assim, naquele alto e delicado cargo ao general Benard Guedes, actualmente na Metrópole. Foi recentemente promovido, concluiu há pouco o curso de Altos Estudos Militares, foi encarregado do Governo e comandante militar de Timor e comandou Engenharia do Quartel-General das Forças Expedicionárias do Ultramar.

✱ A partir da próxima semana, os ciclistas não poderão conduzir volumes que os impeçam de guiar com as duas mãos. O impedimento põe em risco o condutor, prejudica o transito e, quem sabe, provocaria acidentes a terceiros. A medida de segurança parte da Direcção-Geral de Transportes Terrestres. Está prevista aliás, no Código da Estrada.

✱ Na estação sismográfica do Instituto Geofísico do Infante D. Luís registou-se ás 23 e 11 um sismo cujo epicentro se situava a cerca de 8.400 quilómetros da capital (Asia Oriental). Lisboa mal o sentiu mas as suas características eram de abalo catastrófico. Califórnia, o Japão e a Libéria acusaram-no dolorosamente.

✱ A bondade e o trabalho nem sempre são esquecidos. Lembraram-no em Gaia os fiéis á memória do benemérito Diogo Cassels fundador das Escolas do Forno e do Prado (foi há 35 anos). Houve romagem de saudade, flores, serviço religioso. E assim também com flores e palavras de estima e admiração foi assinalada a partida de D. Clotilde da Cunha. Foi atingida pelo limite de idade e era professora de piano do Conservatório do Porto. Alunos e colegas no ensino a homenagearam.

✱ Uma boa notícia para o lavrador é esta da descoberta de método eficaz, contra a mosca da azeitona. Revelaram-no os serviços agrícolas oficiais destacados para uma propriedade de João Veiga (Golegã). Vão a mais de 30 mil contos anuais os prejuízos que em alguns casos de zonas não tratadas chegam a 100 por cento da produção. A partir de hoje, uma arma de ataque se apronta contra o «invasor».

✱ A série dos que morreram por acidente: afogado num poço, o jornaleiro José Cristo Bernardo (estrada de Telheiras); atingido por tiro de arma caçadeira o capataz João Rodrigues Afonso (58 anos, Vila Real); por se ter virado o carro que conduzia, Manuel Francisco do Cabo (45 anos, agricultor, Pinho, S. Pedro do Sul); num choque de automóveis, na Encarnação, António Alberto Paradela (25 anos, motorista, L. Marquês do Lavradio, 2-A); entalado entre uma camioneta e uma furgoneta, o vendedor ambulante de peixe, Abraão Marques Figueira (41 anos, Rua 3, 35, ao Bairro de Santa Engrácia). Negociava em Caneças.

JORNAL PEQUENO

O Chefe do Estado recebeu o ministro da Marinha; no seu livro de cumprimentos, inscreveram-se o coronel Alfredo Ferreira Gonçalves, Carlos Pereira da Rosa, dr. Guilherme Pereira da Rosa, dr. Luís Quintela e Armando Vilar e D. Catarina d'Avilês. ✱ Com o Presidente do Conselho trabalhou o ministro da Presidência. ✱ O Ministério da Saude concedeu a casas de assistência, bombeiros, colónias de férias e cortejos de oferendas algumas centenas de contos. ✱ Tomou posse do seu cargo o novo presidente da Camara Municipal de Paredes de Coura, o proprietário e comerciante António José da Cunhà Barbosa. ✱ Regressaram a Espanha os delegados á 7.ª Conferência Comercial Ferroviária Luso-Espanhola que decorreu na Praia da Rocha. ✱ Começaram, em Alcochete, os trabalhos de instalação da nova fábrica de pneus Firestone. ✱ Partiu para o Japão o prof. Salazar Leite que ali vai participar no Congresso Internacional de Leprologia.

IMPRENSA

Raymond Audibert

Segue amanhã para Brazzaville, onde vai assumir a direcção dos serviços locais da Agência France-Presse, o sr. Raymond Audibert, que durante algum tempo exerceu idênticas funções em Lisboa. Agradecemos a atenção dos seus cumprimentos de despedida e desejamos-lhe as melhores felicidades na sua nova missão profissional.

RELÓGIOS OMEGA
Agência Oficial
Ourivesaria Pimenta
RUA AUGUSTA, 253—TEL. 24564

Trágico desastre

numa auto-estrada americana

NORWAIK, 8 — Num choque de dois veículos, na auto-estrada do Ohio, durante a noite, morreram sete pessoas, incluindo três crianças.

Parece haver apenas um sobrevivente dos passageiros dos dois carros. — (F. P.).

TEMPERATURAS DE HOJE

Temperaturas extremas registadas hoje, em Lisboa, até ás 15 horas: *máxima, 22°; mínima, 12°,3.* No mesmo dia do ano passado: *máxima, 17°,3; mínima, 10°,6.*

— Temperaturas verificadas na Costa do Sol, ás 9 horas: na atmosfera, 18°,5; na água do mar, 15°,8.

Dinheiro
LISBOA Rossio, 3 Tel. 21391 30257
EMPRESTAMOS s/ automóveis e prédios
2 E 24 HORAS - JURO DE LEI
MÁXIMO SEGREDO
AVALIAÇÕES GRÁTIS
PORTO R. P. Manuel 14 Tel. 27011 28721
A CONFIDENTE
a maior organização do país

O ministro das Corporações

presidiu em Castelo Branco a uma reunião para tratar de assuntos de interesse para os trabalhadores

CASTELO BRANCO, 8 *(Pelo telefone)* — Acompanhado do seu secretário, sr. dr. António da Silva Torres; vice-presidente da Federação das Caixas de Previdência — Habitações Económicas, eng. Rafael Santos Costa; chefe da Repartição das Habitações Económicas, dr. António Gonçalves Lourenço; e chefe do Serviço de Inquéritos Habitacionais, dr. Fernando Baeta, chegou a esta cidade, para um pequeno período de estudos de assuntos corporativos, o ministro das Corporações, sr. dr. Veiga de Macedo. A recebê-lo, compareceram o chefe do distrito, dr. José de Carvalho; o delegado do Instituto Nacional do Trabalho na Covilhã, dr. Corte-Real; presidente da Junta de Província da Beira Baixa, dr. Alberto Trindade; presidente da Camara Municipal, dr. Augusto Beirão e muitas outras entidades representativas das forças vivas distritais.

Depois dos cumprimentos e do almoço íntimo, em que tomaram parte algumas daquelas individualidades, iniciou-se, a meio da tarde, no salão nobre da Junta de Província, a reunião destinada ao estudo de problemas locais, afectos á acção corporativa. Presidiu o sr. ministro Veiga de Macedo e, além das entidades mencionadas, assistiram os deputados, drs. Alberto Franco Falcão e Carlos Coelho; presidente da comissão distrital e das concelhias da U. N. do distrito, presidentes das Camaras Municipais, presidentes dos Grémios da Lavoura de Castelo Branco, Covilhã e Belmonte, Penamacor, Fundão, Sertã e Vila de Rei, representantes dos Grémios de Comércio de Castelo Branco e da Covilhã, dirigentes das Casas do Povo e Sindicatos do distrito e algumas dezenas de proprietários da região.

A abrir a sessão, o governador civil saudou o ministro das Corporações e pôs em relevo o significado dos assuntos que o chamaram ao distrito.

A' hora a que telefonamos, vai usar da palavra o delegado do I. N. T. e presidente da Comissão Distrital do plano de Fomento Social e Corporativa, estando previstas outras intervenções.

O sr. ministro das Corporações, que encerrará a sessão, visitará, depois, os bairros de casas económicas e os terrenos para a futura construção de habitações de renda acessível, com o auxílio de capitais da Previdência. Mais tarde, irá de visita ás instalações da delegação do Instituto Nacional do Trabalho, nesta cidade.

I Coloquio Nacional

de Direito Corporativo

BRAGA, 8 *(Pelo telefone)* — Prosseguiram hoje nesta cidade os trabalhos do I Colóquio Nacional de Direito Corporativo e do Trabalho. A segunda sessão de trabalhos efectuou-se, de manhã, no salão nobre da Associação Jurídica, sob a presidência sucessivamente dos srs. dr. António Lopes Ribeiro, presidente do Tribunal da Relação do Porto e prof. Soares Martins, da Universidade de Lisboa. O dr. Ricardo Lopes apresentou uma comunicação intitulada «A magistratura é uma corporação», em cujo debate intervieram os srs. dr. João Manuel Nogueira Cortês Pinto e Conde de Aurora.

O dr. José Alves de Oliveira fez também uma comunicação subordinada ao título «Os usos e costumes como fonte de Direito Corporativo». Este estudo suscitou vivo interesse, proporcionando intervenções dos srs. Valentim Almeida e Sousa, Francisco Veloso, Conde de Aurora e Xavier Monteiro. Outras comunicações relatadas e discutidas foram as dos srs. drs. João Francisco Policarpo («A actual legislação portuguesa de prevenção de acidentes no trabalho») e A. Sousa Machado («O carácter autónomo da prescrição dos artigos 23 e 24 da lei de 1952»).

Ao fim da tarde, os congressistas visitaram a região industrial de Riba de Ave. A' noite, assistirão a um festival folclórico no teatro-circo de Braga.

A sessão de encerramento efectua-se amanhã ás 18 horas.

Os naufrágios

de lugres portugueses na Terra Nova

A propósito das notícias relativas aos afundamentos ocorridos na campanha bacalhoeira deste ano, esclarecem-nos de boa fonte de que todos os lugres que participaram nessa campanha foram julgados em condições satisfatórias de navegabilidade para seguirem para os bancos da Terra Nova. Na verdade nada de anormal se encontrou que justificasse o não reconhecimento das necessárias condições daquela navegabilidade.

No entanto as autoridades marítimas estão a proceder a estudos e a apurar das condições em que se deram esses afundamentos e bem assim das causas que os motivaram.

BRILHANTES
De qualquer tamanho e preços, compramos.
Pagamos muito bem.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
Rua da Prata, 257

Processo original de ganhar apostas

SÃO PAULO, 8. — Quando apenas uns cem espectadores tinham ontem assistido a um desafio de futebol entre duas equipas locais de quinta categoria, os organizadores verificaram, com surpresa, que a receita ia além de 14.000 cruzeiros quando a verdade é que dado o numero de entradas, a receita não devia ultrapassar os 4.000. Intrigados, os dirigentes do estádio efectuaram um inquérito e verificaram que um dos espectadores, só por si, comprara 10.000 cruzeiros de entradas, tendo descoberto que este bemfeitor «tinha apostado 15.000 cruzeiros em como a receita iria além de 10.000».

A Federação de São Paulo decidiu que, de futuro, cada pessoa não possa comprar mais do que 10 bilhetes. — (F. P.).

O ministro do Ultramar em Angola

LUANDA, 8. — O ministro do Ultramar permanece hoje nesta cidade, onde estudará com o governador-geral alguns problemas da província.

Amanhã de manhã, o contra-almirante Lopes Alves estará no Lobito, onde receberá as boas-vindas da população daquela cidade, numa sessão solene na Camara Municipal. A' tarde seguirá para Benguela, em visita a alguns pontos de interesse e obras em curso.

No dia 10 o ministro regressará ao Lobito e visitará a barragem «Presidente Craveiro Lopes», no Biópio.

E' natural que o programa da visita ministerial seja alterado e que o contra-almirante Lopes Alves visite ainda a Gabela e Cabinda. No dia 14, em Luanda, aquele membro do Governo dará uma conferência de Imprensa, estando o regresso a Lisboa previsto para o próximo dia 15. — (L.).

6-332

Em sua casa, CONSIGA um BRILHO NOVO lavando com NOVO Sonasol CONCENTRADO

Lava vidros, louças, lãs, nylons, estofos, tapetes, etc. com menos trabalho e por **menos dinheiro**

O cumprimento rigoroso da lei

contra o exercício ilegal da profissão foi o voto final emitido peio Congresso dos Estomatologistas

(Continuação da 1.ª página)

da comissão organizadora do congresso.

Aberta a sessão, o sr. dr. Assis Camilo, secretário-geral do congresso, leu as conclusões a que chegaram os estomatologistas e que são as seguintes:

I — A denominação «tratamento biológico da cárie» necessita de ser revista e posta de acordo com a terminologia médica;

II — Deve ser revisto o conceito de infecção focal, de modo a excluir dos seus resultados terapêuticos os elementos que lhe sejam estranhos;

III — Do ponto de vista anátomo-patológico, adamantinomas dos maxilares, adamantinomas de outras localizações e carcinomas baso-celulares constituem um grupo de neoplasias derivadas do epitélio de células basais da ectoderme;

IV — É de recomendar o emprego dos agentes físicos no tratamento dos dentes infectados;

V — O bordo alveolar constitui uma concepção clínica;

VI — De acordo com a opinião unanime das Faculdades de Medicina e do conselho geral da Ordem dos Médicos, continua a insistir-se na necessidade urgente do ensino da Estomatologia em moldes universitários;

VII — É vantajoso que se estreite cada vez mais o intercambio da Estomatologia com os outros ramos da actividade médica;

VIII — É urgente e indispensável a organização da assistência estomatológica infantil, a fim de se melhorar o estado geral de saude da população;

IX — Perante o incremento do exercício ilegal da especialidade, e dados os seus graves danos para a saude publica, solicita-se dos poderes publicos o rigoroso cumprimento da lei.

A seguir, usou da palavra o sr. dr. Palma Leal, que principiou por recordar a memória do dr. José Fernandes Cruz, recentemente falecido. Depois, agradeceu a todos os que colaboraram nas actividades do congresso, incluindo os estomatologistas estrangeiros que deram o seu concurso á reunião e as casas comerciais que tornaram possível a exposição de material da especialidade.

Prosseguindo, o orador, reportando-se aos resultados do congresso, afirmou que ficou provado, através das sessões realizadas, que a profissão estomatológica não se deixou abastardar, pois «ao amadorismo usado que por aí campeia, os estomatologistas opõem o profissionalismo prudente, mas seguro, com fundamentos nas raizes da ética de uma formação universitária tradicional».

Recordou a necessidade apontada no congresso, de se instituir no País uma assistência estomatológica séria e eficaz, nos meios rurais e nas escolas, e de melhorar a assistência aos outros grupos sociais que dela careçam, tudo isto através da fixação de especialistas em vários pontos; falou no atraso que se verifica entre nós em relação ao estrangeiro, no campo da investigação científica estomatológica, e aludiu, depois, á magistral lição proferida pelo director da Faculdade de Medicina, na sessão inaugural do congresso, na qual se defendeu a criação imediata de um Instituto de Estomatologia. Terminou por fazer votos para que as conclusões gerais do congresso, lidas pelo secretário-geral, tenham, de quem de direito, a necessária execução.

O ministro encerrou a sessão com breves palavras, de louvor e encorajamento. Saudou os congressistas e os organizadores da reunião, com referências especiais para o falecido dr. Fernandes Cruz e para o prof. Ferreira da Costa. Referiu-se elogiosamente á acção da Imprensa, através da qual pôde seguir as actividades do congresso e tomar conhecimento dos problemas que mais afligem os estomatologistas, e afirmou que subscrevia com o coração aberto o voto final do congresso incluido na ultima conclusão geral.

A concluir, e depois de, afirmar que só por modéstia, aliás, compreensível, o sr. dr. Palma Leal considerava atrasada a Estomatologia portuguesa em relação aos outros países, no sector da investigação científica, pois tem a consciência do que tem sido o progresso daquela especialidade em Portugal, o sr. dr. Martins de Carvalho emitiu o voto de que seja dado ao ministro da Saude contactar de novo com os estomatologistas, no seu segundo congresso nacional.

Os cougressistas foram a seguir, homenageados com um almoço regional, na Estalagem do Gado Bravo, em Vila Franca de Xira. No regresso a Lisboa, assistirão a um concerto no Teatro de S. Carlos, e reunir-se-ão num jantar de gala, no Avenida Palace.

O próximo congresso nacional de Estomatologia efectuar-se-á no Porto, no ano de 1962.

Houve motins em Nova York durante manifestações organizadas por húngaros

NOVA YORK, 8.—Várias centenas de pessoas, na maioria, hungaras, manifestaram, ontem, em frente da sede da delegação soviética á O. N. U., onde fora organizada uma recepção para comemorar o 41.º aniversário da revolução de Outubro.

Contidos por um forte cordão de Polícia, a pé e a cavalo, os manifestantes circularam á volta da sede da delegação russa, gritando contra Kruchtchev e agitando cartazes, nos quais se lia: «Não esqueçam Pasternak!», «Libertem a Hungria!», «A Ucrania também está sob o domínio soviético!».

Três pesosas, pelo menos, ficaram feridas e foram presos nove homens e uma mulher, durante desordens que ocorreram no local, quando a Polícia Montada tentou dispersar os manifestantes.

Foram hospitalizadas três pessoas entre as quais dois polícias. — (F. P. e A. N. I.).

EM 3 LINHAS

Um decreto hoje publicado, pela Presidência do Conselho, regula as transferências e eliminações do pessoal militar da Força Aérea que perca a aptidão necessária ao desempenho das funções das suas especialidades.

///

Foi aberto, na província de S. Tomé, um crédito especial de 10.000 contos, para as obras do cais do porto de Ana Chaves e outros trabalhos portuários.

///

Está aberto concurso para a admissão de aspirantes estagiários da Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência.

///

O sr. Manuel Pimentel Quartin Bastos foi nomeado secretário do secretário de Estado da Agricultura.

///

O Supremo Tribunal Administrativo anulou a deliberação da Camara de Montijo, de aumentar de 5 escudos para 7$50 a taxa de inspecção sanitária de cada rês suína abatida fora do matadouro municipal.

///

A firma E. F. Sucena & Filhos, Lda., de Borralha, concelho de Agueda, por decisão do Supremo Tribunal Administrativo, poderá continuar a proceder á montagem de bicicletas motorizadas.

///

Foi nomeado delegado marítimo de Esposende o 2.º tenente auxiliar João Pires de Sousa.

///

O capitão-de-mar-e-guerra José Fernando Teles de Castro Mexia Salema foi nomeado para o cargo de director de Hidrografia e Navegação do Ministério da Marinha, que já vinha exercendo interinamente.

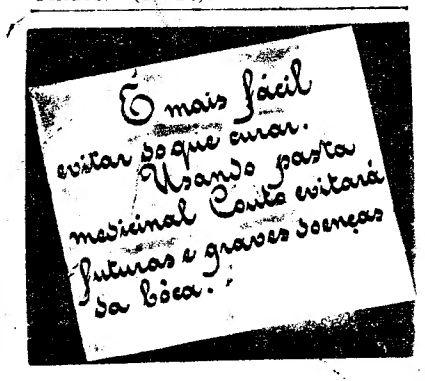
A reorganização dos serviços de defesa dos portos e fronteiras

Sob a presidência do sr. dr. Martins de Carvalho, ministro da Saude e Assistência, reuniu-se, em sessão plenária, o Conselho Superior de Higiene e Assistência Social, que se ocupou de um relatório preparado pelo sr. dr. Arnaldo Sampaio, inspector superior da Direcção-Geral de Saude, sobre «Laboratórios distritais de saude publica», e dos projectos de decretos a elaborar com o objectivo de reorganizar os serviços de defesa dos portos, fronteiras e transportes colectivos.

Participaram nos trabalhos da reunião, além dos vogais do conselho, os srs. profs. Jorge da Silva Horta, presidente do Conselho Geral da Ordem dos Médicos, e João Candido de Oliveira, director do Instituto Bacteriológico Camara Pestana; dr. Fernando da Conceição Correia, director do Laboratório do Instituto Superior de Higiene; dr. António de Carvalho Dias, inspector superior de Saude; dr. António Castelo Branco e Sousa, guarda-mor de Saude; dr. Alvaro de Mendonça e Moura, director da Circunscrição de Defesa Sanitária dos Portos Marítimos e Aéreos, na Zona Norte, e o autor do relatório a que acima se faz referência.

A Pérsia responde a Moscovo

TEHERÃO, 8.—Em nota entregue, simultaneamente, ao embaixador soviético nestà cidade e ao ministro dos Negócios Estrangeiros em Moscovo, o Governo rejeita categoricamente as alegações contidas no protesto soviético de 31 de Outubro sobre o projecto que lhe é atribuído de concluir um pacto militar entre a Pérsia e os Estados Unidos.—(F. P.).



Um automóvel caiu por uma ribanceira e incêndiou-se

Houve 3 feridos graves

Hoje, de madrugada, perto de Coina, na Outra Banda, derrapou, despitando-se, e caiu por uma ribanceira de 7 metros de altura, após o que se incendiou, um automóvel, guiado pelo seu proprietário, o empreiteiro da construção civil Ilídio Ribeiro, de 48 anos, residente em Alhos Vedros, concelho da Moita do Ribatejo, donde é natural, e onde seguiam também os seus amigos e conterraneos António Brito Rosado da Silva, de 32 anos, niquelador, Joaquim Gomes Tavares, de 27 anos, corticeiro, e Manuel Simões Gonçalves Mito, de 29 anos, pedreiro.

Regressavam de Lisboa, de onde tinham vindo de propósito para assistir ontem á noite, no Estádio do Restelo, á festa de despedida da atleta do Belenenses, Georgete Duarte, também natural daquele concelho.

A meio da ribanceira, abriu-se, providencialmente, uma das portas do veículo, sendo projectado a distancia o corticeiro Tavares que, apesar de gravemente ferido, conseguiu retirar da fornalha em que o carro se transformara, os seus três companheiros, que, se não fora isso, morreriam carbonizados.

Pedidos socorros, compareceram, no local, pessoal e material do Corpo de Salvação Publica do Barreiro, sendo os quatro ocupantes do automóvel incendiado transportados para Lisboa.

No Hospital de São José verificou-se que o empreiteiro tinha graves lesões internas; que o niquelador apresentava queimaduras no rosto e na cabeça e contusões pelo corpo; que o corticeiro fracturara os ossos da bacia; e que o pedreiro sofrera algumas contusões.

Os três primeiros ficaram internados em estado grave, na sala de observações; e o ultimo depois de receber curativo, seguiu para a sua residência.

O automóvel sinistrado ficou completamente destruido.

Uma droga que transformou um camponês em crocodilo...

COTONU, 8 — Há 120 anos, um camponês do Dahomey, chamado Bonu, tomou uma droga, receitada por um feiticeiro e passou a transformar-se, todas as noites, em crocodilo, para «arreliar a mulher». Certa noite, esta, farta daquela vida, partiu o frasco da droga e o marido ficou crocodilo para sempre.

Temido por três gerações sucessivas que lhe deixaram na bocarra um sem-numero de braços e pernas, e respeitado como um deus pelos habitantes da lagoa de Porto Novo, o famigerado Bonu acaba de ser abatido com cinco balas de uma «Mauser».

Mil pessoas, entre as quais as vítimas manetas ou coxas de Bonu, deram ontem, para aliviar o rancor, no crocodilo gigante, de 6 metros de comprimento, séries de pontapés valentes. — (F. P.).

Queda de dois aviões

ESTOCOLMO, 8. — Dois aviões militares, a jacto, colidiram no ar sobre a base aérea de Upala, despenhando-se em chamas. Os corpos dos dois pilotos foram encontrados despedaçados. Um dos aparelhos caiu sobre um bairro residencial, perto daquela base aérea, incendiando dois edifícios. Ficaram feridas várias pessoas. — (A. N. I.).

CRIANÇA MORTA por um gato

RICHMOND (Virgínia), 8 — A senhora Ruth Hall, mãe de nove filhos, encontrou morto, no berço, de madrugada, o seu filho mais novo, um menino de cinco semanas, vítima da furia do gato da casa. — (A. N. I.).

28 feridos num desastre de viação

VIGO, 8. — Ficaram feridos 28 passageiros, dos quais 8 gravemente, no choque de um «eléctrico» com um camião, na estrada de Cabral a Vigo.—(F. P.).

GAZCIDLA

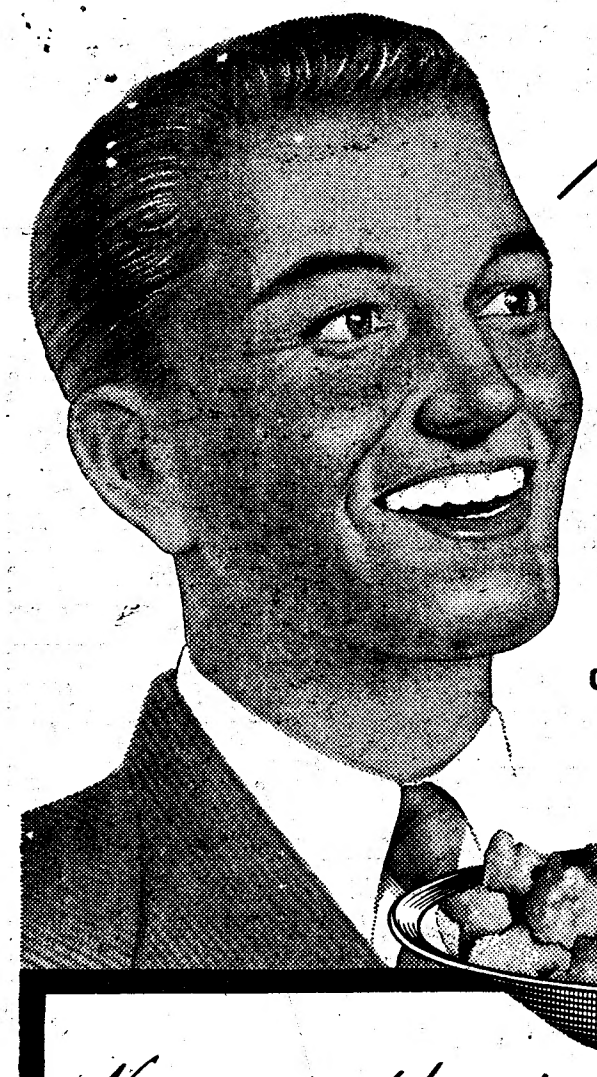
CAMPANHA DO NATAL

COMUNICADO

Para simplificação do serviço, vantagem do público e também dos nossos serviços de distribuição, seria da maior conveniência que os clientes fizessem as suas compras ou pelo menos registassem as suas encomendas a tempo de evitar que, como se verificou nos anos anteriores, se dê uma aglomeração de pedidos (e consequentemente de entregas) na segunda quinzena de Dezembro.

Nas vendas a prestações, liquidadas por meio de letras, a CIDLA comunica que o vencimento da primeira letra será sempre estabelecido para depois de 31 de Dezembro.

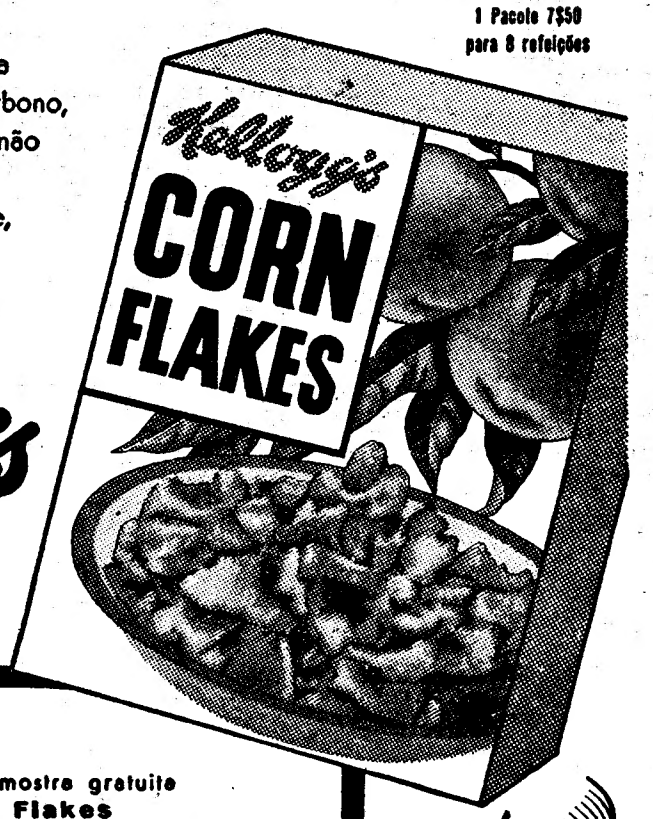
QUE BOM QUE ISTO É!



... este é o pequeno almoço que nos dá a boa disposição para começar o dia!

E tem razão — Logo pela manhã um prato de KELLOGG'S com leite e açúcar constitue uma refeição deliciosa, rica em hidratos de carbono, geradores incomparáveis de energia. Além disso, não precisa de ir ao lume e prepara-se num abrir e fechar de olhos. KELLOGG'S é, na verdade, o pequeno almoço ideal para toda a família.

ECONÓMICO
1 Pacote 7$50
para 8 refeições



Poupe tempo, trabalho e dinheiro!
Comece o seu dia com

Kellogg's
CORN FLAKES

Não peça indiferentemente
CORN FLAKES — *peça* Kellogg's

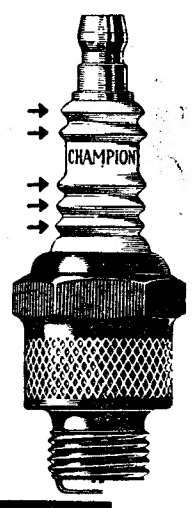
Ex.mos Srs.
FIGUEIRA & ALMEIDA
RUA DA MADALENA, 88-1.º — LISBOA
Queiram enviar-me uma amostra gratuita
KELLOGG'S Corn Flakes
NOME .....
MORADA .....
.....
(É favor escrever bem legível) L — 9

OFERTA!
CORTE E ENVIE ESTE CUPÃO COLANDO-O NUM SIMPLES POSTAL

ACESSÓRIOS E PEÇAS PARA TODAS AS MARCAS DE VEÍCULOS AUTOMÓVEIS

ESTES 5 RESSALTOS PODEM OFERECER-LHE MAIOR POTÊNCIA

O *isolador de 5 ressaltos, exclusivo da Champion*, oferece-lhe uma protecção 20% maior contra curto-circuitos do que um isolador liso... ajuda a assegurar uma faísca perfeita, a qual permite obter do motor toda a potência e rendimento para que foi criado.

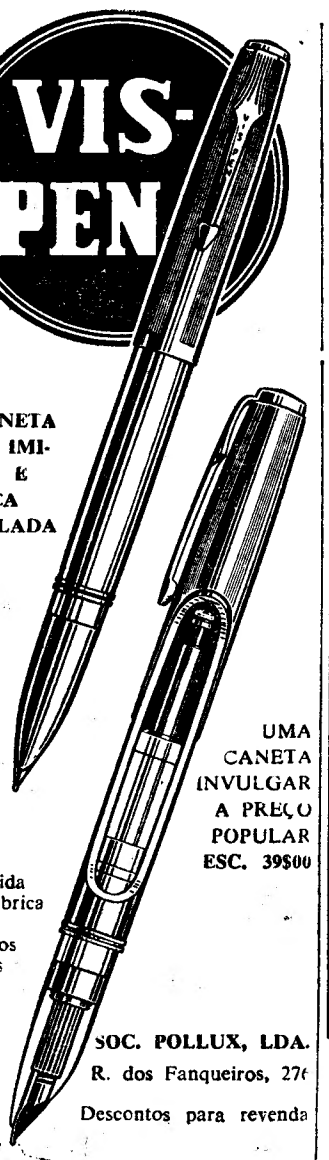


CHAMPION

Para um rendimento perfeito de qualquer carro, substitua as velas sujas, gastas e queimadas por velas novas, Champion de 5 ressaltos.

Representantes
C. SANTOS LDA.
Lisboa — Av. da Liberdade, 29-41
Porto — R. de Sta. Catarina, 160-168
Coimbra — Av. Fernão de Magalhães, 70-78

VIS-PEN



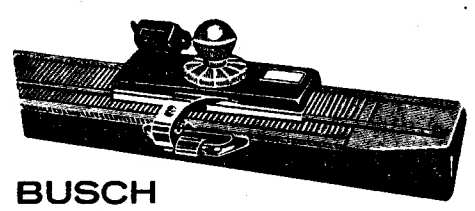
A CANETA MAIS IMITADA E NUNCA IGUALADA

UMA CANETA INVULGAR A PREÇO POPULAR ESC. 39$00

Garantida pela fábrica contra todos os defeitos de fabrico

SOC. POLLUX, LDA.
R. dos Fanqueiros, 27[illegible]
Descontos para revenda

Máquinas de tricotar
BUSCH
Um produto Suíço da mais alta qualidade

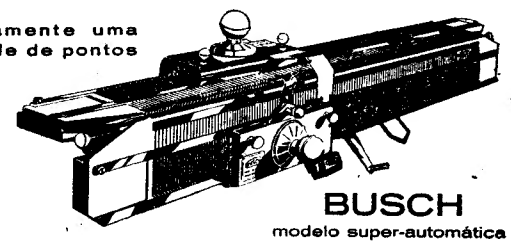


As máquinas de tricotar mais práticas até hoje apresentadas

BUSCH
modelo simples

Faz automàticamente uma enorme variedade de pontos

A máquina que responde às mais altas exigências



BUSCH
modelo super-automática

A máquina de sonho que executa todos os pontos duma forma impressionantemente simples

PREÇOS

MODELO SIMPLES
a pronto pagamento Esc. 2.500$00
a prestações até 24 mensalidades de Esc. 115$00

MODELO SUPER-AUTOMÁTICA
a pronto pagamento Esc. 4.800$00
a prestações até 30 mensalidades de Esc. 180$00

Agora todas as senhoras, podem comprar sem sentir estas maravilhosas máquinas de tricotar
Gratuitamente damos uma instrução completa no manejo de máquina a todas as compradoras

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:
Agencia Comercial Sueca, L.da

PIANOS
Verticais e de Cauda
ALUGAM-SE
Est. Valentim de Carvalho, Lda.
98, Rua Nova do Almada, 98
LISBOA

DINHEIRO
S/ AUTOMÓVEIS
AO JURO DE 5%
Emprestamos nas melhores condições
A LUZAFRICA
CALÇ. DO CARMO, 6, 2.º

PELES HELEN
ULTIMOS MODELOS
VISONS E ASTRAKANS
AOS MAIS BAIXOS PREÇOS
Av. António Augusto Aguiar, 3, 2.º, Dt.º
Telef. 53735

ESQUENTADORES
FOGÁS, L.DA
TÉCNICOS ESPECIALIZADOS
em
APARELHOS A GÁS
Reparações — Transformações
com garantia
Av. 5 de Outubro, 84
Telefone 764081

EVORA
Pensão-Giraldo
o estabelecimento que serve bem por bem servir
Voltou á modalidade de
PENSÃO-RESTAURANTE.

LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO

ANTOLOGIA DO CONTO POLICIAL

LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO

CINCO MIL LIBRAS POR UM MAÇO DE CARTAS

Texto integral do conto de

MICHAEL HERVEY

VALÉRIA MASON, «estrela» de comédia, bafejada com os melhores êxitos, andava sempre com grandes dificuldades, por falta de dinheiro, o que os seus amigos não podiam compreender. Eles, contudo, não tinham em conta a sua larga generosidade nem a indiferença da artista pelo dinheiro, pois lhe servia apenas para satisfação das suas necessidades e valer aos amigos nas atrapalhações.

Vestia bem e não havia na cidade mulher que não lhe invejasse o luxo e a elegancia. Ela não se importava, e nem por isso deixava de abrir liberalmente a bolsa sempre que alguém a procurasse a solicitar-lhe qualquer empréstimo. Até mesmo os estranhos eram atendidos.

Falava-se dela com muita simpatia e dizia-se que a sua bondade acumulava tesouros no Céu. Era uma expectativa realmente prometedora, mas, na verdade, não se pode viver, cá na Terra, sem essa coisa vil, mas indispensável que é o dinheiro! E assim, a artista ficou agradàvelmente surpreendida quando, certo dia, uma voz desconhecida lhe perguntou, pelo telefone, se gostaria de receber uma soma considerável, oferecida quase como presente.

—O senhor é agente de publicidade? — perguntou Valéria.

—Não! Não sou bem isso!—respondeu a voz melíflua —. Seja, no entanto, o que for, creia que vale a pena receber-me! Posso procurá-la esta noite no teatro?

—Pode, pois claro! — aquiesceu ela, com agrado —. Pode ser no intervalo dos dois actos, aí pelas nove horas. Convem-lhe?

—Optimo! — foi a resposta.

—Ah! é verdade, não me disse o seu nome! — retorquiu a «estrela».

Não obteve resposta, pois desligaram o telefone, deixando-a intrigada. Mas concluiu que seria algum secreto admirador, o qual talvez tivesse ouvido falar das suas complicações financeiras e vinha espontaneamente auxiliá-la.

A artista foi para o teatro e estava preparada para tudo, menos para o encontro com aquela figura repulsiva e monstruosa que lhe surgiu no camarim, naquela noite, ás nove em ponto.

—O senhor não é com certeza... — titubeou ela.

—Sou eu mesmo!... — garantiu o tipo extravagante, com um sorriso que mostrou uma dentadura horrível.

—Queira sentar-se, senhor... senhor?...

—O meu nome não interessa para o caso, mas, para facilitar a conversa, pode chamar-me Brown, se quiser —disse ele, repoltreando-se numa cadeira estofada.

—Obrigada, sr. Brown. E agora, pode dizer-me o motivo do telefonema e da sua visita? Em que poderei ser-lhe util?...

—A coisa não é essa, pois não se trata precisamente de me ser util. Eu é que poderei, talvez, prestar-lhe um serviço valioso...

—Não entendo, ou antes, não vejo...

—Eu explico-me: Estou informado de que a senhora deve nada menos de trezentas libras á firma Holsworth, de Oxford Street, e sei, também, que esses senhores a incomodam, exigindo-lhe o pagamento imediato da referida importancia...

Valéria sentiu-se vexada e não menos surpreendida por ver que um estranho estava ao facto dos seus apuros financeiros. O tom peganhento, ao mesmo tempo irònicamente delicado, que ele procurava dar ás palavras contribuia extraordinàriamente para a irritar mais ainda.

—Devo dizer-lhe que o senhor não tem nada, absolutamente nada, a ver com aquilo que eu devo, a menos que seja um representante daquela firma, ou um cobrador de dívidas...

O «senhor Brown» não se incomodou absolutamente nada com o tom hostil da actriz e respondeu amàvelmente:

—Não sou uma coisa nem outra! Interesso-me apenas por umas cartas que a senhora tem em seu poder e lhe foram escritas, em tempos, por uma pessoa de alta representação social...

—E' possivel... mas precisamente por serem cartas particulares, que tratam exclusivamente de assuntos pessoais, não lhe dizem respeito, nem tão-pouco lhe devem interessar.

—Concordo, é claro, que não me digam respeito, mas isso não impede que haja, da minha parte, o maior empenho em obter essas cartas, escritas por Lord Ravensdorne...

—Se eu compreendi bem, o senhor pretende que eu lhe dê as cartas de Lord Ravensdorne?! — explodiu Valéria, exaltada.

—Oh! Não! de modo algum!... Não falei em «dar», creio eu... Pretendo sòmente que as venda...

Assombrada, fremente de indignação, a «estrela» apontou-lhe a porta do camarim:

—Senhor Brown: a saida é por ali!

—Com toda a naturalidade, ele insistiu com suavidade:

—Teria o maior prazer em oferecer-lhe duzentas libras por elas...

—Como poderei fazer-lhe compreender que a sua proposta não me interessa absolutamente nada? — acrescentou ela com sarcasmo.

—Vamos lá: trezentas libras! E' quanto a senhora precisa para acertar as suas contas com a firma credora. E acontece que, por acaso, tenho conhecimento de que eles estão dispostos a proceder a uma liquidação forçada, se não pagar...

—Boas noites, senhor Brown!

—Pense no caso!... Dentro de dois ou três dias volto a telefonar-lhe — insistiu ele, a despedir-se.

—Não se incomode! — replicou ela, atirando-lhe com a porta.

Sentiu o ambiente mais desanuviado assim que ele saiu; respirou fundo e decidiu não pensar mais naquilo.

O senhor Brown continuava, no entanto, a pensar e telefonou-lhe, outra vez, apenas alguns minutos depois de a artista ter recebido uma carta na qual os Holsworth a ameaçavam, em termos rispidos, de procedimento judicial, se, no prazo de três dias, ela não Equidasse a sua dívida.

Estou disposto a pagar trezentas e cinquenta libras! — propôs-lhe Brown.

A «estrela», muito perturbada com a ameaça dos credores, achou, então, a oferta muito menos repugnante do que dois dias antes. Contudo, após breves momentos de tempestuosa luta íntima, respondeu-lhe:

—Sinto muito, mas o negócio não me interessa!

Ele persistiu:

—Aumento a oferta para quatrocentas libras, mas aviso-a de que é a ultima oferta. E deixe-me dizer-lhe que, em vista da grave decisão dos seus credores, essa recusa é uma perfeita loucura!

—Os senhores Holsworth receberão o seu dinheiro! — respondeu ela, friamente, desligando ràpidamente o telefone para fugir á tentação que começava a acicatá-la.

A verdade, a triste verdade, é que ela não tinha a mais leve ideia da forma como conseguiria arranjar a soma precisa para resolver esse compromisso inadiável. Tinha, realmente, muitos amigos, simpáticos, dedicados, prontos a servi-la — mas desde que não fosse para arranjar trezentas libras, de um momento para o outro. E não via nenhum nas condições de lhe valer no aflitivo transe! As coisas complicavam-se pelo facto de o seu empresário ter partido para a América com alguma demora. Mas embora não estivesse ausente, que adiantaria, se já lhe pedira vários adiantamentos sobre os seus ordenados?!

*

Era numa sexta-feira, á tarde. Ao contrário do que afirmara, o senhor Brown insistiu em telefonar a Valéria aumentando a oferta para quatrocentas e cinquenta libras. Entre a espada e a parede, tendo de pagar ou sujeitar-se ás consequências de não o fazer, ela respondeu que lhe entregaria as cartas, por aquela quantia, na manhã seguinte.

—Estarei aí, com o dinheiro, por volta das dez horas! — garantiu o senhor Brown.

Realmente, foi pontualíssimo. Examinou em pormenor as cartas, com aquele seu ar untuoso e antipático, que tinha qualquer coisa de ascoroso. Depois, num gesto lento, pausado, tirou as notas da carteira, contou-as e deu-as á artista; a qual, depois de breve hesitação, perguntou-lhe, ao mesmo tempo que o encaminhava para a porta:

—Dá-me a sua palavra de cavalheiro em como estas cartas nunca sairão das suas maos?

— Mas, absolutamente! Esteja tranquila!

Sem perder tempo, daí a dez minutos o senhor Brown conseguia que Lord Ravensdorne o recebesse para tratar de um assunto do seu interesse. Sem mais rodeios, pô-o ao corrente do assunto:

—Sei que o senhor se vai casar com Lady Dian Tronsmore e que a cerimónia está marcada para a proxima semana!

Lord Ravensdorne, jovem simpático, alto e musculoso, acenou afirmativamente com a cabeça, aguardando, um tanto intrigado, a revelação do homem, o qual logo se abriu:

—Sendo assim, estas cartas que o senhor escreveu a Valéria Mason devem interessar-lhe!... Não se espante pelo facto de eu as ter na minha mão. O caso nada tem de extraordinário e é bem simples. Por muito que me pese por ter de desiludi-lo, fique sabendo que ambos nos entendemos e chegámos a um acordo...

—Mas... que quer dizer com isso? Aonde pretende o senhor chegar?

—Repito que as cartas que o senhor escreveu a Valéria são muito intimas e indiscretas! E se a sua noiva chegar a conhecê-las, talvez adie o casamento, para pensar um pouco mais...

—Não acredito! Valéria não seria capaz de uma acção tão vil!...

—Vil ou não, cinco mil libras é quanto ela pede pelas cartas! — acrescentou o senhor Brown, com a sua imperturbável serenidade.

—Acho muito por meia duzia de cartas! — observou Lord Ravensdorne.

—Será!... Mas a noiva pode pensar que valem muito mais...

—O senhor não se atreveria...

—E por que não?! Pode ser que ela tenha interesse em adquiri-las e as compre, sem regatear o preço...

—Está bem: pagarei! — decidiu o aristocrata —. Posso ver as cartas?

Brown entregou-lhe uns papéis, explicando:

—As cartas, pròpriamente ditas, não! Isto são as cópias. Portanto, não se dê ao trabalho de rasgá-las.

Furioso, Lord Ravensdorne folheou a papelada, atentamente. Mas, á medida que prosseguia no exame, o rosto ia-se-lhe desanuviando, e, por fim, com grande assombro do senhor Brown, deu uma gargalhada sarcástica e disse-lhe:

—Eu bem sabia!... Eu tinha a certeza! Conheço Valéria suficientemente para aceitar a hipótese de que ela se envolvesse numa «chantage» tão miserável como esta. Não sei, meu caro senhor, como conseguiu estas cartas, mas tenho o prazer de lhe comunicar que são absolutamente falsas. Nunca as escrevi! Ou eu estou muito enganado, ou foi Valéria quem as escreveu a si própria. O que depreendo de tudo isto é que o senhor precisa urgentemente de cinco mil libras...

Então, erguendo o braço, como que para tirar a carteira do bolso, Lord Ravensdorne atirou dois terríveis murros á cara estanhada do senhor Brown, o qual, desiludido e apavorado e perdendo, desta vez, a sua «flougma», se sumiu pelas escadas abaixo, com os queixos abalados, vergado á inesperada derrota — pois lá se iam aqueles milhares de libras com os quais já contava em resultado da sua miserável traficancia.

Sente-se assim?

É porque precisa de vitaminas e de ferro

BOVRIL contém vitamina B 12, essencial para fortalecer a saúde e a energia.
Misture uma colher de chá de BOVRIL com a sopa e os guisados. Estimula o apetite e a digestão.
Também pode tomar BOVRIL como bebida misturando-o com água quente.

Bovril em «sandwiches» é uma delicia.

PARA FÔRÇA E VIGOR

BOVRIL

Unico Agente Distribuidor em Portugal
J. CANDIDO DA SILVA • LISBOA-PORTO

Almoço de despedida do sr. W. I. Grobler

E' na próxima terça-feira que se efectua, no Restaurante Mónaco, em Caxias, o almoço de despedida ao sr. W. I. Grobler, adido de Imprensa á embaixada da União da África do Sul, promovido por um grupo de jornalistas e escritores. W. I. Grobler que é uma figura prestigiosa do corpo diplomático acreditado em Portugal e que parte para o seu país no dia 17 deste mês, a fim de ocupar um alto posto no Ministério dos Negócios Estrangeiros, receberá naquele almoço as mais expressivas homenagens de jornalistas, escritores, diplomatas e outras entidades.

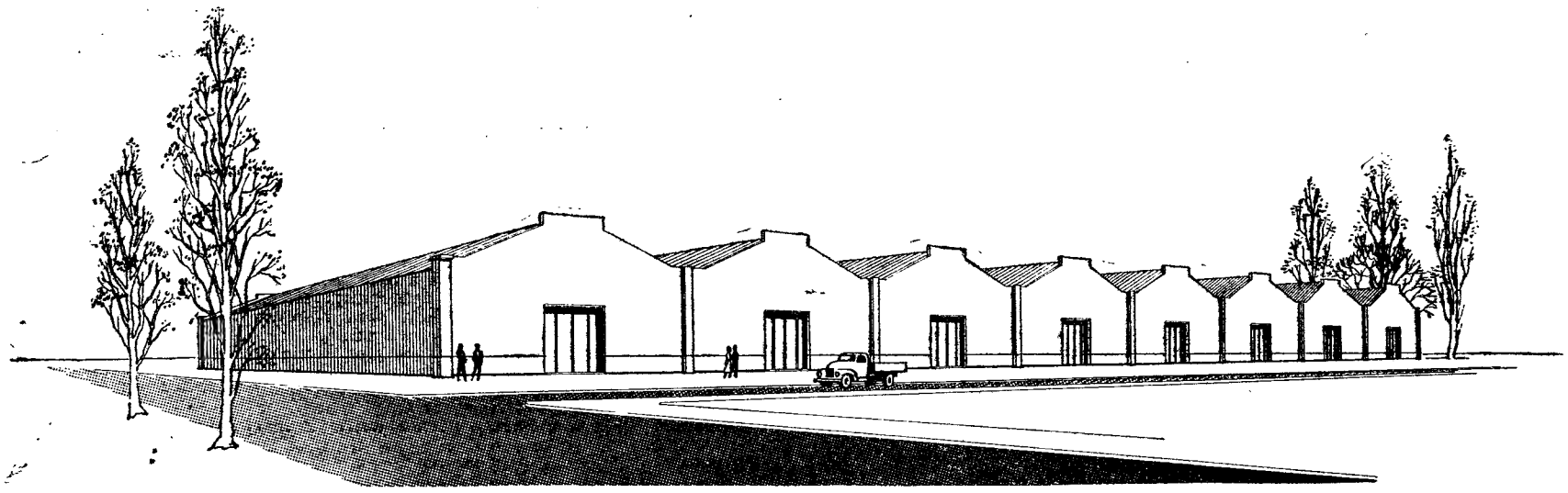
DE LUTO

Caetano Ferreira de Carvalho

VILA NOVA DE POIARES, 8 — (Pelo telefone) — Faleceu na sua casa do Crato, o sr. Caetano Ferreira de Carvalho, viuvo, proprietário e antigo secretário da Camara Municipal deste concelho. O funeral efectuou-se para o cemitério de Santa Maria.

LIVROS
PARA O
INSTITUTO BRITANICO
A venda na
LIVRARIA ANGLO-AMERICANA
RUA BERNARDINO COSTA, 32 — (ao Cais do Sodré)—Telefone 27703

Restaurante Cortador
OH! LACERDA
Avenida de Berna, 36-A
PRATOS DO DIA
Domingo — Cabrito Assado
Segunda-feira — Dobrada á Portuguesa
Terça-feira — Cosido á Portuguesa
Quarta-feira — Bacalhau
Quinta-feira — Chambão á moda da casa
Sexta-feira — Caldeirada
Sábado — Chispe com todos
Agradece a marcação de mesa pelo telefone 77 40 57.



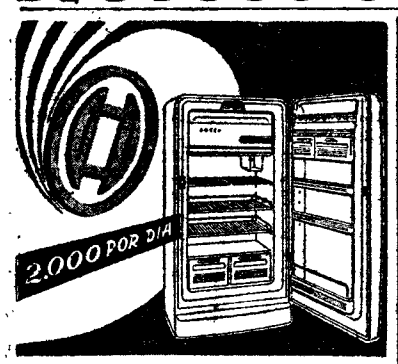
Perspectiva do maior armazém acabado de construir pela nossa firma, na zona industrial de Lisboa-Sacavém, composto de oito vãos, com área total de 10.000m2 e destinado à nossa estimada cliente

SOCIEDADES REUNIDAS REIS, LDA.

Projectos - Orçamentos - Construções Civis e Industriais - Betão Armado

SOCIEDADE DE CONSTRUÇÕES ERG

RUA DA BOAVISTA, 44-1.º—LISBOA



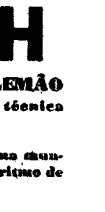
BOSCH

O 1.º FRIGORÍFICO ALEMÃO
em qualidade, economia, técnica e preço

Os frigoríficos BOSCH de fama mundial são agora produzidos no ritmo de
2.000 por dia

8 modelos diferentes. Todos os tamanhos. Preços acessíveis. Facilidades de pagamento. Assistência técnica eficiente.

Refrigeração **POLAR**



TRANSPORTE DE MERCADORIAS PARA AMADORA, VENDA NOVA E QUELUZ

Acaba de ser inaugurado o serviço combinado para transporte de mercadorias entre estações do caminho de ferro e despachos centrais da camionagem e o Despacho Central de Amadora e os domicílios de Amadora, Venda Nova e Queluz.

Este melhoramento permite o despacho de mercadorias de qualquer estação ou despacho central de camionagem de serviço combinado com o caminho de ferro para o Despacho Central de Amadora e os domicílios de Amadora, Venda Nova e Queluz, e vice-versa.

LEILÃO DE PENHORES

A COMERCIAL

18, T. da Trindade, 20 — Tel. 25082

Hoje ultimo dia para pagamento de juros.

V. Ex.ª deseja comprar um relógio?

Peça um ENICAR ULTRASONIC

O ENICAR ULTRASONIC oferece-lhe:

absoluta garantia
modelos elegantes
acabamento ultramoderno
Preços modestos

ENICAR ULTRASONIC

O relógio Enicar Ultrasonic é o único relógio que não precisa de lubrificação durante três anos.

Cada relógio Enicar Ultrasonic tem um boletim de garantia. Há centenas de fabricantes de relógios na Suiça. Mas a Fábrica Enicar fabrica 8 % da produção total da Suiça, ou seja perto de um milhão de relógios por ano.

Também fabrica toda a relojoaria moderna em:
Automáticos com os últimos aperfeiçoamentos.
Calendários, com a lente de aumento.
Impermeáveis: 10 % — caixa SEA-PEARL.
Extra-planos: sensacionalmente planos.

O relógio Enicar está á venda nos cinco continentes

O RELÓGIO DAS HORAS EXACTAS

SINTRA ESPERA O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELÉCTRICOS

DINHEIRO
COLOCA SOBRE AUTOMÓVEIS OU PRÉDIOS EM 1.ª HIPOTECAS
RAPIDEZ E SIGILO
A FINANCIADORA
EM LISBOA - AV. DA LIBERDADE, 3
NO PORTO - P. DA LIBERDADE, 12

Ordem dos Advogados

CONSELHO DISTRITAL DE LISBOA

ASSEMBLEIA DISTRITAL ORDINÁRIA

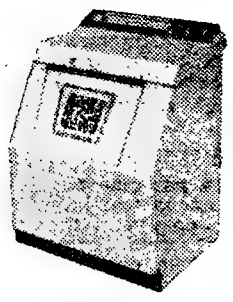
Nos termos do artigo 568.º e para os efeitos do n.º 1.º do artigo 570.º do Estatuto Judiciário, convoco a Assembleia Distrital Ordinária para reunir na sede da Ordem dos Advogados, no Largo de São Domingos, n.º 14, 1.º andar, no dia 28 do corrente, ás 15 horas, a fim de apreciar e votar o relatório do ano corrente e, bem assim, o orçamento para 1959.

Lisboa, 4 de Novembro de 1958.

O Presidente,
CONSTANTINO FERNANDES

CHEGARAM A PORTUGAL!!!
AS MAIS CÉLEBRES MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA e LOIÇA, EM TODO O MUNDO...

Westinghouse



COMPLETAMENTE AUTOMÁTICAS!...
Sem qualquer compromisso assista a uma demonstração, nos

Concessionários Gerais no País:

NORA, S. A. R. L.
Rua da Vitória, 59 — Telf. 28749
R. Infantaria 16, n.º 60-D — Telf. 688286

DIZ O MEDICO...

(Continuação da 1.ª página)

rados, imprescindíveis ao bom equilíbrio da nutrição, constituindo uma excelente fonte de fósforo, cobre e ferro, apesar de ser muito pobre em cálcio. Em contrapartida, é muito rica em vitamina B1.

Já no célebre livro «The Vitamins in Medicine», publicado em 1946, F. Bicknell e F. Prescot demonstraram que aquele alimento pode servir como fonte rica de vitamina B1. Nos Esquimós, nas populações árcticas, não se registaram até hoje casos de avitaminoses por carência daquela vitamina tão necessária ao equilíbrio fisiológico.

Contém, além da apontada, riboflavina, niacina, piridoxina e ácido pantoténico, sendo muito pobre ou quase isenta de vitaminas A e C.

A cozedura a fogo lento não as destroi. Trata-se, pois, de um alimento fornecedor de vitaminas ao organismo humano em quantidades muito apreciáveis

O uso e abuso de dietas exclusivamente constituídas por carne, pobre em cálcio e em vitaminas A e C, ocasionam o aparecimento de alterações nutricionais, entre elas o raquitismo. Tem-se estabelecido uma grande e perigosa confusão entre as chamadas carnes brancas e vermelhas (James McLester). A constituição das carnes dos mamíferos é idêntica, exceptuada a carne de porco, colocada, de há muito, á margem das dietas cientificamente organizadas.

Um conhecido dietista alemão, citado com frequência por Lusk, espanta-se com a afirmação de que, em certos países das Américas, a carne de vaca seja considerada de fácil digestão e a de vitela muito indigesta, chegando depois á conclusão de que na Alemanha não se sabe cozer convenientemente a primeira.

Parece também confirmado que a ingestão de proteína de carne, durante um período longo, não lesa os rins. Outros autores, de igual crédito e categoria (Newburg e Johnston), são, contudo, de opinião que o abuso da carne vermelha, em especial a de porco, pode originar o aparecimento de graves lesões renais («The Nephropathic Effect in Man of a Diet High in Muscle and Liver»).

Julga-se que a nefrite crónica é mais frequente nos países em que os seus habitantes ingerem dietas ricas em proteínas animais.

O aparecimento de albumina e de cilindros na urina nem sempre está ligado ao uso daquele alimento. Nos ratos e noutros animais de laboratório, submetidos durante longos períodos a rações ricas em proteínas, não se verificaram lesões renais. Estará o aparecimento de albumina e de cilindros ligado aos ácidos aminados que constituem as proteínas?

Os investigadores franceses, mais advertidos e realistas do que os norte-americanos em matéria de boa alimentação, afirmam que os povos que são fracos consumidores de carne, não se encontram em boas condições físicas, apresentando, devido a essa carência, menor resistência aos trabalhos pesados, inclusive os do campo.

A força dos Indios americanos (os Peles-Vermelhas), acentua Catlin, encontra-se no regime alimentar rico em carne de búfalo.

Os Argentinos consomem grandes quantidades de carne e, não obstante, os investigadores daquele país ligam um valor muito relativo á arteriosclerose. Os Chilenos permitem o uso da carne e do queijo, mas proíbem a manteiga.

Os vaqueiros do Texas, durante décadas, vendiam a carne e alimentavam-se de vegetais. E, contudo, os vaqueiros são físicamente fortes.

Os países ricos consomem mais carne. São muito elucidativos os relatórios técnicos sobre este magno problema, publicados periódicamente pela Organização Mundial de Saúde, cuja última monografia (a trinta e três) apareceu há poucas semanas em Genebra e já se encontra á venda em todos os países.

O aumento de consumo dos alimentos, em especial a carne, acompanha sempre o grau de prosperidade comercial e industrial de uma nação.

Assim, a Inglaterra, o Canadá, os Estados Unidos, a Alemanha, a Austrália e a Nova Zelândia contam-se entre as que consomem mais carne por habitante. Seguem-se a Bélgica, a Holanda, a Suiça, a Checoslováquia e a França. A Itália e a Finlândia registam-se entre as que gastam menos por cabeça.

W. Thomas, que estudou, do ponto de vista médico, os costumes dos Esquimós verificou que as doenças cardiovasculares não são frequentes entre os habitantes das regiões polares, apesar da ração alimentar ser restrita. Os Esquimós consomem pouca gordura. As suas refeições são, em geral, constituídas por carne de baleia, de foca, lebre, raposa, urso, patos, gaivotas e peixe.

Os povos que se alimentam de desidratados e de conservas sofrem de escorbuto e de raquitismo. Os cabelos e as unhas dos primeiros são melhores e mais resistentes do que as dos segundos. Os Esquimós não sofrem de raquitismo.

Curioso é de anotar que, mesmo os adversários das proteínas, sustentam que as carnes, vermelhas ou brancas, devem ser acompanhadas de vegetais verdes, sendo inimigos do leite, dos amiláceos, dos doces, dos prótidos em geral, das frutas ácidas e das gorduras.

As dietas com ovos, por exemplo, são indigestas, quando misturados com gorduras e alimentos ácidos. Os cremes e gorduras só devem ser acompanhados de vegetais verdes.

O leite, só por si, constitui uma refeição e é incompatível com outros alimentos, sucedendo o mesmo com o melão.

Voltemos, porém, á carne, considerada um alimento protector, devido á sua riqueza em proteínas, ácidos aminados e vitaminas.

As deficiências de proteínas, nos países pouco consumidores de carne, devido a precárias situações económicas, só podem ser compensadas com o aumento de consumo de leite, queijos, e ovos, inacessíveis, porém, á maioria da população.

Qual o papel das proteínas? Aumentam a imunidade do organismo, as defesas contra a infecção. A perda de imunidade está sempre ligada a uma acentuada deficiência proteica (Cannon).

As melhores dietas deverão fornecer ao indivíduo quantidades suficientes de ácidos minados.

A refeição, no futuro, será essencialmente rica em proteína. Num livro clássico de Hardenbergh, «War and our Meat Supply», aquele autor afirma e prova que «a quantidade de carne fornecida aos soldados na última guerra influenciou o moral das divisões norte-americanas».

As falsas noções dietéticas são como a falsa moeda, cunhada pelos grandes culpados e posta a girar pelas pessoas de bem que, sem o saberem, perpetuam o crime — afirmou algures Joseph de Maistre.

É muito difícil delinear o plano de uma boa ração alimentar. Para cada um sua ração, e não esquecer, sobretudo, que não existem alimentos específicos, uns que fazem bem aos olhos, outros aos nervos, uns que nutrem o cérebro e outros que fazem crescer os cabelos... Os antigos aconselhavam a beterraba no tratamento das doenças dos rins e da bexiga, o ananás para as dores de garganta, espinafres e rama de beterraba para a cura da anemia, o limão e as uvas para o cancro, o mel para a tosse, o alho para a asma, etc., etc...

Tudo modas, mezinhas, superstições que ficaram, no correr lento dos anos, estampadas na alma do povo!

Por causa da minha vesícula, eu próprio estou sempre á espera das primeiras alcachofras... Foi uma boa receita que herdei de uma das minhas avós...

A. d'E.

O PORTO pelo telefone

Nova carreira de autocarros

PORTO, 8. — A partir de amanhã, a populosa vila da Maia e as localidades vizinhas, situadas ao longo da estrada Porto-Braga, vão usufruir um dos maiores benefícios que há muito legítimamente ambicionam — o estabelecimento de uma carreira regular de autocarros do Serviço de Transportes Colectivos do Porto.

O acto inaugural terá grande imponência, com a chegada do primeiro carro, que conduzirá engenheiros e pessoal superior do Serviço. No limite do concelho, onde chegará cerca do meio dia, organizar-se-á um luzido cortejo até aos Paços do Concelho.

Bimotor em primeira viagem

Procedente de uma fábrica de aviões de Oklahoma, aterrou ontem á noite no aeroporto de Pedras Rubras, trazendo apenas dois tripulantes, um novo avião bitomotor destinado á Companhia de Aviação inglesa «Air-Work». Trata-se de um aparelho de dez lugares, que fez escala na Terra Nova e em Santa Maria. O novo bimotor partiu esta manhã, com destino a Zurich.

Criança queimada

Recolheu ao Hospital de Santo António a menina Maria Clara Teixeira da Silva, de 5 anos, residente, com seus pais, em Aguas Santas (Maia), que sofreu graves queimaduras pelo corpo, por se lhe ter pegado fogo aos vestidos, ao aproximar-se demasiado de um fogareiro de petróleo.

Exposição de pintura

Inaugurou-se hoje, no salão de festas do Coliseu do Porto, uma exposição de pintura de Henrique Leorne.

CARTAZ DO PORTO

para amanhã, dia 9

COLISEU—Ás 21 e 30 — «O cavaleiro da Torre».
SÁ DA BANDEIRA — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «Vingança do Circo».
RIVOLI — A's 21 e 45 — «Os dez mandamentos»
BATALHA — Ás 15 e 30 e 21 e 30 — «O prisioneiro do rock and roll».
TRINDADE — Ás 15 e 30 e ás 21 e 30 — «Os irmãos Karamazov».
OLIMPIA—Ás 15 e 30 e 21 e 30 — «A Rapariga das Violetas».
NUN'ALVARES — Ás 21 e 30 — «O médico de Estalinegrado».
AGUIA DE OURO — Ás 15 e 30 e 21 e 30 — «A volta ao Mundo em 80 dias».
S. JOÃO — A's 15 e 30 e 21 e 30— «A tragédia do Titanic»
JULIO DINIS — Ás 15 e 15 e 21 e 45 — «Escandalos em Tóquio».
[illegible] e 30— «O segredo da confissão».

Terminou a reunião da Federação de Oleicultura

Terminaram os trabalhos da reunião da Federação Internacional de Oleicultura que se efectuaram no Palácio Foz, com a presença de delegações da Argélia, Espanha França Itália, Marrocos, Tunísia e Portugal. A Grécia delegou a sua representação em Portugal.

Os delegados dos referidos países percorreram hoje o triangulo turistico Lisboa, Sintra, Cascais.

VIDA MUNDANA

D. ANA MARIA BUAL

Partiu hoje, por via aérea, com destino a Colmar (Alto Reno) a enfermeira da respectiva Escola da Cruz Vermelha Portuguesa, D. Ana Maria Bual, que vai estagiar, durante seis meses, nas escolas de enfermagem daquela cidade e de Estrasburgo, e ainda numa clínica de serviço de psiquiatria, em Paris.

VIDA ARTISTICA

A missão Internacional de Arte vai expor no S. N. I.

Num dos salões do S. N. I. vai inaugurar-se na segunda-feira, ás 16 horas, a exposição dos trabalhos da Missão Internacional de Arte que, por iniciativa do Grupo Popular, funcionou em Evora durante o mês de Setembro.

ELNA
Máquinas de costura, pequeninas, simples, bonitas e maravilhosas. Aproveite agora o preço ocasional
VENDAS E REPARAÇÕES
Em Lisboa — Largo da Trindade, 17
no Porto — R. Sá da Bandeira, 69-2.º

A velocidade desenvolvida

pelos dois primeiros pisos do engenho

não permitiu que o satélite

se libertasse do campo magnético da Terra

(Continuação da 1.ª página)

americana para colocar um satélite artificial numa órbita da Lua já não suscita duvidas.

Os técnicos de Cape Canaveral empenham-se, agora, em apurar qual terá sido a trajectória do foguetão durante a sua curta actividade e os pontos de impacto dos seus elementos ao cairem na direcção da Terra.

Desconhecem-se, por enquanto, as causas técnicas do mau funcionamento do dispositivo propulsor do foguetão «Thor-Able», que devia, se tudo corresse bem, imprimir ao satélite lunar uma velocidade máxima de 38.240 quilómetros á hora e levá-lo em dois dias e meio, depois de um trajecto de 320.000 kms. á vizinhaança imediata da Lua.

O lançamento previsto para a noite de anteontem para ontem fora adiado por vinte e quatro horas, menos de uma hora antes do momento previsto para a tentativa, pois «dificuldades técnicas» surgiram no derradeiro instante. Não se revelou a natureza exacta destas dificuldades. Mas, soube-se, pouco depois, em Cape Canaveral, que a equipa encarregada de acender, o aparelho desconfiara de ruidos insólitos provenientes do corpo do foguetão, quando procedia aos ultimos preparativos.

A contradição aparente, nas informações publicadas sobre o êxito do lançamento, em especial quanto aos três pisos se terem acendido normalmente, resultou de um erro da Agência Espacial (N.A.S.A.). Sabe-se que este organismo anunciou oficialmente, ás 7 e 45, que «os segundo e terceiro pisos do veículo espacial experimental foram acesos com êxito, indicando, minutos depois, que a operação de acender aqueles andares do foguetão decorrera normalmente e numa ordem de sucessão perfeita»

No entanto, a tentativa falhara. A velocidade desenvolvida com os dois primeiros elementos do foguetão foi insuficiente para arrancar o engenho do campo magnético da Terra. E foi anunciado, oficialmente, que os segundo, terceiro e quarto andares do foguetão se tinham separado uns dos outros e caído «algures» no Sul do Atlantico. No entanto, o «Pioneiro II» teve tempo, na sua curta vida espacial, para descrever um arco de vários milhares de quilómetros, uma vez que se consumiu ao tomar contacto com a camada atmosférica, perto da Africa Central.

Ignora-se ainda se os seus dois postos emissores lhe permitiram transmitir indicações cientificas utilizáveis. Sabe-se, entretanto, que durante 15 minutos pelo menos (das 7 e 45 ás 8 e 1) os seus sinais foram captados pelo radiotelescópio gigante de Jodrell Bank (Inglaterra) que devia acompanhá-lo em toda a trajectória na direcção da Lua.

Só dentro de dias poderemos saber — se for possível fazer-se a determinação exacta — as causas do mau funcionamento técnico que impediram que o terceiro piso se acendesse normalmente e provocaram assim o insucesso da tentativa. Este tempo será preciso para comparar as indicações captadas pelos cinco postos de rastreio nos Estados Unidos, na Inglaterra, e no Pacífico. — (F. P.).

O engenho incendiou-se sobre o continente africano

WASHINGTON, 8. — O «Pioneiro II» desintegrou-se, incendiando-se, ao reentrar na atmosfera sobre o centro da Africa, depois de um voo de menos de 45 minutos.

Atingira 1.600 kms. de altitude — segundo anuncia, oficialmente, a N. A. S. A.

A Agência Espacial transmitiu o seu comunicado ás 9 e 30, assinalando que o engenho se desintegrou num ponto situado sobre a parte oriental do centro do continente africano.

Crê-se que a desintegração do satélite ocorreu cerca das 8 e 15, ou seja, aproximadamente, três quartos de hora, depois do foguetão portador ter sido aceso. O engenho caíu a 12.000 kms. de Cape Canaveral. Calcula-se que a velocidade máxima atingida foi de 25.000 quilómetros á hora. — (F. P. e A. N. I.).

*

CAPE CANAVERAL, 8. — Um elemento oficial declara que o malogro com a tentativa de alcançar a Lua significa que o foguetão percorrerá mais alguns milhares de quilómetros, antes de régressar á atmosfera terrestre, onde também se desintegrará em virtude de estar ainda animado da grande velocidade que lhe imprimiram os dois primeiros andares. — (ANI)

A operação do lançamento

CAPE CANAVERAL, 8. — Eram 2 e 31 (7 e 31, T. M. G.) de hoje, quando a Aeronáutica lançou o seu terceiro foguetão lunar, com cerca de 27 metros de comprimento e o peso total de 52 toneladas.

O Céu estava claro e o engenho subiu com um ligeiro atraso de 2 minutos relativamente á hora prevista para o lançamento. A zona da operação foi a que já servira para as duas tentativas anteriores, a de 17 de Agosto que falhou em resultado da explosão do foguetão 77 segundos depois de ser aceso, e a de 11 de Outubro que enviou o «Pioneiro I» a cerca de 129.000 kms. da Terra, o qual, tendo perdido a aceleração, voltou a cair em direcção ao solo e desintegrou-se na atmosfera.

Ao acender-se o foguetão, toda a base do Cape Canaveral foi iluminada pelo clarão, assim como as praias em redor. Passados 30 segundos, o foguetão desapareceu no espaço, que, entretanto, se encobrira de nuvens baixas, mas o zumbido dos motores continuou a ouvir-se por algum tempo, confirmando que o primeiro piso, pelo menos, funcionava normalmente. Cerca de dois minutos depois o foguetão reaparecia por entre as nuvens. A N. A. S. A., explicara antes que o segundo piso do engenho devia acender-se 4,5 minutos depois do lançamento.

Dez minutos depois da operação inicial, a Aeronáutica confirmava que o 3.º piso se incendiara, embora vários postos de rastreio assinalassem que o voo do foguetão parecia conforme a todas as previsões — (F. P.).

Juntou-se uma multidão para ver subir o satélite

CAPE CANAVERAL, 8 — Houve um engarrafamento monstro, durante a noite passada, nesta praia, onde milhares de curiosos se instalaram nos seus automóveis para assistirem ao lançamento do foguetão lunar «Pioneiro II».

Por volta da meia-noite, a praia tinha o aspecto de imenso parque-automóvel ou de acampamento de ciganos. Aqui e além, fogueiras ateadas na areia, iluminavam as caras em redor.

Um clamor enorme saudou a partida do foguetão. A luz avermelhada da zona de lançamento, o zumbido do motor, o longo rastro dos gases á retaguarda do engenho, e dois minutos depois o longo cilindro metálico perdia-se nas nuvens O espectáculo terminara. Então, todos se meteram nos seus carros e tentaram regressar ás estradas do litoral, numa desordem absoluta provando que, mesmo em Cape Canaveral, nem tudo é orientado pelo cérebro electrónico. — (F. P.).

O radiotelescópio britanico assinalou o anormal funcionamento

LONDRES, 8. — O prof. Alfred Lovell, que chefia a equipa de cientistas do Observatório de Podrell Bank, declarou que o foguetão lunar americano foi localizado pelo grande radiotelescópio britanico ás 7 e 43, mas que se perdera o contacto ás 8 e 1.

Notou o cientista que o primeiro rastreio, 3 minutos depois da hora prevista, indicava uma anomalia no funcionamento do foguetão. — (F. P.).

Declarações do prof. Lowell

JODRELL BANK (Inglaterra), 8 — «É-me completamente impossível afirmar, sem receio de cometer um erro, se o «Pioneiro II» regressou á Terra ou seguiu outra órbita» — declarou o prof. Lovell, director do maior radiotelescópio do Mundo, o de Jodrell Bank, da Universidade de Manchester. Acrescentou:

«Estabelecemos contacto, três minutos mais tarde do que esperávamos, e via-se claramente que havia algo que não batia certo».

O radiotelescópio seguiu o voo do foguetão lunar durante 18 minutos, mas perdeu-lhe o rastro a partir das 8 horas e um minuto (T. M. G.). O primeiro contacto verificou-se ás 7 e 43 (T. M. G.).

O prof. Lovell não esclareceu se o aparelho localizou o «Pioneiro» por recepção directa dos sinais de rádio emitidos pela carga instrumental do satélite ou pela utilização do seu próprio sistema de radar. Depois de perdido o contacto, o radiotelescópio continuou a esquadrinhar o Céu, descrevendo amplos arcos, a fim de determinar se o «Pioneiro» se encontraria a «altitudes inferiores». — (A. N. I.).

Moscovo não comenta

MOSCOVO, 8.—A agência «Tass» anunciou, esta manhã, sem comentários, o lançamento e a desintegração do «Pioneiro II».

Lembrou o malogro das duas tentativas americanas anteriores. — (France Presse).

Far-se-ão outras tentativas?

WASHINGTON, 8. — O malogro da tentativa com o «Pioneiro II» esta manhã, põe termo ao programa confiado pelo Governo á Aeronáutica Militar, com o fim de colocar um satélite artifical numa órbita lunar

A Aeronáutica fizera, anteriormente, outras tentativas. A primeira terminou rápidamente por uma explosão do foguetão portador a uns milhares de metros de altitude. Na segunda, o «Pioneiro I» subiu até cerca de 128.000 kms. ou seja 1/3 da distancia que separa a Lua da Terra.

Para que se faça nova tentativa do mesmo género, haverá que esperar 28 dias, pois então a posição relativa da Terra e da Lua será de condições óptimas. E' provável que então, por alturas de 5 de Dezembro, o Exército entre, por sua vez, em acção As forças terrestres estão autorizadas pela N A S A. a proceder a dois ensaios lunares Utilizarão para o efeito o foguetão «Jupiter-C», o que alcançou até agora maiores êxitos com os seus «Exploradores», tratando-se de colocar um satélite artifical numa órbita da Terra — (F. P.).

Prepara-se outro satélite

COCOA (Florida), 8.—A Aviação vai tentar lançar um satélite de reconhecimento, antes do Natal — informa o jornal «Cocoa Tribune». Esse satélite, que se chamará «Sentinela», será equipado com aparelhagem fotográfica e terá o peso aproximado de 1.800 quilos, isto é, mais 500 quilos do que o «Sputnik III». Impusioná-lo-á uma combinação de foguetões «Atlas», «Intercontinental» e «Titan».—(A.N.I.)

O «Sputnik»

volta a passar sobre Lisboa

LONDRES, 8.—O «Sputnik» passará, depois de amanhã, sobre Lisboa, á 1 hora e 59 minutos (T. M. G.) — anuncia a Agência Tass, no seu habitual comunicado sobre a trajectória do satélite artificial russo —(A. N. I.).

ATENÇÃO
Escola de Adultos—T. 862244
Exames 3.ª e 4.ª classes
rápidos c/ diplomas garantidos
Cursos das 9 ás 23 h.
Largo Chão do Loureiro, 1-2.
ADULTOS

Nao e uma montra de brinquedos. E' a fachada de uma moderna garagem de Nova York, concebida segundo um plano de amplo sentido prático para resolver o problema da exiguidade dos parques de estacionamento. Com diversas entradas e dotada de um sistema de rampas que permite o acesso fácil a qualquer dos pisos, o novo edifício constitui a solução ideal para contrapor ás dificuldades crescentes da arrumação de carros nas grandes cidades

Reivindicações dos feiticeiros

JOANESBURGO, 8. — A Associação dos Feiticeiros Africanos, «Dingaka», decidiu, pedir o seu reconhecimento oficial.

A «Dingaka» resolveu, ainda, durante o seu Congresso, reunido nesta cidade, que chegou a altura de os cientistas estudarem o aproveitamento médico das ervas que usam nas suas curas. — (A. N. I.).

Há uma trégua na luta aérea entre as duas Chinas sob o Estreito da Formosa

TAIPEH, 8. — Os Estados Unidos e o Governo da Formosa estão a observar um período de tréguas nos ceus do Estreito da Formosa — dizem os círculos bem informados.

A decisão foi tomada sem alarde, tendo os «caças» nacionalistas recebido ordens para se servirem de todos os meios conhecidos de evasão para evitarem combater com os aviões comunistas, a 30 milhas da China continental. A Aviação comunista raras vezes se aventura mais além.

Declaram os mesmos círculos que os Estados Unidos começaram a preocupar-se com as batalhas aéreas quando «Sabres», munidos de projécteis «Sidewinder», destruiram onze «Migs» num só dia ameaçando agravar o conflito. Desde o começo das hostilidades até meados de Outubro, a Aviação nacionalista afirma ter abatido 31 «Migs» e perdido apenas um «Sabre».

Pequim parece ter aceitado as tréguas sem comentários — acrescentam. Avistavam-se, diáriamente, centenas de «Migs» sobrevoando a costa continental até há poucas semanas

Entretanto, os comunistas continuam as suas tréguas em dias alternados. A artilharia continental reduziu-se a silêncio á meia-noite e o Ministério da Defesa anuncia que as Quemoy ainda não foram bombardeadas hoje.

Ontem, as baterias das Quemoy destruiram 6 canhões comunistas, o que eleva a 87 o total das peças de artilharia atingidas pelas baterias nacionalistas desde 20 de Outubro — anunciou o ministério. A artilharia da China continental disparou 1.844 granadas sobre o arquipélago das Quemoy. — (A. N. I. e F. P.).

Vítima de atropelamento

Quando passava na Av. da Republica, foi atropelada, por um automóvel, a serviçal Julia de Jesus Almeida, cuja residência é desconhecida, que recolheu a S. José, com uma perna esfacelada.

Hospital de Santa Maria

O dr. Fernando de Brito Barros foi provido no cargo de chefe do laboratório do Hospital de Santa Maria.

Os Estados Unidos partilharão segredos militares com a Russia?

GENEBRA, 8. — Os Estados Unidos talvez se disponham a partilhar alguns dos seus segredos militares com os Russos, durante a conferência Leste-Oeste sobre a prevenção de ataques de surpresa — afirma-se nos círculos norte-americanos bem informados.

Sublinham, porém, que os Estados Unidos só se decidirão a tomar essa atitude se se tornar evidente que os Russos estão dispostos a discutir com franqueza os seus proprios segredos militares.

Nos círculos ocidentais espera-se que as conversações culminem com um acordo Leste-Oeste sobre as formas e disponibilidades de vários métodos de detecção dos ataques de surpresa, incluindo o radar, a fotografia aérea, os observatórios terrestres e marítimos, os instrumentos electrónicos e outros.

Acrescentou que a conferência, prolongando-se por quatro ou cinco semanas, preparará uma lista de todos esses métodos de detecção técnica, que será discutida, possivelmente, numa conferência política Leste-Oeste. Os mesmos círculos acentuam que o encontro de Genebra não tentará sequer definir possíveis ares de inspecção ou de «céu aberto». — (A. N. I.).

Morte súbita de uma filha do milionário Patino

NOVA YORK, 8.—A condessa Guy de Boisrouvray, filha do magnate e multimilionário boliviano Simón Patino, foi, ontem, encontrada morta num apartamento que ocupava num grande hotel desta cidade. Foi uma criada que a encontrou morta caída no seu quarto de dormir. Embora a morte pareça ter sido provocada por causas naturais, o juiz de instrução ordenou que se proceda a autópsia. A condessa passava por ser uma das mulheres mais ricas do Mundo. Seu marido, engenheiro de minas, chegou, precipitadamente, de Toronto onde fora tratar de negócios e onde lhe comunicaram a notícia.—(F. P.).

Laboratório Nacional de Engenharia Civil

Foi publicada hoje a lista provisória dos candidatos admitidos ao concurso de admissão de terceiros-oficiais do quadro permanente do Laboratório Nacional de Engenharia Civil, cujas provas práticas começam no dia 17, ás 14 horas

Desastre de bicicleta

O estudante Luís Manuel Baptista VanZeller, de 16 anos, morador na Av. da Republica, 83, Queluz, embateu, esta manhã, com a bicicleta em que seguia, numa camioneta parada na Av. Ressano Garcia, em Lisboa. Ferido na cabeça, foi levado á sala de observações do Hospital de S. José

Fulminados por um raio que caiu numa escola

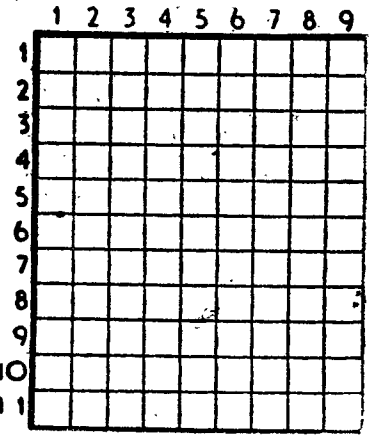
JOHANESBURGO, 8 — Morreram fulminados três rapazes e vinte e nove ficaram feridos, dos quais treze com gravidade, em consequência de ter caído um raio na sala de aula de uma escola, nos arredores desta cidade, durante uma violenta trovoada. — (A. N. I.)

DIA POR DIA EM LISBOA

PALAVRAS CRUZADAS

NOVA MODALIDADE

Problema n.º 3.498



HORIZONTAIS: 1 — Confiante. 2 — Lavrais. 3 — Símbolo químico do gálio. Pedras de amolar. Símbolo químico do hélio. 4 — Calcula. Encargo. 5 — Senhor inglês. Gasto. 6 — Elegantes. 7 — Rente. 8 — Artigo definido. Parceiro. Pronome pessoal. 9 — Cabo da Costa de Portugal. Fronteira. 10 — Combatei. 11 — Gostas muito de. Rates.

VERTICAIS: 1 — Cidade de Portugal. A Morte. 2 — Canção. Apenas. 3 — Nociva. Gera. Partido. 4 — Mana. Naipe das cartas de jogar. 5 — Tanto. Agora. 6 — Alegria. Cortas com serrote. 7 — Artigo definido. Descobertas. Escudeiro. 8 — Reformador checo que foi um dos precursores da Reforma. Pronome pessoal. 9 — Antiga cidade da Jónia onde havia um célebre templo de Diana, considerado uma das sete maravilhas do Mundo. Semelhantes.

Solução do problema n.º 3.497

HORIZONTAIS: 1 — Onda. Orar. 2 — Vá. Dar. Ré. 3 — Sarna. 4 — Bar. Apa. 5 — Rifa. Sura. 6 — Ira. Roi. 7 — Arda. Mala. 8 — Aos. Ora. 9 — Silva. 10 — Em. Lei. Má. 11 — Meta. Abar.

VERTICAIS: 1 — Ova. Ria. Sem. 2 — Na. Birra. Me. 4 — Safados. 5 — Adora. Axila. 6 — Ar. Lê. 7 — Ornas. Movia. 8 — Apurara. 9 — Ar. Afola. Mu. 10 — Réu. Aia. Ar.

CARTAZ DO DIA

TEATROS

MONUMENTAL — Ás 21 e 45 — «A rainha do ferro-velho».
AVENIDA — Ás 21 e 45 — «O Mentiroso».
TRINDADE — A's 21,45—«O diário de Anne Frank».
MARIA VITÓRIA — Ás 20 e 30 e ás 22 e 45 — «Por causa delas...»
COLISEU — Ás 21 e 30 — Companhia Internacional de Circo.

CINEMAS

TIVOLI — «Segredos de alcova».
SÃO LUIZ — «Indiscreto».
SÃO JORGE — «A tragédia do Titanic».
IMPÉRIO — «Os dez mandamentos»
EDEN — «A sede do mal».
POLITEAMA — «Vingador sem piedade».
ALVALADE — «Indiscreto».
MONUMENTAL—«Os miseráveis»
ROMA — «A sede do mal».
ODEON — «O pinga amor».
CONDES — «Os miseráveis».
AVIS — «A rapariga das violetas»
OLIMPIA — «Desforra fatal».
RESTELO — «As noites de Cabiria».
IDEAL — «O grande Caruso».
PROMOTORA—«Paulo e Carolina».
CAMPOLIDE — «O homem que sabia de mais».

Baile de beneficência

É hoje, sábado, ás 21 e 30, que a Casa do Concelho de Gouveia leva a efeito, na sua sede, na Avenida da Liberdade, 42-3.º, dt.º, um baile de beneficência, com a colaboração da orquestra «Costa d'Ouro» e dalguns artistas da rádio e do teatro.

Para os nossos pobres

Do Grupo Desportivo e Cultural da Companhia de Seguros Metrópole, em comemoração do 40.º aniversário daquela empresa, recebemos e agradecemos 20 escudos destinados aos pobres nossos protegidos.

PROGRAMAS DE RADIO

EMISSORA — Ás 21, Noticiário; 21 e 15, Desdobramento; 23 e 45, Noticiário, boletim meteorológico e fecho.

Programa «A» — Ás 18, Noticiário e danças; 18 e 40, Trechos de operetas; 19, Emissão infantil; 19 e 30, Trechos em piano; 19 e 15, Aguarela brasileira; 20, Jornal sonoro; 20 e 15, Musica ligeira sinfónica; 20 e 30, Que quer ouvir?; 21, Junção dos emissores; 21 e 15, Viola espanhola; 21 e 30, Conjuntos vocais; 21 e 45, Serão para soldados. No intervalo: Vozes do Mundo; 23 e 30, Danças; 23 e 45, Junção dos emissores.

Programa «B» — Ás 18, Cantata Vivaldi; 18 e 15, Concerto pela Orquestra Sinfónica Nacional, transmitido do Teatro Nacional de S. Carlos, sob a direcção de Pietro Argento e com a colaboração do violoncelista Eling Bengtsson. No intervalo: Noticiário regional e musica de Ravel; 20 e 15, O tenor Jussi Bjorling; 20 e 45, Variações sobre um tema livre, para quinteto de sopro, de Bozza; 21, Junção dos emissores; 21 e 15, Trechos de óperas; 21 e 45, Quinzena literária; 22 e 45, Que quer ouvir?, Sinfonia n. 4 em lá, opus 90, «Italiana», de Mendelssohn, e «Concerto n.º 2 em lá menor, opus 21», de Chopin; 23 e 45, Junção dos emissores.

RADIO CLUBE — Ás 17 e 30, Variedades; 18, Ritmos de baile; 18 e 30, Fados e guitarradas; 19, Quer um conselho?; 19 e 15, Doris Day; 20 e 15, Apontamento do dia; 20 e 20, Solistas; 20 e 30, Onda desportiva; 21, Imagens por musica; 21 e 30, Língua portuguesa; 21 e 45, Brasil; 22, Trechos recreativos; 22 e 30, Cultura espanhola; 22 e 45, Cançonetas; 23, Concerto; 23 e 30, Ritmos de baile do Casino Estoril; 23 e 45, Agenda; 23 e 50, Conjuntos; 0 e 30, Noticiário; 0 e 40, Ritmos de baile.

Estação de Miramar — Ás 18, Paisagem infantil; 18 e 30, Cançonetas; 18 e 45, Recital de Cruz e Sousa; 19, Palestra de língua portuguesa; 19 e 15, Motivos portugueses; 19 e 30, Isto é Portugal; 20, Boletim informativo; 20 e 10, Conjuntos vocais e instrumentais; 20 e 30, Vida desportiva; 21, Noticiário; 21 e 15, António Alvarinho; 21 e 30, Orquestras ligeiras; 22, Programa para a mulher; 22 e 5, Brasil; 22 e 30, Conjuntos instrumentais; 22 e 45, Melodias; 23, Trechos de operetas; 23 e 30, Artistas portugueses; 0, Ritmos de baile.

RADIO RENASCENÇA — Ás 18 e 30, Terço e bênção; 19 e 25, Boletim do S. C. R.; 19 e 30, França, horizonte do Mundo; 19 e 45, Ecos de Espanha; 20, Musica para o seu jantar; 20 e 30, Noticiário; 20 e 55, Meditando; 21 e 5, As ultimas novidades; 21 e 30, Musica portuguesa: 21 e 50, Melodias; 22, No reino das musas; 22 e 20, Composições escolhidas; 22 e 45, Noticiário; 22 e 57, Boletim religioso; 23, Serão familiar.

POSTOS CENTRALIZADOS—Das 14 e 30 á s 19 e 30, Rádio Peninsular; 19 e 30 ás 22, Voz de Lisboa; 22 á 1, Clube Radiofónico de Portugal.

TELEVISÃO

A's 21: Abertura da emissão; 21 e 2: Noticiário do País e do estrangeiro; 21 e 10: Jornal de actualidades internacionais; 21 e 20: Helder Martins e o seu conjunto; 21 e 45: «Tele-Desporto», programa semanal de actualidade desportiva; 22 e 10: Teatro: «Céu da minha rua» — Original de Romeu Correia; 23 e 20: «Na rua e na estrada», um programa para automobilistas e peões; 23 e 35: Actualidades nacionais e ultimas notícias; 23 e 45: Fecho da emissão.

HÁ TRINTA ANOS

O «Diário de Lisboa» publicava no dia 8 de Novembro de 1928 uma nota oficiosa pela qual o presidente do Ministério apresentara ao PPresidente da Republica a demissão do gabinete, sendo encarregado de formar novo Governo. O sr. dr. Oliveira Salazar fora convidado a continuar na pasta das Finanças. e o sr. coronel Vicente de Freitas prosseguia nas diligências para se desempenhar da missão que lhe fora confiada.

EFEMÉRIDES

No dia 8 de Novembro de 1910 morreu Leão Tolstoi.

SEMANA DO CONTRIBUINTE

ASCENSORES — Comunicar á Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos os nomes das firmas encarregadas da conservação, lubrificação e afinação dos ascensores existentes nos prédios, sempre que se verifique a aquisição de prédio ou a mudança de firmas responsáveis.

PRÉDIOS URBANOS — Colocação de escritos.

Verificar se estão colocados escritos em todos os prédios de que se obtiver do arrendatário declaração de que se considera despedido ou equivalente.

(Art.º 970.º do Código de Processo Civil).

CONTRIBUIÇÃO PREDIAL — Prédios ou andares devolutos.

Apresentar dentro de 15 dias, a contar daquele em que o facto se verifique, na competente Secção de Finanças, a participação respeitante aos prédios e andares que fiquem devolutos.

IMPOSTO PROFISSIONAL — Empregados de conta de outrem.

Participar na competente Secção de Finanças, no prazo de 15 dias, a contar daquele em que o facto se verifique, a cessação do exercício de profissão.

— Cessação de actividade
— Participações

Obs.: Quando a cessação se verifique posteriormente a 25 de Novembro de cada ano e até 31 de Dezembro, tendo-se observado o disposto no artigo 2.º do Decreto n.º 17 730, de 7 de Dezembro de 1929 (15 dias contados daquele em que o facto se verifique), não é necessário apresentar qualquer reclamação para o efeito de anulação de imposto.

Boletim da Direcção-Geral das Contribuições e Impostos, ano de 1944, p. 108, e ano de 1946, p.p. 415-418.

IMPOSTO SOBRE A APLICAÇÃO DE CAPITAIS, SECÇÃO A

— Letras comerciais processadas
— Manifestos

Nos 15 dias seguintes ao do protesto ou áquele em que este deveria ter sido feito, ou em igual prazo a partir da hipoteca que as garantir.

Uma oferta do escritor Allan Villieres

ILHAVO, 8. (Pelo telefone). — O escritor e grande marinheiro australiano Allan Villiers, enviou ao Museu Municipal de Ilhavo, de etnografia marítima, uma belíssima reprodução fotolitográfica do veleiro «Mayflower II», reconstituição do primeiro «Mayflower», que em 1620, conduziu os padres peregrinos ingleses para a América.

Allan Villiers que, em 1953, visitou o Museu de Ilhavo, foi o magnífico comandante do «Mayflower II» numa audaciosa viagem entre a Inglaterra-Plymouth (Massachusetts).

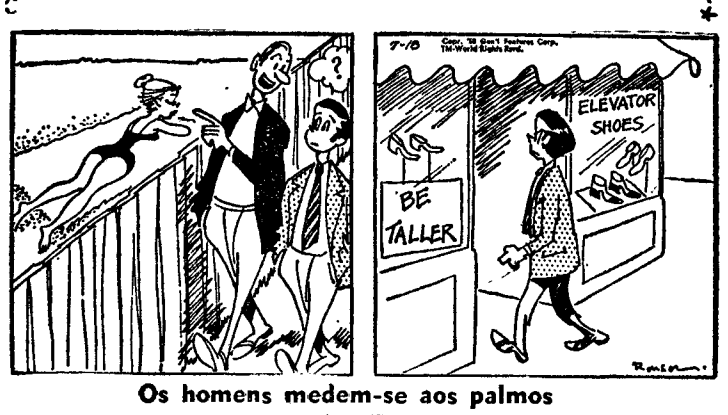
Villiers, que conta nesta terra numeros amigos e admiradores, é o autor ilustre da «Campanha do Argus», livro em que admirávelmente nos descreve a árdua e penosa faina da pesca do bacalhau, nos bancos da Terra Nova e da Gronelandia.

Um jantar ribatejano promovido pela Tábua Rasa

O Cenáculo Artístico e Literário Tábua Rasa promove, no dia 13, ás 20 horas, um jantar na Casa do Alentejo, seguido de uma palestra pelo sr. dr. Raul de Carvalho que falará de «Ribatejo» e o campino, com sua trilogia: toiro, fado e fandango». O dr. Velasco Martins, Silva Bastos, Silva Tavares, coronel Cardoso dos Santos, eng.º Sidónio Nunes Dias, João Bastos, dr. Leonel Cardoso, Gentil Marques, dr. Francisco Câncio e D. Maria Helena, dirão versos de exaltação do Ribatejo; D. Vicente da Camara cantará fados ribatejanos, com letra de João Bastos; campinos vindos da lezíria dançarão o autêntico fandango; João Villaret, acompanhado ao piano pelo maestro João Nobre, cantará o «fandango falado», da autoria de Fernando Santos; António Teixeira (Toni) dançará o fandango ribatejano estilizado; e o dr. Leonel Cardoso comentará a palestra com desenhos evocativos.

D. Maria Teresa de Noronha (Sabrosa) será convidada de honra, assistindo, também, como convidado, o maioral de uma importante ganadaria do Ribatejo.

ELE & ELA



Os homens medem-se aos palmos

FARMACIAS DE SERVIÇO

TURNO I — União — Estrada de Benfica, 592-594, Tel. 780092. Vitex—Estrada de Benfica, 373-B Tel. 780548. Curie — Avenida Madame Curie, 15-A. Tel 778439. Leal de Matos—Rua Neves Costa, 33-35 Carnide, Tel. 780181. Laranjeiras (Das)—R Filipe da Mata, 160-162. Tel. 761035. Central do Lumiar — Rua do Lumiar 77, Tel. 779480. Brasil — Avenida Rio de Janeiro, 66-66/A. Tel 722368; Sanex—Avenida da Igreja, 31-C, Tel. 776905. Belmar — Avenida de Roma, 53-A. Tel. 776314. Algarve — Avenida de Roma, 7-B, Tel. 777478; Garantia — Avenida Padre Manuel da Nóbrega, 5-A/B, á Praça do Areeiro, Tel. 727300; Onilda — Avenida João XXI, 13-A, Tel. 726848; Campo Pequeno (Do) Av da Republica, 58-D-E Tel. 771661. Vale—Avenida Marquês de Tomar 45-49. Tel. 773043; Palma — Avenida Duque de Avila, 25-31, Tel. 47088; Império, Ld.ª — Rua Filipe Folque 40-A/B, Tel. 48002; Salus — Rua Luciano Cordeiro, 73, Tel. 42239. Ascenso — Rua 27, 41, Bairro da Encarnação, Tel 389216; Olivais (Dos) — Rua Alves Gouveia, 19. Tel. 389237; Conceição — Calçada D. Castão, 30-32. Tel. 381279; Luzmar — Rua 2, 16—Bairro de Santa Engrácia Tel. 728395; Pereira, Suc.—Rua do Paraiso, 98-100, Tel. 863224; Silva — Calçada de Santo André, 16, Tel. 862074. Branquinho — Rua dos Sapadores, 87, Tel 842725; Ibéria — Rua Barão de Sabrosa, 235-A—á Alameda—, Tel. 728277; Candido Monteiro — Av Almirante Reis, 121-B, Tel. 45751. Góis, Ld.ª Suc. — Rua dos Anjos, 12-C/D, antiga Rua do Registo Civil, Tel. 840101; Ribeiro & Castro Ld. — Rua Braamcamp, 58, Tel. 43409; Salutar — Rua B, 75-A/B Bairro da Liberdade, Tel. 683694 Judice de Oliveira — Rua de Campolide, 54-A Tel. 684424; Pinheiro — Rua de Campo de Ourique, 131-133, Tel 663640; Janeiro — Avenida Álvares Cabral 100 ao lado do Liceu Pedro Nunes, Telefone 661453. Tagus — Praceta Possidonio da Silva — lote 3, Tel. 669485. Ocidental — Rua D. Jerónimo Osório, JPM 3, Tel. 610256; Gomes, Suc. (Gonçalves) — Rua da Junqueira, 326, Tel. 638193; Costa — Rua dos Lusiadas, 32, Tel. 636704 A. César — Rua Prior do Crato 74 Tel. 660187; Pinheiro — Rua Presidente Arriaga, 16, Telefone 661867; S. Nunes Simões, Suc — Rua do Quelhas, 1, Tel. 661275 Africana — Rua Bernardino Costa, 45, Tel. 29120; Pinharanda — Rua da Rosa, 94-96 Tel 21534; Lima Amaro, Suc. — Praça da Alegria, 27-28, Tel. 21149; Cortez — Rua de S Nicolau 93 Tel 25378 Rua de S. Nicolau, 93, Tel. 25378; Farmácia Remisio — Rua dos Jerónimos, 14-C, Telefone 631699.

Exposição fotográfica sobre Brasília organizada pela Panair

Chega hoje a Lisboa, no avião em que regressa ao Brasil o ministro Negrão de Lima, o sr. dr. César Pires de Melo, director superintendente-geral da Panair do Brasil, que na segunda-feira, ás 18 e 30, na delegação da Panair, em Lisboa, presidirá á inauguração oficial de uma exposição fotográfica e documental sobre Brasília, futura capital da nação irmã.

Estão convidados para a cerimónia, seguida de «cocktail», o embaixador Álvaro Lins, individualidades portuguesas ligadas ao Brasil e outras personalidades, que serão recebidas pelos srs. dr. Pires de Melo e Marinho Alves, representante especial da Panair em Portugal.

Será exibido, também, um filme sobre Brasília, realização de Jean Manzen, com locução de Luís Jatobá.

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional

SITUAÇÃO GERAL ÁS 9 HORAS (TMG) DE HOJE — Em Portugal Continental o vento era fraco o céu estava pouco nublado por acção de uma massa de ar transportada na circulação de um anticiclone centrado a Norte dos Açores.

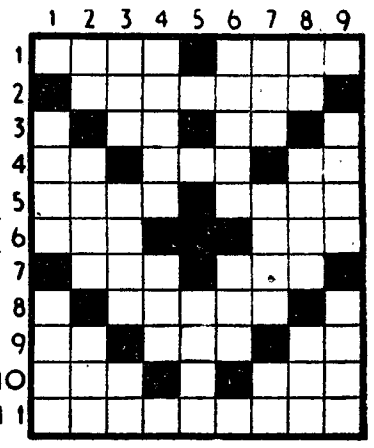
TEMPERATURAS OBSERVADAS ÁS 9 HORAS (TMG) DE HOJE — Porto, 12°; Coimbra, 9°; Lisboa, 16°; Faro, 20°; Funchal, 19°.

PREVISÃO ATÉ' ÁS 24 HORAS (TMG) DE AMANHÃ — Céu geralmente pouco nublado, vento moderado do Norte, descida de temperatura.

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVERBIO)

Problema n.º 1414



HORIZONTAIS: 1—A margem do rio. Rio da Russia oriental que nasce nos Urales. 2—Cidade de Itália. 3—Artigo definido. Frequentava. Nota musical. 4—Letra grega. Víscera. Pretexto. 5—Suco vegetal concreto. Mamífero desdentado. Espécie de tatu. 6—Ecoa. Ena! 7—Consentimento. Preposição e artigo (pl.). 8—juizo prodencial. 9—Oferta. Isolados. Senhor. 10—Passado. Alcool de melaço. 11—Condição de uma pessoa poder dispor de si.

VERTICAIS: 1—Sulcas. Vereador municipal. 2—Antes de Cristo. Sufixo que designa abundancia (pl.). Acrescentei. 3—Entregai. Partir. Rio da Sibéria. 4—Balela. Porém. 3—Zumbir. 6—Serenidade. Preposição e artigo (pl.). 7—Pedra de altar. Individuo que anda a pé. Batráquio. 8—Canhamo de Manila. Progenitores. Nome que vulgarmente se dá ao comboio expresso de Paris. 9—Nome de um fruto. Equipe.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora, em segundo passatempo o provérbio nele inscrito.

Solução do probema n.º 1413

HORIZONTAIS: 1—Ar. Lusas. 2—CADA. Eden. 3—Ora. Anis. 4—Do. Batata. 5—Ar. Eras. 6—Aço. Nas. 7—Oram. Cs. 8—CABEÇA. Má. 9—Mata. Pés. 10—Lado. CADA. 11—Rasasse.

VERTICAIS: 1—Acode. Oc. 2—Raro. Aramara. 3—Dá. Acabada. 4—Lá. Brometos. 5—Aa. Cá. 6—SENTENÇA. Cá. 7—Adiaras. Par. 8—Sestas. Meda. 9—As. Vasas.

Provérbio: «CADA CABEÇA CADA SENTENÇA».

PULLOVERS
para homem e senhora
Echarpes de lã Mohair
TORRE EIFFEL
104 - Rua do Carmo - 106

De Gaulle entrega a Churchill a «Cruz da Libertação». Desde os dias cruciantes da ultima guerra estes dois homens não se viam. Churchill é o terceiro estrangeiro a receber esta condecoração, depois de Eisenhower e de Mohamed V. de Marrocos

Parece ser inevitável o malogro
das esperanças de de Gaulle
quanto à representação muçulmana no Parlamento

(Continuação da 1.ª página)

montante se eleva a mais de 100 biliões de francos.

Segundo se afirma, Pinay teve ontem acalorada discussão com o ministro da Habitação, Michel Sudreau, o qual, ao que consta, insiste em que no novo orçamento seja inscrita uma verba de 40 biliões de francos, destinada a um plano de construção de casas para as classes trabalhadoras.

Além de Sudreau, também os ministros das Telecomunicações, dos Antigos Combatentes, da Educação, das Obras Publicas, dos Planos Ultramarinos e da Agricultura insistem em exigir novas dotações para os respectivos ministérios, contrariando, assim, as expressas determinações do ministro das Finanças.

Na opinião de peritos financeiros, de Gaulle — embora de harmonia com os plenos poderes que lhe foram conferidos pelo Parlamento, não necessite de autorização para promulgar o decreto que põe em execução o orçamento para 1959 — terá de escolher entre estas duas «soluções»: ou reduções orçamentais, radicais, para impedir o agravamento desmedido do «déficit», ou agravamento geral de impostos, que, embora necessário para o saneamento financeiro da França, poderá contribuir para que de Gaulle venha a perder a popularidade que desfruta, actualmente, entre as classes abastada e remediada da nação. — (A. N. I.).

De Gaulle visita as regiões castigadas pelas cheias

NIMES 8 — O general de Gaulle e a sua comitiva chegaram, esta manhã, ao aeródromo local. Momentos depois, o presidente do Conselho partia para Lafoux, primeira escala da sua visita ás regiões do Gard, sinistradas pelas inundações de 30 de Setembro e de 4 de Outubro findos.—(F. P.)

Candidatos poujadistas eliminados da luta eleitoral

PARIS, 8.—Desapareceram da luta eleitoral cerca de 200 candidatos a deputados. Estes são agora 2.800 para 465 lugares de deputados metropolitanos na Assembleia Nacional.

Os candidatos eliminados na maior parte poujadistas, não depositaram a tempo a caução de 100.000 francos que reverte para o Tesouro, se o candidato não alcança cinco por cento dos sufrágios no seu círculo. Os dirigentes poujadistas resolveram retirar essas candidaturas, ao ver que cada uma delas custava cerca de 150 contos, incluindo as despesas de colagem de cartazes. Mas decidiram favorecer em plano local as candidaturas de independentes e agrários (partidos da direita), desde que os candidatos se comprometam a combater qualquer extensão de «socialização» do Estado.

Os candidatos poderão começar, a fazer propaganda pela rádio e televisão na segunda-feira próxima, até 30 de Novembro, a três dias da primeira volta de escrutínio. Todos os partidos terão direito a fazer-se ouvir.—(F. P.).

Candidatos franceses e muçulmanos desistem de concorrer ás eleições na Argélia

ARGEL, 8 — A não ser que, á ultima hora, a situação se modifique, será inevitável o malogro das esperanças de de Gaulle em poder contar, no Parlamento da Quinta Republica, com um nucleo de deputados muçulmanos, entre o grupo de representantes eleitos pela Argélia, que torne possível dar início aos planos para a estabilização da situação politica no território argelino.

Circulos de Argel salientaram, esta manhã, que, a menos de 48 horas do encerramento oficial, da lista de inscrição dos candidatos, os inscritos elevam-se a pouco mais de meia duzia, com a agravante de se estar a registar a desistência de alguns, tanto muçulmanos como franceses, que já tinham apresentado a sua candidatura a deputados pela Argélia.

Alain Savary, herói do Movimento de Resistência, durante a segunda Guerra Mundial, e antigo ministro do Gabinete de Paris, anunciou que, «perante as actuais circunstancias», resolvera retirar a sua candidatura. Além de vários outros, também Banquet Crevaux, antigo presidente do Município de Philippeville, declarou que decidira não tomar parte nas próximas eleições.

Seguindo o exemplo de Crevaux, vários candidatos muçulmanos anunciaram que se absteriam de participar nas eleições para o primeiro Parlamento da Quinta Republica da França.

O prazo para a inscrição de candidatos termina á meia-noite de amanhã, e, se não for prorrogado, parece não haver probabilidades de se conseguir que a representação da Argélia no novo Parlamento não se limite a ser simplesmente nominal. — (A. N. I.).

João XXIII
enviou a bênção
aos cardeais
da Hungria e da Jugoslávia

CIDADE DO VATICANO, 8 — O Papa João XXIII recebeu, com as honras devidas, o príncipe Alberto, da Bélgica; e a ex-rainha Joana, da Bulgária, irmã do ex-rei Humberto II.

Recebeu, também, a ex-imperatriz autriaca Zita, que assitira á coroação, e os arcebispos de Westminster; mons. William Godfrey e de Viena, mons Franziskus Konig.

O Pontífice enviou a sua bênção apostólica ao cardeais Mindszenty, da Hungria; e Stepinac, da Jugoslávia

A bênção foi enviada em telegramas endereçados áqueles cardeais.

O cardeal Wyszynski, primaz da Polónia celebrou esta manhã, na pequena capela de Nossa Senhora de Czestochowa, nas grutas da basílica de São Jedro, missa especial, á qual assistiu grande numero de refugiados polacos residentes em Roma e um grupo de sacerdotes polacos, entre os quais o arcebispo Gawlina que está exilado nesta cidade.

Depois do ofício, o primaz falou aos fieis que enchiam por completo a pequena capela. Recordou-lhes a «prodigiosa e maravilhosa protecção» que Nossa Senhora de Czestochowa tem dispensado á nação polaca — (F. P. e A. N. I.)

Travou-se violenta luta
nos subúrbios de Havana
entre a tropa e os revolucionários
que teriam cercado algumas cidades

HAVANA, 8 — Várias pessoas morreram durante uma escaramuça entre forças da Policia e do Exército e um grupo de insurrectos, surpreendido, de madrugada, num refugio de Víbora, nos suburbios desta cidade.

O «ninho» estava instalado num predio de dois andares. O tiroteio começou ás quatro e meia (locais) e continuava ainda duas horas mais tarde, com a resistência reduzida a dois rebeldes apenas. Nessa altura, a Polícia requisitou equipamento de bombeiros para tentar escalar o edificio.

Explosões, a mistura com o matraquear das armas de fogo, indicam que os rebeldes empregaram granadas durante a luta, descrita pelas forças governamentais como um recontro de grande escala.

A Polícia abateu a tiro quatro rebeldes e feriu gravemente mais três quando se preparavam para lançar bombas em Arroya Appolo, nos arredores da capital.

Comunicam de Santiago de Cuba que forças navais afundaram uma barcaça com rebeldes, quando estes se preparavam para desembarcar na costa da provincia de Oriente, perto de Cabo Bueno. A embarcação foi destruida pelo fogo dos barcos de guerra e não houve sobreviventes.

Anuncia-se, também, que as tropas governamentais abateram catorze rebeldes, durante um recontro em Melena perto de Casanova, provincia de Oriente. — (A. N. I.).

Anunciam-se éxitos dos rebeldes

HAVANA, 8 — Corre com grande insistência que os insurrectos conseguiram cercar as cidades de Holguin, Manzanillo e Victória de las Tunas, na Provincia de Oriente. Circulam, também, persistentes rumores, não confirmados oficialmente de que, há três dias, desembarcaram na costa da provincia de Oriente, entre a baia do Guantanamo e Cabo Bueno, reforços de homens e material bélico destinados aos revolucionários.

Teriam sido obtidos novos éxitos sobre as forças governamentais, em Sagua La Grande e Santa Clara, na provincia central de Las Villas. A's tropas fiéis ao Governo teriam sido infligidas baixas, em numero de quarenta e seis mortos e muitos feridos, como resultado de diversos assaltos de surpresa. Em Santa Clara os insurrectos assaltaram dois depósitos de armas e munições apoderando-se do seu conteudo — (A. N. I.)

Um terramoto
abalou a Sibéria
e sentiram-se vários sismos
nalgumas cidades americanas

SUVA (Ilhas Fidji), 8 — Com receio de que um maremoto se seguisse a um terramoto ocorrido na Siberia, foi avisada a população da costa norte desta ilha, sendo os habitantes aconselhados a tomarem as necessarias precauções e os navios a procurarem ancoradouros seguros.

O arquipélago fica situado no «anel dos terramotos», na linha que une directamente a Sibéria ao Japão. — (A. N. I.).

Violentos sismos abalaram várias cidades americanas

ST. LOUIS (Missouri), 8 — Violentos abalos sismicos sacudiram durante a noite, esta cidade e muitas outras do Missouri e do Illinois. Até agora não se receberam noticias de ter havido estragos materiais.

Os sismos, que começaram ás 21 e 45 (T. M. G.), foram sentidos, também, em Vincennes, Evansville e Chandler, na parte Sul do Estado de Indiana e em Louisville, no de Kentucky.

As autoridades dizem que os abalos tiveram a duração de vários segundos e foram precedidos de um estrondo. — (A. N. I.).

Na Califórnia

SAN FRANCISCO, 8 — Um ligeiro abalo telurico sacudiu ontem, ás 21 e 33 (T. M. G.), esta cidade e a região central costeira da Califórnia. Foi, também, sentido em Hollister a 128 quilometros ao sul de San Francisco. Não há informações de se terem registado danos.

Don Tocher, sismólogo da Universidade da Califórnia, disse que o abalo atingiu a grandeza de 3.25 na escala de Ritcher, com o epicentro localizado a 96 quilómetros de Berkeley — (A. N. I.).

Ultimas notícias

Foi assinado o acordo
entre os E. U.
e a EURATOMO

BRUXELAS, 8. — O acordo de cooperação entre os Estados Unidos e a E. U. R. A. T. O. M. O. foi assinado, esta manhã, pelo presidente da comissão americana da Energia Atómica, MacCone e o embaixador dos Estados Unidos junto das três comunidades europeias, Walton Butterworth; e, por outro lado, pelo vice-presidente da comissão da E. U. R. A. T. O. M. O., Medi, e os outros três membros da mesma comissão.

Disse, nomeadamente, MacCone que o novo acordo e «mais um símbolo da íntima semelhança de interesses entre os Estados Unidos e a Europa Ocidental».

Em nome do Governo dos Estados Unidos, MacCone ofereceu á E. U. R. A. T. O. M. O. uma biblioteca de 19.000 volumes sobre a ciência nuclear, 15.000 dos quais estão reproduzidos em micro-filmes. — (France Presse).

O rei da Jordânia
saiu do país

AMAN, 8. — O rei Hussein, que vai passar umas curtas férias no estrangeiro, esteve, esta manhã, no quartel de Zerka, perto da capital, despedindo-se do Q. G. do Exército.

O comunicado anunciando a partida do soberano, e a composição do Conselho de Regência será publicado ainda hoje. — (F. P.).

Experiências
com um «teleguiado»

CAPE CANAVERAL (Florida), 8. — As Forças Aéreas lançaram hoje um projéctil intercontinental, «Snark», neste centro de experiências, duas horas depois de se haver malogrado a terceira tentativa norte-americana para atingir as proximidades da Lua. A duração do voo está calculada em seis horas.

Disparado ás 9 e 25 (T. M. G.), o «Snark» é o primeiro foguetão que completou uma viagem de ida e volta, percorrendo seis mil milhas, ou sejam 9.600 quilómetros. Possui um dispositivo especial de aterragem e pode ser dirigido durante o voo por um sistema de «contrôle» remoto. — (A. N. I.).

Chegou à Austria
a epidemia
das «manchas vermelhas»

VIENA, 8 — A misteriosa epidemia de «manchas vermelhas», que grassa na Alemanha Ocidental, atingiu a Austria — anunciam os médicos dos hospitais da Austria Ocidental, onde foram assinalados cem casos, um dos quais em Viena.

Os médicos declaram desconhecer a causa da doença, e prosseguem com as suas investigações nesse sentido. — (A. N. I.).

Aniversário
da revolução russa

WASHINGTON, 8 — O presidente Eisenhower, em seu nome e em nome do povo norte-americano, dirigiu ao presidente Vorochilov, da U. R. S. S., uma mensagem felicitando o povo russo pelo dia da festa nacional e fazendo os melhores votos pela sua prosperidade — (A. N. I.).

Tágide
ALMOÇOS
COCKTAILS
JANTARES
Serviços especiais de banquetes

FOUR SQUARE...
É O TABACO QUE O SEU CACHIMBO QUER

RESTAURANTE CASTANHEIRA
LUMIAR Telefone 779168
Comunica aos seus Ex.mos Clientes que por motivo de um banquete tem a sua sala principal totalmente ocupada, sendo os jantares de hoje servidos na sala anexa.

RIBATEJANO
SALVATERRA DE MAGOS — TELEF. 14
Domingo 9, almoço e festa de consagração ao RANCHO TÍPICO SETE SAIAS que tão brilhantemente representou o folclore ribatejano no estrangeiro.
EMENTA: Caldeirada á fragateiro — Ensopado de enguias — Batata á Ribatejano — Eirós á pescador — Cherne á campino — Pescada cozida á portuguesa — Dobrada á moda da casa — Chispalhada com todos — Cabrito á Ribatejano — Febras de porco na brasa — Perdiz á camponesa — Escalopes de vitela — Etc. etc.
Informações e reserva de mesas em Lisboa pelo telef 770320 — (6 anos)

magazine

SUMÁRIO

«O Finezas»
ALEXANDRE CABRAL
Bilhetes Paulistanos
MIGUEL URBANO RODRIGUES
Os críticos e o 1.º Salão de Arte Moderna
FERNANDO PERNES
Elogio da Alegria
ALFREDO BRÁS
A conquista do Espaço
ALBERT DUCROCQ
Crónica de Londres
LUÍS DE SOUSA REBELO
Fim-de-semana feliz
CICERONE
Apontamentos para os tempos futuros
DIÓGENES
Impressões de Itália
DULCE REBELO
Ganhe 100$00 com um sorriso nos lábios
A presença do povo
AUGUSTO DA COSTA DIAS
Saiba com
Ouvindo bater o coração do Mundo
WILLIAM SIMPSON
M. CAROLINA FREITAS
Eduquemos o nosso filho
M. LÚCIA DA SILVA ROSA
Comentário humorístico ilustrado
VILHENA
Página da Mulher

OS CRITICOS E O 1.º SALÃO DE ARTE MODERNA

NA SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES

Como sucedera aquando a grande exposição da Fundação Gulbenkian, o Salão de Arte Moderna da S. N. B. A. despertou uma onda de interesse que infelizmente — com mágoa o registamos —, não ultrapassou os círculos intelectuais, sem se ter conseguido ainda a adesão de mais vastos sectores do publico. De qualquer forma os visitantes habituais da velha instituição tiveram agora a ocasião de fixar os novos conceitos para uma nova estética, que aliás, pela repetição até ao cansaço, pelo seu novo academismo ao qual poucos expositores se conseguiram furtar, lhes surge como evolução natural do mesmo superficia-

(Continua na 3.ª página)

A CONQUISTA DO CÉU

A aventura do rei persa

Não há duvida. Estamos no limiar de uma época maravilhosa, a época das viagens interplanetárias...

Não tardarão muitos anos que o Homem, prisioneiro da Terra, se liberte e, conquistado o espaço terreno, venha a conquistar os espaços do Céu.

As bases necessárias a essa aventura estão criadas nesta primeira metade do século XX. Agora há que ter um pouco de paciência; quem aguardou este acontecimento durante milhares de anos pode, já agora, esperar sem nervosismos excessivos a chegada á meta...

Sim, milhares de anos eis o que vem escrito no bilhete de identidade deste sonho...

Todos conhecem a lenda de Icaro cujas asas de cera se derreteram ao Sol. Icaro desapareceu para sempre nas águas do Mediterraneo e o «mito» passou a servir, por um lado, de representação á ansia de libertação do Homem; de exemplo, de castigo para a ambição desmedida, nos lábios de moralistas sem asas nenhumas — por incapazes de usar asas de cera...

O que muita gente desconhece é a história do soberano persa Kai-Kaus.

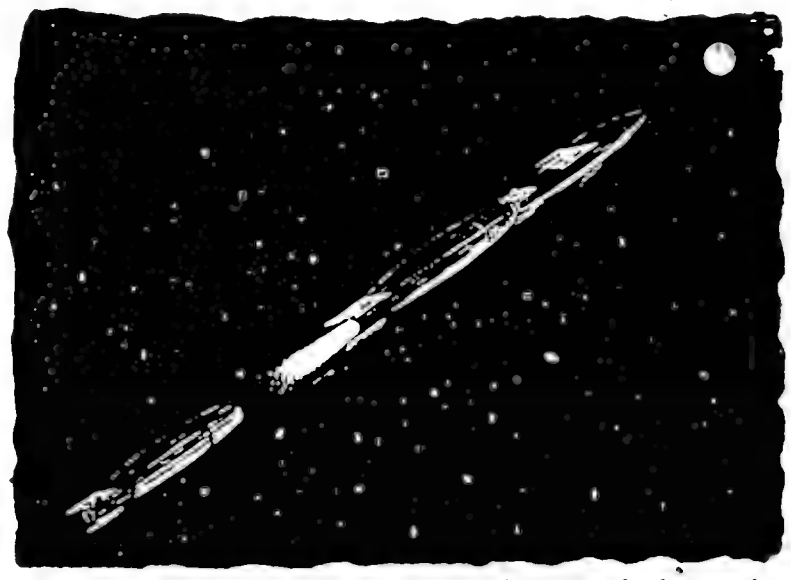
Este amigo vivia desgostoso nos limites da terra que toda conquistara já. Por desgraça, não houvera ainda a feliz oportunidade de ler Tolstoi com o seu admirável conto «A terra de que precisa um homem». Isto é, os cinco palmos, dela, onde o nosso corpo, sem protestos, se aninhará e achará suficientes.

Por isso, o imperador Kai-Kaus, após impor senhorio a todo o mundo conhecido, achou que para sua glória tudo aquilo era pouco. Entrou aqui nele a tal ambição desmedida que os moralistas fabulosos condenam.

Certa noite, quando pelas áleas dos jardins meditava nas lucubrações de Zaratustra, deu com os olhos na Lua.

Os olhos, como devem estar re-

(Continua na 3.ª página)



Teria este aspecto o carro puxado pelas águias reais do grande rei Kai Kaus?

Impressões de Itália

UMA viagem a Itália tem sempre algo de nota musical que se estende em acordes indefinidos e variados emitidos pelos mais diversos instrumentos que compõem a harmonia duma orquestra. Talvez por isso, os preparativos de largada vão misturados de um largo anseio, de um desejo de descoberta, de uma emoção mal contida que humedece os olhos no momento das despedidas. Mas o comboio estremece, arranca lentamente com barulho de ferragens e vai deslisando para fora da estação acompanhado de adeuses, promessas de carta, lenços a acenar.

Durante as primeiras horas os passageiros recordam-se do que deixaram, sonham com o que irão encontrar ou procuram passar o tempo o melhor possível, e assim criam-se contactos, fazem-se conhecimentos novos ou fecham-se num mutismo que não admite abordagens.

Depois da longa travessia por terras de Espanha, em que a avidez e a desolação confrangem, o Sul da França surge como uma aurora de alegria nas suas montanhas verdes, riachos coleantes, cascatas frescas. No alto dos montes avulta um

Por

DULCE REBELO

ou outro castelo roqueiro, talvez cenário de uma tocante história romantica. A paisagem humana também se modificou. Dentro do comboio misturaram-se agora alguns italianos barulhentos e conversadores, americanos e franceses. Todos levam destino a Itália e têm pressa de chegar.

No corredor, um negro alto e bem parecido é suspeitosamente vigiado por um polícia francês que acompanha cada um dos seus gestos com ar ameaçador. A história colectiva em que vive a França com os acontecimentos da Argélia, começa a fazer-se sentir aqui. Uma americana ocupa egoisticamente dois lugares e conta os dólares que irá despender em Cannes. Os camponeses italianos riem, falam com toda a gente e oferecem a comida dos seus cestos. A Côte d'Azur rebrilha ao sol quente com as vivendas dos magnates, os jardins floridos, as luxuosas esplanadas de chapeus multicores.

Nice, Monte Carlo, Mónaco... uma costa esplendorosa, de rochedos a pique sobre o mar muito azul, mas as praias de cascalho dificultam o andar elegante das banhistas que parecem executar um arriscado numero de circo. Uma italiana quarentona, formas abundantes e olhar sensual, fixa amorosamente um compatriota de cabelos anelados até ao colarinho. Mónaco desilude duas adolescentes com as suas casas muito velhas, na zona não-turistica, e o enorme palácio, pesado, de fachada amarela. O fascinio maior oculta-se na noite. Miriades de estrelas verdes, amarelas e rubras pontilham ao longe toda a costa tornando-a feérica. Ao pé, a intensa iluminação das esplanadas, «cafés», bares, jardins suspensos atrai os viajantes como borboletas que gostosamente caem no sorvedouro. A italiana de olhos garços caminha a poucos passos da sua conquista. Tem o olhar mais humido e responde distraida e arrastadamente á sua companheira de viagem: «sta tranquilla, ca-a-a-ra!».

«Sta tranquilla, ca-a-a-ra!»...

As montanhas que anunciam a Itália são ainda uma massa cinzenta e informe na alacridade do dia soalheiro. Uma francesa exaltada canta a «Marselhesa» ao chegar á fronteira, e a alfandega italiana, correcta e atenciosa para com os estrangeiros, deseja «buon viaggio!» Esta estação fronteiriça é idêntica a muitas outras de outros países onde se vendem também refrescos e pãezinhos com fiambre. Há, porém, uma nota bem diferente no marulhar humano, nos gestos, na expansão ruidosa, e até no pregão que não se encontra noutro lugar: «fiori!, fiori!» e as mais belas flores, frescas, perfumadas, são um convite de graça e gentileza com que nos recebe este país.

A italiana dengosa conquistou de-

(Continua na página central)

HOTEIS E ARIANOS

A consciência liberal do mundo, depois dos conflitos raciais a que me referi nas duas ultimas crónicas, ficou sèriamente sobressaltada. A Inglaterra tem-se orgulhado sempre das suas tradições de tolerancia e liberdade individual, e desde a Magna Carta que historiadores, juristas, eruditos e estadistas vincularam no espírito do povo que esta prerrogativa britanica é uma espécie de direito natural das gentes, que os Ingleses foram os primeiros a definir e a saber preservar através de inumeras vicissitudes.

O homem da rua tem esta convicção profundamente arreigada e, quando lia nos jornais a notícia dos incidentes de Little Rock, era com um misto de altivez e ironia que replicava invariàvelmente:

— «E' uma coisa que aqui nunca se podia dar».

Poderá ser que ele não tenha uma idéia muito clara do que se passa no Chipre e em Quénia, já que os telegramas das agências de informação e as próprias declarações dos seus chefes políticos o deixam perplexo e em estranha confusão. Depois o que acontece em territórios remotos e longínquos parece escapar ao seu raio de acção, e, ainda que cada qual se deva pro-

Por

LUÍS DE SOUSA REBELO

LEITOR DA UNIVERSIDADE DE LONDRES

nunciar sobre o assunto, é melhor guardar-se uma reserva prudente do que tomar decisões precipitadas Mas o que ocorre no solo nacional, dentro do país, debaixo dos nossos olhos, isso é, naturalmente, muito diferente.

Foi assim com horror que se dis-

(Continua na página seguinte)

CRÓNICA DE LONDRES

(Continuação da página anterior)

cobriu que circulam pelas ilhas do Reino Unido, há já algum tempo, certos periódicos e certas folhas impressas em que se expõem os perigos e os riscos de uma contaminação rácica para os Brancos, cuja pureza de sangue está fortemente ameaçada por uma vaga indiscriminada de miscigenação. Um desses opusculos, «O Cavaleiro Ariano», denuncia, em estilo tremebundo, os vícios, as tendências, as inclinações mórbidas a que são adictos os Negros e Indianos que desembarcam nas costas britanicas e aqui acabam por fixar residência. O tipo saxónico puro, alto, louro, de olhos azuis corre o risco de se abastardar, principalmente porque estes emigrantes, que constituem uma maioria masculina, se sentem caninamente atraídos pela mulher inglesa. E «O Cavaleiro Ariano» conclui com um grito de desgosto e náusea que há até qualquer coisa de obsceno na associação de uma mulher loira com um tipo escuro e negrusco.

O aparecimento destes periódicos e folhetos não causou ainda quaisquer inquietações ao Governo que os toma por aquilo que são — uma corrente insignificante e irrepresentativa, expressão de pequenos nucleos fragmentários e isalados sem quaisquer raízes na grande massa do publico. Por outro lado o inquérito a que as autoridades oficiais procederam há alguns meses sobre a existência de uma sucursal britanica da Ku-Klux-Klan, perto de Birmingham, também não foi de molde a inspirar quaisquer receios. A sua actuação limitara-se á difusão de literatura de propaganda impressa em Waco, no Texas.

Há porém, quem entenda que os incidentes de Notting Hill vieram impor a necessidade de uma acção mais decisiva, a qual deve começar por uma legislação adequada. A atitude daquele «teddy-boys», que participou nos tumultos e que se enfurecia só ao pensar que os Negros tinham ousado defender-se com garrafas do alto de um telhado, impressionou desfavorávelmente mais de um bom cristão.

Ora, animado do desejo sincero de terminar com a discriminação que os hoteis ingleses exercem discretamente, o sr. Z. Heiber, hoteleiro desta cidade e sócio da «British Travel and Holidays Association», propôs, na Assembleia Magna, que se votasse uma nova cláusula no regulamento, destinada a excluir qualquer sócio que se provasse ter recusado alojamento a um cliente devido á sua cor, raça ou religião.

O sr. Heiber tinha também as suas queixas contra a Associação de que é membro. O nome do seu hotel tinha sido eliminado do anuário publicado pela B. T. H. A. sem qualquer aviso prévio ou consulta. Como o sr. Heiber é um subdito leal e honesto, que paga pontualmente os impostos, acata as leis, respeita Sua Majestade, vota em todas as eleições e goza da plenitude dos seus direitos cívicos, pareceu-lhe arbitrária a atitude da Associação a que pertence. Metendo a mão na consciência também aí não encontrou nada que justificasse a omissão, pois tem sido um sócio exemplar, cumpridor exacto e pontilhoso dos estatutos da ilustre agremiação.

Foi só após longas e demoradas excogitações, em que fez um exame a toda a sua actividade de hoteleiro modelar, que julgou vislumbrar uma réstia de luz, vaga duvida cuja descoberta o chocou, mas que, para sossego do seu espírito atribulado, vinha apresentar agora ao sábio «quorum» de seus respeitáveis confrades.

Sucedeu que no passado, e por mais de uma vez, alguns funcionários da «British Council» e do «Colonial Office» o tinham procurado no intuito de conseguirem alojamento para visitantes de cor, que se tornara difícil hospedar em qualquer dos hoteis geralmente registados com aquelas organizações oficiais. O sr. Heiber, sempre que as circunstancias lho permitiram, tinha acedido ao pedido, e nunca tivera razão ou motivo para se arrepender da sua decisão. Depois de muito vasculhar na memória, era este o unico acto que lhe parecia susceptível de ter chamado sobre si a ira da venerável instituição á qual se honrava de pertencer. Mas uma tal suspeita afigurava-se-lhe tão feia e indigna dos nobres varões, que compunham o augusto conclave ali presente, que, para tranquilidade de espírito, se atrevera a propor aquele aditamento aos estatutos, cuja aprovação estava seguro de obter do conselho avisado e da bondade de Suas Excelências.

Ora o sr. Heiber não recebeu resposta para o seu apelo sincero, nem bálsamo moral para o pundonor ferido. Por um mistério sibilino ciosamente selado no coração daqueles homens dignos a moção foi rejeitada por uma maioria esmagadora.

No entanto talvez se possa desvendar uma ponta do segredo daquela votação forte que abalou o sr. Heiber. Num estudo grave de James Wickenden sobre o problema racial, editado sob os auspícios de um douto instituto de Oxford, o autor adverte-nos que uma legislação desse teor representa para alguns uma «intrusão abusiva da Lei na esfera da Moral», o que comprometeria irremediàvelmente a eficácia do seu objectivo.

Estas finas e etéreas subtilezas da alma puritana — ai de nós! — talvez nunca as possamos compreender! Mas benditas sejam elas lá nas alturas pela doçura com que nos embalam todas as noites em paz como nós mesmos, com os amigos e o Senhor!

FIM DE SEMANA FELIZ

Para onde vai amanhã?

Há dias passei ali no Cais do Sodré. Ia com todos os sentidos mobilizados para me libertar incólume daquela imensa ratoeira de transito. Com a ajuda, gratamente o reconheço, dos sinaleiros que, com um gesto, me diziam que não era por ali, mas sim por aqui, ou que não era por aqui mas sim por ali, já me não lembro bem.

Pois ia eu muito compenetrado dos meus deveres de peão quando levanto os olhos dois segundos e que vejo?

A janela de um daqueles edifícios gigantescos onde se abrigam dezenas — sei lá! — centenas de escritórios com milhares de empregados autofuzilando-se com máquinas de escrever e de calcular, havia um homem meditando, com os olhos longe, para além da Barra...

«Isto é da lei» como diz o Artur, contínuo da minha secção. E' um facto histórico. Enquanto milhares de pessoas, milhões delas, mesmo, andam de olhos no chão procurando as migalhas do seu dia a dia, movendo-se num círculo que hora após hora mais se encurta, mais oprime, e mais aborrece, há outros que sonham, que mantêm o facho vivo da esperança, do «além da Barra...».

Evidentemente, não me furtei á descompostura que o sinaleiro me pregou por estar parado na via publica. Tal como o idealista da janela do terceiro andar não terá evitado a descompostura do chefe ou do patrão mais realista, mais deste Mundo .Mas ainda «isso é da lei» como rebate o Artur filósofo.

Resolvi-me a seguir a lição do idealista do terceiro andar. Perdi o rumo que levava, segui com carta de prego... Quando acordei era manhã, manhã dentro da manhã, que já ia adiantada. O dia era como que um enorme saco onde estrebuchava um animalzinho de olhos brilhantes, suplicantes.

Desci do autocarro vaguei por caminhos atapetados de folhas voadas das árvores. Ao Deus dará do meu destino tomei por aquele caminho sem pretender saber onde me levava ele.

Aí, foi o deslumbramento. O Tejo, na estrada luminosa. Uma auréola em redor de todas as coisas. E á compita com os olhos, feminina como quem é, a distancia dava-se, para melhor se recusar, negava-se para melhor ser alcançada...

Um barco subia o Tejo, cavernas entulhadas de carvão inglês, e ilusões universais. Um grito feliz, quase subversivo. O penacho de fumo estava quedo no ar, e alto, como se o concreto pretendesse escalar o Céu...

Assim é *Montes Claros*, um passaporte para o sonho. Aqui á beira de Lisboa, aos ombros dela, tal a «menina de olhos claros» que o pai trouxesse aos ombros para lhe dar mundo a ver.

Há por aí um sem-numero de pessoas que sonham com o Bosque de Bolonha, cujo passeio a concretizar-se lhes custaria milhares de escudos. E ignoram Montes Claros, de olhos claros, cuja visita é a bem dizer gratuita.

Pois bem, alfacinha dos quatro costados, pois bem, provinciano sedento de novidades, pois bem, turista caçador de emoções fugidias como borboletas ou perenes como estrelas! Pois bem! Em verdade vos digo que não é digno de morar ou visitar a capital aquele que não trepar mais esta colina que leva ao reino da luz...

Um passeio para amanhã, leitor e amigo. Conselho barato que, como todos os conselhos baratos, não encontrará eco na alma dos «snobs» — partindo do princípio cristão de que também eles a têm. Mas, estou certo, encontrará eco na tua. Anda, escreve na tua agenda: «Para amanhão dia 9, passeio aos Montes Claros...».

CICERONE

disco da semana

AS MELHORES MULHERES! — cantadas por um homem qualquer ou por qualquer homem.

Coro e orquestra brasileiros sob a direcção de António Carlos Jobim e Orlando Silveira.

Maria — Helena Helena — Aurora — Zazá — Rosa Morena — Emilia — Marina — Dolores — Ai que saudades de Amélia — Magdalena — Juracy — Um nome de mulher.

Disco Parlophone «long-play» CPMC 15

«Mulheres... tema eterno dos versos do poeta, inspiração dos pincéis do pintor, ponto de fixação na partitura do musico. Suaves e agressivas, romanticas e prosaicas, lindas raMias da devoção materna ou pérfidas Auroras do desencanto mutuo... São todas mulheres... Rosas brancas, rosas vermelhas, rosas cor-de-rosa, são todas mulheres».

Assim é apresentada pela Parlophone esta interessante micrograva-ção inspirada pela mulher e que comporta algumas das mais belas melodias do cancioneiro ligeiro do Brasil. Em brilhantes arranjos orquestrais e vocais de dois dos novos valores da musica brasileira, as velhas melodias adquirem um novo e palpitante interesse. Completa perfeitamente este disco uma bela capa ilustrada com fotos das mais bonitas moças do Brasil. Um

disco recomendado para ouvir nas frescas noites deste maravilhoso Outono.

Disco publicado pelos Est. Valentim de Carvalho, Ld.ª

MORSE

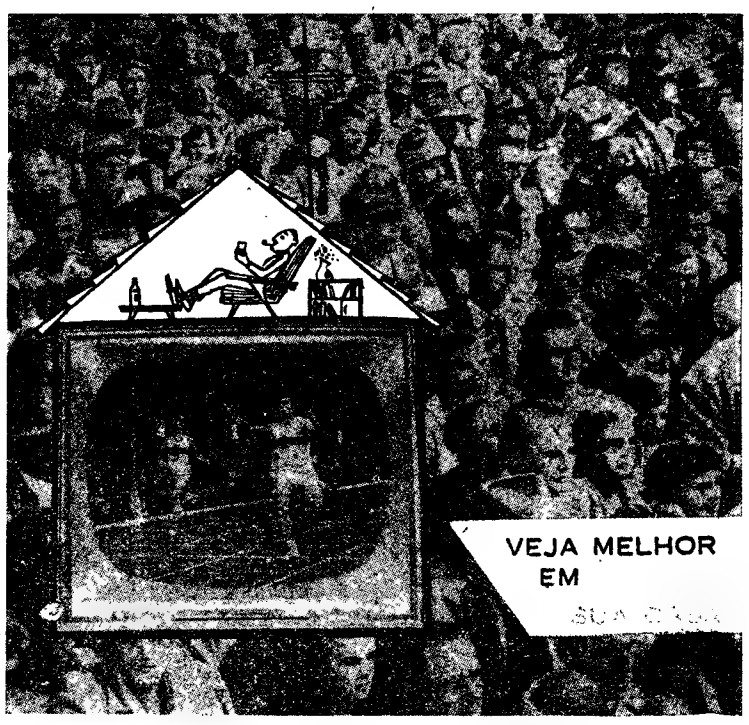
Publicidade

Vai longe o aforismo apregoado pelos merceeiros bairristas de que «o segredo é a alma do negócio». Agora, não damos nenhuma novidade em dizer isto, a publicidade é que manda. Não apenas no comércio. Também na política, também na Literatura, também na Vida... Não vai ainda muito longe (no tempo, porque na memória de certas pessoas onde issojá vai!) a época em que um potente e imponente nazi declarava que «uma mentira repetida mil vezes transforma-se numa verdade!»

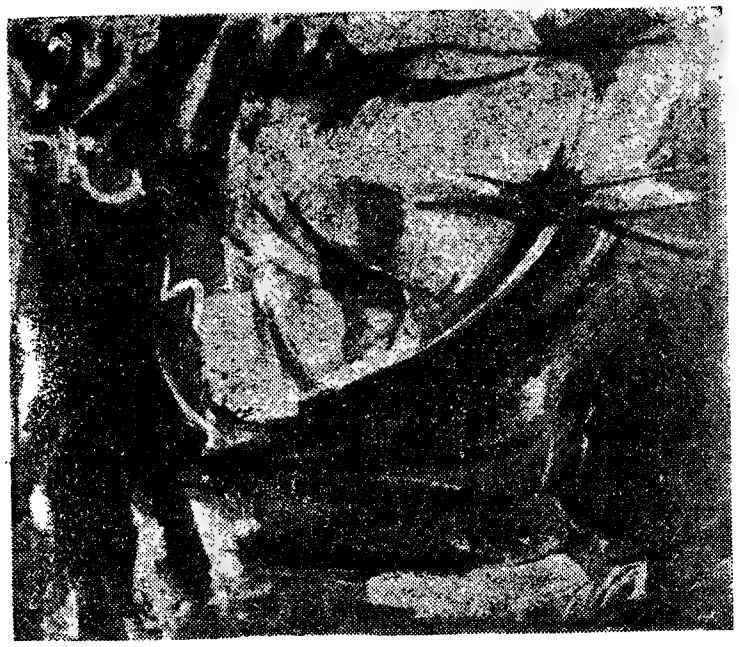
Em literatura, o caso de Françoise Sagan é típico do que significa a publicidade nos tempos que vão correndo (a galope, acrescente-se...). Barulho em redor do «Bonjour, Tristesse!»; entrevistas sensacionais; «Françoise Sagan, pensa...», «Françoise Sagan diz...»; Visita aos Estados Unidos; acidente gravíssimo; casamento; boatos de divórcio... Tudo na primeira página. E' preciso que Françoise — Bom. Negócio não abandone o primeiro plano...

Ultima: Françoise Sagan compareceu no Tribunal de Polícia de Sevres acusada de excesso de velocidade, na auto-estrada do Oeste. Multa: 3.000 francos — o que em moeda portuguesa não chega a dar duzentos escudos...

Todos os jornais disseram. Todos os jornais falaram... Tamanha publicidade por 3.000 francos? Baratíssimo!



Os críticos e o 1.º Salão de Arte Moderna



ARTUR BUAL — «Fuga»

(Continuação da 1.ª página)

lismo de expressão, habitual nos salões da Rua Barata Salgueiro.

Sob uma máscara de actual, mantêm-se os mesmos problemas para uma verdadeira actualidade da pintura em Portugal, e só os «slogans» de apreciação crítica variaram numa linha evolutiva que vai do «está tão parecido», perante as flores da sr.ª D. Eduarda Lapa, ao «tem muita força» ou «dirismo ambíguo», relativo aos ultimos abstractos com que se pretende exprimir um grau de modernidade que raramente ultrapassa o verniz de importação turística. Visto a esta luz o I Salão de Arte Moderna tem de facto foros de acontecimento social: — A uma ausência de valores humanos corresponde uma ausência de valores plásticos.

O I Salão de Arte Moderna terá assim o grande mérito de surgir como depoimento da nossa incapacidade em vivermos e exprimirmos os grandes problemas da hora europeia que, em França como na Itália, se tomam como causa e consequência de autênticas correntes estéticas, das quais, afinal, pouco mais assimilámos para além da estéril imitação servil. Depoimento esse a que quisemos dar o devido relevo e levar junto do leitor, registando as declarações dos pintores que, pela sua originalidade ou honesta procura de expressão própria, numa autêntica preocupação de modernidade, constituiram no I Salão uma nota de agradável excepção. Nesse grupo incluímos Santiago Areal, mas circunstancias várias impediram-nos de o ouvirmos.

Diogo de Macedo, Maria Helena Vieira da Silva, Mário Dionísio e Adriano de Gusmão, figuras profundamente ligadas ao movimento das artes plásticas, teriam também de ser escutados num inquérito deste tipo. Finalmente, José Bronze depõe como pintor ainda sem prestígio formado, que pela primeira vez é admitido numa grande exposição sem que tenha havido qualquer prévio carácter selectivo entre os artistas em idênticas circunstancias, e o sr. Madeira Rodrigues como visitante — Das palavras registadas, concluir-se-á a verdade das afirmações de Julio Pomar. — «Continuamos envoltos em grandes confusões». Assim repare-se, a título de exemplo, nas divergências entre as opiniões de Vieira da Silva — o artista português de maior repercussão universal — e Mário Dionísio — o espírito mais lucido que, entre nós, se ocupa de problemas estéticos —; enquanto os jovens pintores discordam em muito do escultor Diogo de Macedo, director do Museu de Arte Contemporanea.

Decerto, alguma coisa estará errada. Decerto alguém estará mais próximo da verdade e talvez haja autênticos caminhos a seguir, ainda ignorados.

Mas deixemos as conclusões á meditação do leitor.

PERNES

Depoimento de Adriano de Gusmão

A exposição é inegávelmente modesta; há porém um esforço a louvar e o seu saldo é positivo. Bastaria considerar a possibilidade de podermos apreciar algumas verdadeiras obras de arte para que este empreendimento encontrasse plena justificação. Decerto a ausência de alguns outros nomes do panorama plástico português influi no nível gerel e determina algumas das suas limitações. Dada a nítida presença duma falange mais nova, naturalmente interessada por toda uma ultima problemática plástica que se lhe depara, o não figurativa teria de surgir como nota dominante.

No entanto, graças ao espírito como foi organizado o salão, o amador de arte pode encontrar ao lado de pintores figurativos, como Eduardo Viana e Pomar, artistas que exploram a expressão abstracta, como Vespeira, Resende ou José Julio, e a revelação de artistas mais recentes, como Bual e D'Assumpção.

A escultura foi pouco concorrida, mas Martins Correia merece especial referência por valorizar a exposição com a sua participação. Em suma: devemos ver este salão com simpatia por ser o primeiro a organizar-se na própria S. N. B. A., de um modo arejado que pode e deve ter contitnuidade futura.

Depoimento de Diogo de Macedo

Esta exposição surge como uma consequência da louvável atitude da Fundação Gulbenkian, apresentando uma nítida homogeneidade. Tais iniciativas tornam-se cada vez mais imperiosas e merecem todo o apoio dos que estão ligados ao problema da arte em Portugal, onde progressivamente um publico cada vez mais numeroso vai prendendo a sua atenção á pintura moderna. Inutil me parece lembrar a agitação provocada em torno da Exposição Gulbenkian, enquanto a exposição das obras de Columbano registou mais de mil visitantes. As duas faces da pintura actual — figurativos e abstractos — têm autêntica representação nas Belas-Artes, sendo de lamentar a ausência de alguns pintores cuja presença elevaria o nível do Salão.

No entanto os não figurativos são em maior numero, o que se pode atribuir quer a uma posição de juri, quer á evidente fascinação dos jovens pela expressão abstracta ou abstractizante. E a presença dos novos é sem duvida uma faceta dominante nas Belas-Artes, o que aliás muito me apraz registar.

Não quero também deixar de exprimir o meu apreço pelos artistas que agora mais se destacaram. Assim, além de Eduardo Viana, que continua «moderno», merecem especial referência os abstractos: Vespeira Azevedo, Albertina Mantua, José Julio, D'Assumpção, Bual e Abel Manta, e o concretista: Waldemar da Costa, os figurativos: Julio Pomar e Henri Stael.

Na Gravura destacam-se: Bartolomeu Cid e Alice Jorge e no desenho os jovens: José Escada e Antónic Areal.

No próximo numero: Depoimentos de Maria Helena Vieira da Silva, dr. Mário Dionísio e José Augusto França.

D'ASSUMPÇÃO — «Génesis»

OUVIR BATER O CORAÇÃO DO MUN[illegible]

MAIS UMA LENDA QUE NASCE

«Os homens devem amar as coisas, mas não tanto que se percam por elas...» Assim pensava Fritz, o marinheiro norueguês, que se desfez de tudo para salvar a mulher bem amada...

Tem um nome complicado, o herói da nossa história de hoje, um nome que soa desagradávelmente aos vossos ouvidos latinos. Por isso, nos limitamos a chamá-lo pelo primeiro nome, isto é, Fritz...

Fritz nasceu numa pequena aldeia piscatória da Noruega e, desde criança, não conheceu outro ofício que não fora o que pertencera a seus pais, seus avós, seus bisavós... Incluído na tripulação das pequenas traineiras da pesca do arenque, ainda menino de calções enfrentou as raivas do oceano, aprendeu-lhe as artimanhas, domou-se também ao seu génio...

Durante uma festa, a festa anual dos pescadores, Fritz sentiu que o amor lhe batia á porta. Era uma linda moça que se deslocara á aldeia pela primeira vez, atraída pela fama que a Festa dos Pescadores gozava em toda a província.

Fritz escolheu-a para seu par e não mais se largaram nessa noite — nem nas noites que se seguiram. O luar, um resplandecente luar de Agosto, estendeu seu alvo lençol de pureza e de felicidade sobre os dois jovens que enlaçados juraram serem um do outro; de mais ninguém, e para toda a eternidade...

Quando a rapariga, alguns meses depois, regressou da casa de seus pais, foi para unir seu destino ao do jovem pescador.

Foram difíceis, aqueles anos. A mulher de Fritz era frágil. A saude dele era como os ramos finos do arvoredo que baloiçam á mais leve aragem. Foi necessário recorrer a especialistas, tirar radiografias, comprar remédios caros... Não há outra solução? Os parentes, os amigos estão exaustos? Não há de onde venha o dinheiro necessário, para o tratamento de Elsi? Pois bem! Havia ainda a traineira para vender...

—Fritz! — suplicou ela. Não a vendas, peço-te!

—Não entendo... Pois se é preciso...

A traineira que foi de teu pai, nascida das mãos de teu avô...

—Escuta, Elsi. Os homens devem amar as coisas, mas não tanto que se percam com elas! Que me interessava possuir o maior transatlantico do Mundo se me faltasses tu?

—Elsi abanava a cabeça:

—Não, Fritz, não... Peço-te...

—Louca! Tenho saude, sou novo, a vida não me mete medo. Alcançarei trabalho em qualquer sítio...

Vendeu-se a traineira. Elsi recuperou a saude, com grande alegria de Fritz. Mas não podiam manter-se assim durante longo tempo, naquela instabilidade com o que sobejara do produto da venda da traineira. Elsi poderia manter-se um ano, pouco mais, talvez. Uma ideia atravessou o cérebro de Fritz: — emigrar, ir tentar a fortuna em outras paragens, na América onde moirejavam tantos conterraneos seus.

Foi. A vida nos Estados Unidos tornou-se um inferno para o jovem pescador Norueguês. A crise dispensava, cada vez mais, braços e máquinas. Para sobreviver. Fritz trabalhou nos misteres mais humildes, mais penosos...

Nunca, porém, nas cartas que escreveu para Elsi, deixou transparecer o mais breve alarme. Tudo corria bem, em breve poderia começar a enviar-lhe algum dinheiro...

Um simples acaso pôs, ao fim de três anos, Fritz no caminho do êxito. As gotas de dinheiro que, todos os meses, tirando á boca, enviava para Elsi, engrossaram... E foi então que recebeu o pedido angustioso dela: «Não me tenho sentido muito bem... Gostava tanto de te ver, de te apertar nos meus braços...»

Largou todos os seus negócios — e partiu. A tempo... milagrosamente a tempo... Dois dias depois, com um sorriso de felicidade, Elsi expirara nos seus braços ...

Fritz sentiu o chão vacilar debaixo dos pés. Invadiu-o a solidão. Voltar á América? Voltar á luta? Para quê? Para quê se lhe faltava uma razão de lutar?

...Depois, Fritz voltou ao mar, simples marinheiro como outrora. Acalmava nos trabalhos duros de bordo, a saudade que o não largava nunca. E um dia, o pequeno dori de Fritz não apareceu. Nem ele, nem o tripulante. Interrogado, o mar não responde...

...E mais uma lenda nasce.

A conquista do céu

(Continuação da 1.ª página)

parando, fuzilaram de ambição, de loucura! Conquistara toda a Terra? Pois bem! Isso contentava-o pouco enquanto também não conquistasse o Céu...

Reuniu em conselho todos os sábios da corte, todos os «magos». Estes, que até aí julgavam impossível a escalada, não tiveram outro remédio senão torná-la possível, pois quem mandava era o soberano.

Construiram então um veículo de madeira, extremamente leve, ao qual atrelaram quatro águias reais, jovens e poderosas, capturadas com essa finalidade pelos caçadores do monarca.

Então o rei sentou-se, tomou as rédeas, fustigou as águias... Estas arremeçaram-se impetuosamente para o espaço. Não certamente por avidez aventureira, mas para ver se conseguiam apanhar o pedaço de carne sangrenta colocada, «sempre», a um palmo do bico glutão...

Em breve, porém, a velocidade começou a diminuir. Sabemos, pela leitura do numero 16 do Magazine, que se a velocidade inicial não for superior a 11 quilómetros por segundo, é mais que certo não se atingir o alvo, porque a velocidade, ao invés do custo de vida, é sempre a descer...

Presume-se que as águias do rei Kai-Kaus não houvessem partido a essa velocidade, por qualquer defeito de construção que ainda hoje ignoramos, apesar dos sérios estudos efectuados em Cape Canaveral.

E aí está por que o rei Kai caiu no chão dos seus domínios ou, empregando a linguagem do nosso tempo, eis aí a razão por que o rei foi «recuperado pela Terra.

A crónica não nos diz muito acerca da passeata de Kai por esses caminhos do além. Limita-se a afirmar, muito lacónicamente, que «voltou á Terra desiludido», sem contudo nos dizer porquê.

Talvez, no fim de contas, achasse que a Terra ainda é o melhor e mais seguro. E o mais cómodo... especialmente quando se é rei de alguma Pérsia.

Sim. De qualquer modo, o amigo Kai-Kaus deu mais provas de espírito coscuvilheiro do que de espírito científico — porque este se distingue em só estar bem onde *ainda* não está...

A honra de pioneiro será no entanto de justiça que lha não recusem.

POSTAL ILUSTRADO

Por

MANUEL AGRA

A cidade, o monstro. A hidra.

Mil tentáculos a arrastar-nos para o fundo.

A oferecer á luz capachos de imundície.

A dar-nos por ração o azul do céu, em tiras...

E no entanto, ai de mim!, como lhe quero... sabedor dos mil dramas escondidos por debaixo de cada pedra... apunhalado, em cada viela, por gritos de animal ferido... Olhos com passadeiras roxas, lampeões que são lágrimas no desdobrar das escadinhas...

E no entanto...

Aqui e não em outro sitio sei viver. Aqui, no centro da vertigem. As casas são familiares, as montras, a luz. Há um lugar para mim em cada praça. Sofro com a cidade e busco-a desesperadamente. Amor.

Já vi isto contado com muito mais movimento, mais beleza, mais poesia. Irene Lisboa, sim, falou deste amor como talvez ninguém mais antes dela. Deste veneno que intoxica, que mata — e que se torna indispensável á vida.

— Não posso olhar as raparigui-nhas da rua, e as costureiras, e as Adelinas, e estas casas fechadas a sete chaves com segredos espantosos atrás das cortinas, sem me recordar de Irene Lisboa.

Alguém dentro da cidade e quase ignoro dela. Dizia Graciliano: «a minha terra onde os analfabetos proliferam...». Pois não será já tempo, analfabetos meus irmãos, de nos recordarmos que mora alguém dentro da cidade?

Alguém, uma mulher — numa terra onde ainda é tão difícil uma mulher ser alguém...

Mais de uma dezena de livros publicados. Versos, prosa. Contos, novelas, crónicas, ensaios. Algumas gotas de tristeza, muitas palavras de amor.

Sobretudo, compreensão. Para as crianças, para os sofredores, para os sózinhos.

A esses pertence Irene Lisboa, para sempre.

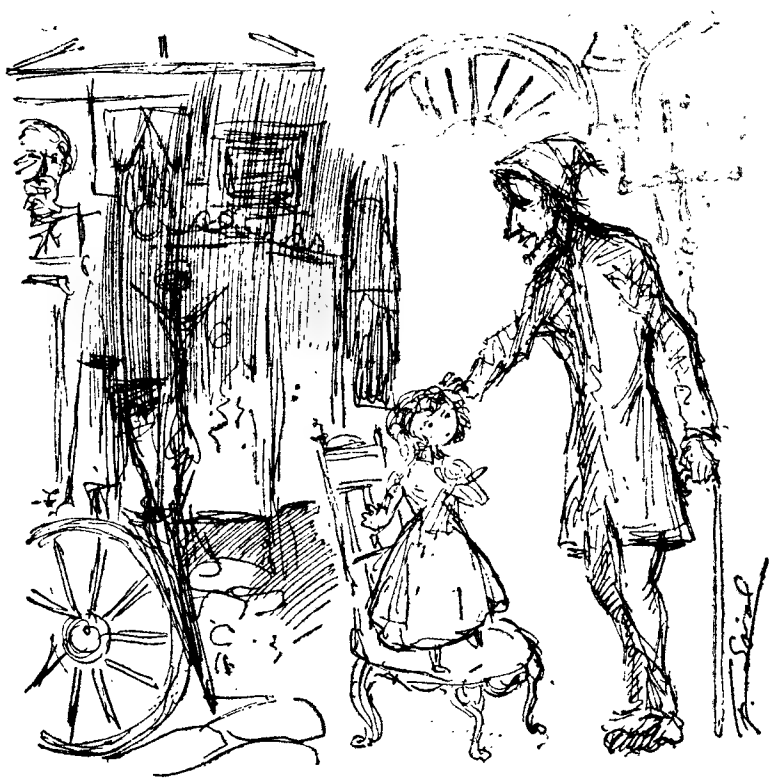
E não terá cada um de nós uma palavra amiga para ela? Agora, em que o próprio Outono, que ela cantou, fala de Irene Lisboa?

Vou pelo caminho recitando «Outono havias de vir, latente, triste...». Lembrando frases, imagens que há mais de vinte anos o poeta semeia pródigamente na cidade.

E digo:

Não chegou a hora de a cidade dizer obrigado?

LOJA DE ANTIGUIDADES
DE CHARLES DICKENS



Nell dir-se-ia uma flor abandonada nos montões de antiguidades, melhor dizendo, de ferro-velho que atravancava a loja. Florescia em beleza e em bondade, como se o pó ou a lama nunca a atingissem.

Não se pode bem dizer que Nell fosse uma criança, apesar dos poucos anos — a vida cedo a amadurecera e a fizera mulher naquele corpo franzino. A tarefa de olhar pelo avô era pesada, ainda que ela a sentisse como um doce fardo; ligava-a ao velho a maior ternura — o avô era tudo o que possuia no Mundo. Não conhecêu nem mãe, nem pai e mesmo o irmão, doidivanas como era, andava sabia Deus por onde... O velho era, pois, todo o afecto que conhecêra. A sua vida resumia-se pois a bem estreita felicidade: um ancião e uma loja de coisas velhas. A Nell bastava essa felicidade de que sabia tirar o melhor partido; dava-lhe uns pequenos nadas que faziam a velha casa confortável e alegre como um palácio: umas flores campestres sobre a mesa, uma velha poltrona de molas partidas, junto da janela, o chilreio do verdilhão na gaiola suspensa, o riso cristalino de uma garota feliz — que mais poderia haver para alegrar aquela casa?

Havia, sim; havia uns vagos sonhos do velho, quando pensava no futuro da neta; havia um segredo que ela levava, do velho para Quilp e deste para aquele. Quilp é a alma danada de toda esta história. Disforme, medonho, sinistro, uma daquelas figuras que, de estranhas, nos dão a imediata visão de serem talhadas para grandes feitos na vida dos que os rodeiam: ou extrema dedicação, um anjo portanto — ou repelente crueldade, um perfeito demónio.

Indeciso, ao nascer, sobre que figura mais lhe agradaria incarnar— o anjo ou o demónio—Quilp achou mais cómodo adoptar esta ultima. Fez-se, pois, demónio. Quem com do senão esta figura grotesta e diabólica. Quilp, mal viu a pequena, pensou quanto era bela e quão bem lhe ficaria ser a senhora Quilp quando, bem entendido, a primeira senhora Quilp tivesse sucumbido á extrema «ternura» com que era tratada. Tendo mesmo manifestado esta pretensão a Nell, criou nela um verdadeiro horror por esse corpo e alma disformes.

Quilp descobriu o segredo do velho; e sendo seu credor, arrolou-lhe os bens, os unicos bens — a velha casa de antiguidades, o refugio da sua velhice e o amparo da neta. Esta, convence o avô a fugir, porque a miséria lhe parecia ser menor por esse mundo fora, que dentro das mesmas paredes que albergavam aquela criatura diabólica. Partiram, andaram estradas desertas, sofreram a fome e o frio, estenderam a mão á caridade, dormiram aqui e ali, segundo os caprichos do destino. Mas nem o frio, a fome, ou a fadiga abateram Nell. Ela estava guardada para maiores infortunios: descobriu que o avô a roubava, por amor do jogo; descobriu que o avô roubava o dinheiro amealhado por outros tão pobres como eles — mas nada disse; poupou ao velho a vergonha de o adivinhar; levou-o para longe das tentações, voltou a correr estradas, a conhecer mais fome e mais fadiga. Sem desfalecer. E' que Nell também encontrou corações compassivos, amizades sinceras. E embora fossem de pessoas tão pobres como eles, encontrou nelas amparo e coragem. Quando pensava nas agruras da vida, pensava também que tinha tido o jovem Kit, que tinha

ele vivia, vivia nas penas do inferno.

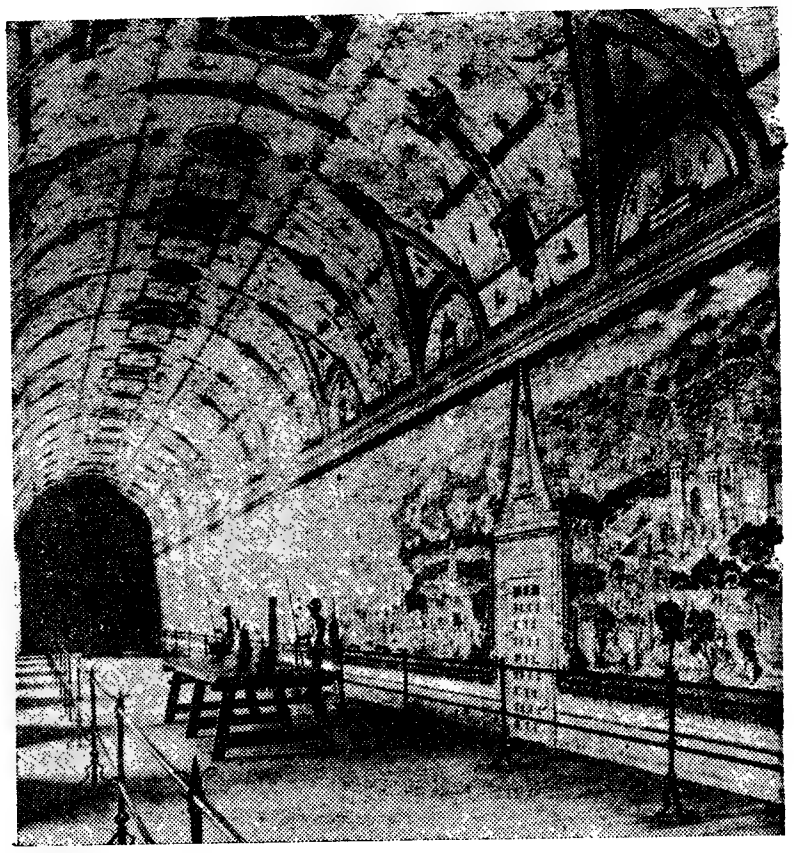
Pois o velho avô de Nell não podia ter escolhido melhor sócio para uns negócios que tinham em segredo senão esta figura grotesta e diabólica. Quilp, mal viu a pequena, pensou quanto era bela e quão bem lhe ficaria ser a senhora Quilp quando, bem entendido, a primeira senhora Quilp tivesse sucumbido á extrema «ternura» com que era tratada. Tendo mesmo manifestado esta pretensão a Nell, criou nela um verdadeiro horror por esse corpo e alma disformes.

Quilp descobriu o segredo do velho; e sendo seu credor, arrolou-lhe os bens, os unicos bens — a velha casa de antiguidades, o refugio da sua velhice e o amparo da neta. Esta, convence o avô a fugir, porque a miséria lhe parecia ser menor por esse mundo fora, que dentro das mesmas paredes que albergavam aquela criatura diabólica. Partiram, andaram estradas desertas, sofreram a fome e o frio, estenderam a mão á caridade, dormiram aqui e ali, segundo os caprichos do destino. Mas nem o frio, a fome, ou a fadiga abateram Nell. Ela estava guardada para maiores infortunios: descobriu que o avô a roubava, por amor do jogo; descobriu que o avô roubava o dinheiro amealhado por outros tão pobres como eles — mas nada disse; poupou ao velho a vergonha de o adivinhar; levou-o para longe das tentações, voltou a correr estradas, a conhecer mais fome e mais fadiga. Sem desfalecer. E' que Nell também encontrou corações compassivos, amizades sinceras. E embora fossem de pessoas tão pobres como eles, encontrou nelas amparo e coragem. Quando pensava nas agruras da vida, pensava também que tinha tido o jovem Kit, que tinha tido o mestre-escola, qualquer deles uma alma grande pronta á ternura e ao sacrifício.

Trilhou caminhos tenebrosos e agrestes, é certo, com os pézinhos débeis. Mas aprendeu a descobrir, por entre pedregulhos e terra árida, pequenas flores singelas e persistentes, que teimavam em embelezar o Mundo. Nell sentia-se como uma delas, viçosa e delicada por entre escolhos. E pensava que nada é mais belo que a frescura das campinas e dos bosques, derramando-se por todos os lados e misturando-se ao azul luminoso do céu — quando se sai da escuridão; que nada é mais calmo que o gado pascendo nos prados — quando se viveu na inquietação e no receio; que nada há de mais tranquilizador que o fumo subindo por entre as árvores e parecendo nascer da terra verdejante—quando se conheceu a lareira sem calor e a panela vazia. Nell pensava «é como se passasse da morte para a vida» — e amava a vida e era feliz.

Mas estava escrito que ela não o seria inteiramente nem por muito tempo. Quilp aparecera como o anjo mau na sua vida e lançara avô e neta nos caminhos tortuosos da miséria. E continuaria a perseguí-los. Até quando? Até onde?

Do extraordinário romance de Charles Dickens — obra cheia de vida, de variedade, de imaginação e de imprevisto, cuja rápida condensação oferecemos aos nossos leitores por amável deferência de Portugália Editora que acaba de reeditar, na sua colecção «Romances Universais».



Na Sala das Batalhas do Escorial não ficou mencionada a «Batalha se venderam os nobres e o clero portugu

A VIDA QUOTIDIANA NA PERDA DA
A PRESENÇA DO

Não era pequeno negócio aquele: herdar a coroa de Portugal com todas as suas vastas dependências nas Índias Orientais e Ocidentais, em África, na Europa — mas sobretudo na Europa, naquele pequeno rectanôulo de terras lusitanas! Filipe II, gendarme da ultra-reacção feudal e executor obediente do programa da Contra-Reforma, preocupava-se sobretudo com a unidade ideológica da península — não se desse o caso de lhe surgir um tumor burguês e fatalmente herético neste extremo ocidente europeu. Até hoje tem-se suposto que, no caso português, a gula do terrível monarca espanhol a quem os protestantes chamaram «O Demónio do Meio Dia» tinha como objectivo a rica ementa do Império português; em parte assim terá sido, pois em todas as monarquias do partido contra-reformista avultava o grosso problema duma classe dirigente que, para viver, necessitava, em ritmo insaciável, de tenças reais, impostos e dos saques nas cruzadas ultramarinas (perspectivas que o Império português parecia poder alimentar); mas apenas em parte: é preciso não esquecer que Filipe tentou comprar a desistência de Catarina de Bragança como candidata ao trono português com a oferta do Brasil, com o título de rei para o duque, seu marido, precisamente numa altura em que os negócios da India estavam profundamente desacreditados. Como se deixou antever num dos meus anteriores artigos, ao virar armas contra o nosso País o rei-fanático teve sobretudo em mira evitar que lhe estourasse nas ilhargas peninsulares uma bomba protestante. A maioria do clero e da nobreza pensavam, no nosso País, pelo mesmo padrão.

A gravíssima crise económica de Portugal — com as finanças totalmente falidas e murcha a teta indiana de que se alimentavam as nossas classes dirigentes — onde a burguesia vivia há décadas sob o terror da grelha inquisitorial e o povo vegetava na mais negra miséria, fornecia excelentes condições para uma alteração revolucionária do tipo de que a Europa burguesa e protestante oferecia brilhantes exemplos. A estes agentes purgativos se juntavam ainda as recentes violências do Poder no caso da recruta de peões para a expedição de Alcácer-Quibir, e a política impopular e anti-nacional que, de longa data, se teimava em refinar.

A expansão portuguesa, em especial no Oriente, servira para exportar do país, durante oitenta anos, o fantasma das lutas sociais, nomeadamente entre o clero e a nobreza, por um lado, e a burguesia, por outro; quando começaram a transparecer os embaraços da exploração da India e se ateavam na Europa as dissenções sociais sob o disfarce das guerras religiosas — a nobreza e o clero procuraram, por intermédio da Inquisição, enfraquecer mortalmente a burguesia, ao mesmo tempo que lançando demagógicamente contra ele o povo, procuravam assegurar-se do apoio deste.

A crise da independência, após a morte de D. Sebastião, vinha transformar o habitual sistema de alianças sociais em Portugal: procurando acautelar junto de Filipe II os seus privilégios e ressarcir-se da crise económica em que estrebucha-

P

AUGUSTO DA

vam — os nobres, laicos ou não, desmascaravam-se ante o braço popular da nação, sobretudo da pequena burguesia dos mesteres com belas tradições revolucionárias no nosso País. Numa crise semelhante, seus antepassados tanoeiros, carpinteiros e demais homens dos ofícios tinham feito prevalecer um rei português, ao mesmo tempo que

Escorial: Enterramientos Reales

«Batalha dos Ducados de Ouro» porque portugueses

A DA INDEPENDENCIA
O POVO-(3)

fraque-
sia, ao
demo-
vo, pro-
apoio

após a
trans-
e alian-
ocuran-
e II os
-se da
ebucha-

ou não,
aço po-
da pe-
es com
rias no
nelhan-
noeiros,
ens dos
cer um
po que

Por
O DA COSTA DIAS

no quedar con otra verguenza como la de Aljubarrota»...

Juntamente com os preparativos guerreiros, impunha-se assegurar á nobreza lusitana a certeza de pingues tenças e regalias, sobretudo em dinheiro, matéria em que manifestavam grandes apertos. E' aí que reside o receio de Febo Moniz; só a nobreza e o clero fornecerão madeira para o cavalo de Troia; ficará depois isolado o braço popular.

Mas isolado significará fatalmente «sem força»?

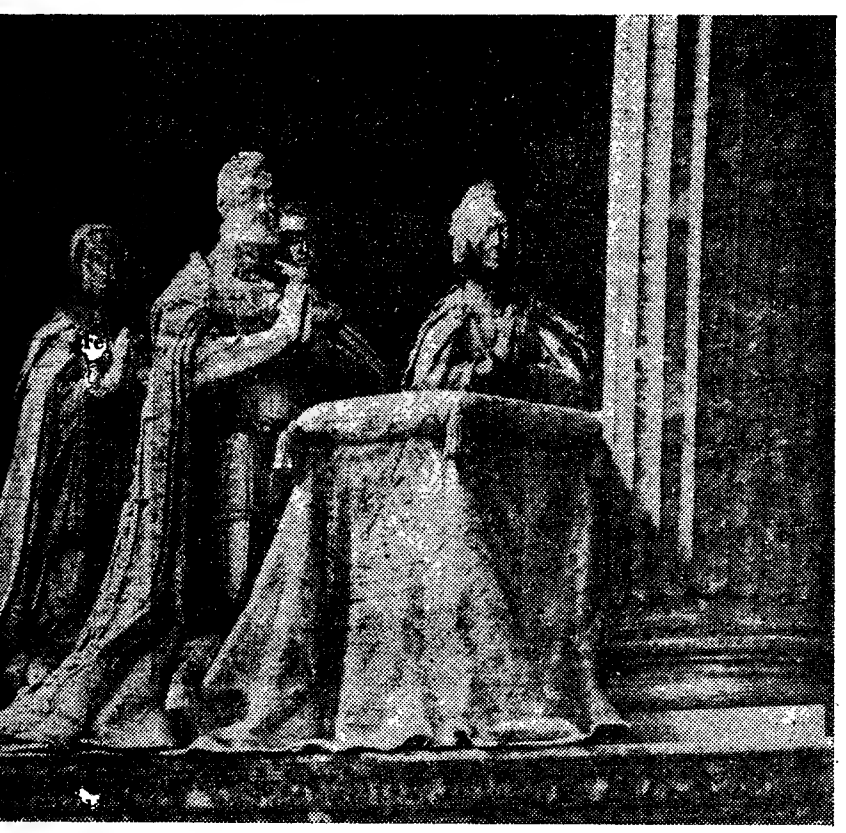
Não é assim que pensa Filipe II. Filipe II manifesta a todo o momento o medo do nosso povo. Ao libertar do cativeiro marroquino o pequeno D. Teodósio duque de Barcelos — criança de 11 anos — filho dos duques de Bragança, o «Demónio do Meio Dia» pretendeu conseguir a cumplicidade da mãe em favor da sua candidatura; mas logo o aterrorizou a ideia de mandar aquele menino assim de mão beijada para Portugal; estavam então reunidas as Cortes e os procuradores do povo poderiam lembrar-se de elegê-lo rei. Filipe II resolve portanto retê-lo em Espanha como hóspede de grandes festejos em sua honra organizados pela nobreza castelhana. Assim se estendem os meses e o menino continua fora da sua pátria. Não haverá ninguém que perceba o manejo? E que proteste contra ele?

Há, decerto: e como sempre, para inquietação do rei católico, esse alguém é o seu inimigo mortal — o povo português, cujos representantes se erguem nas cortes para denunciar os propósitos do monarca estrangeiro e protetar contra a encapotada prisão do pequenino duque de Barcelos. Mas não ficava por aqui a vitalidade do braço popular: em meados de Setembro de 1578, os vereadores da Camara de Lisboa, acompanhados dos procuradores da cidade expuseram ao cardeal-rei D. Henrique a grave situação política do País e aconselharam-no a que pedisse ao papa dispensa para casar, a fim de fornecer ao país herdeiro legítimo. Por 27 do mesmo mês voltaram á carga, agora (segundo informou o espião Cristóvão de Moura a Filipe II) já «con gran ímpetu y cólera... que ó casase ó lhes diese heredero». Embora tivesse encarado a sério a hipótese do seu casamento, o cardeal, afrontado com o desembaraço patriótico dos representantes populares, despede-os de mau modo; mas eles não desistem de intervir na vida do País: e assim, a 30 do mês seguinte voltam á urgente necessidade do casamento. D. Henrique já os recebe de bom semblante: escrevera tempos antes ao rei castelhano a pedir-lhe uma filha em casamento e cientes das responsabilidades de tal passo começa (segundo carta de Cristóvão de Moura) a comer manjares «Muy apropriados para esforzar naturaleza». Após esta nova visita dos representantes populares volta a escrever a Filipe pedindo rápida resposta á sua anterior carta «porque (há-de entender-se as gentes do povo) me apertam muito que me resolva a casar». D. Henrique fala verdade: e pelo Natal os vereadores da Camara voltam a instar sobre o assunto.

Por enquanto o povo insiste teimosamente nas soluções legais...

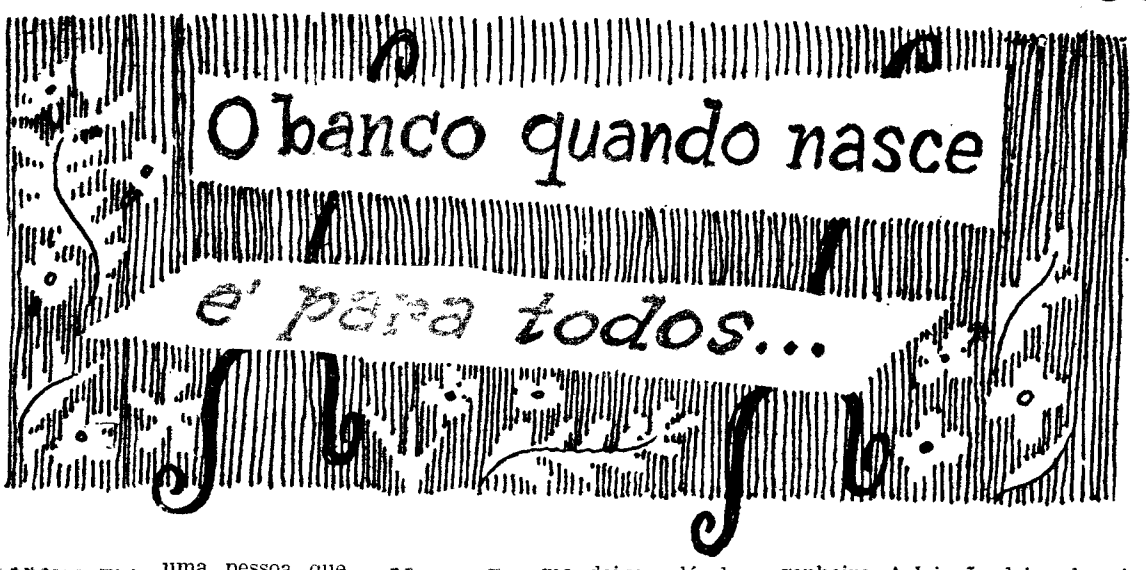
concluiam vitorisamente um largo esforço revolucionário.

Tal analogia não passava despercebida a ambos os partidos — o da nobreza e o do povo; como chefe do primeiro, o monarca espanhol, apressou-se a tomar as suas medidas; em 19 de Fevereiro de 1579 nomeia uma Junta destinada a estudar e dar parecer sobre todas as questões respeitantes á sucessão da coroa portuguesa, e escolhe para a dirigir o cardeal Quiroga, arcebispo de Toledo, chefe dum dos dois bandos em que se dividia a grande nobreza espanhola e muito culto em assuntos de perseguições a judeus, cristãos-novos e heréticos. Versado também em questões práticas de História, será ele quem recomendará a Filipe II a urgência de preparativos bélicos no caso de resistência militar dos Portugueses «por



Reales — Carlos V e a Imperatriz, filha de D. Manuel I. Por ela revindicava Filipe II o trono português

APONTAMENTOS PARA OS TEMPOS FUTUROS



Escreve-me uma pessoa que, estou em crer, será uma boa alma, do ponto de vista sentimental e um senhorio, do ponto de vista lucrativo — que eu sou faccioso, que eu sou injusto e que escuso de perder tempo a lanzoar, pois «*a verdade plana como as grandes aves acima das questiunculas mesquinhas e transitórias*».

No que respeita aos «records» de altitude da verdade não falece duvida que o meu nobre correspondente tem carradas de razão. Só fiquei foi a matutar acerca da natureza daquelas espécies de aves que voam tão alto. Pelos prenuncios e com tal fôlego só conheço as aves de rapina — maus aliados para quem invoca a justiça em seu favor. Claro que eu posso perdoar o argumento á conta dos deslizes de semantica; só não posso é calar o alarme em que me esfalfo nestes meus ultimos *apontamentos* sobre os problemas da «*Telha*» familiar.

Quando eu era menino e moço e aparecia de mau humor, pronto a embirrar com os meus irmãos. A minha avó ou a minha mãe diziam que eu «*estava com a telha*» ou que era «*um grande telhudo*». Desta forma significavam que eu não andava normal, que eu não andava nos meus dias bons...

Pois hoje o normal, a continuarem a subir as rendas de casa, *é uma pessoa não ter telha nenhuma*. Dizia-me outro dia um cientista que elas estão a acompanhar os progressos da astronáutica e que os senhorios, de pés bem atolados nas realidades terrenas, procuram colocar as rendas na órbita da Lua. Eu concordo. Mas a nós, com este balanço, aonde é que nos colocam? Eis a palpitante questão.

Para o problema só vejo duas soluções. O primeiro consiste em ministrar carinhosamente um pouco de brometo aos bons dos donos das casas onde ainda vivemos. O segundo está em nos tornarmos todos campistas, em matrimónio diurno e nocturno com A Madre Natureza: aqui, ao menos, todos pagaremos o mesmo.

Esta solução faz-me lembrar uma conversa a que assisti, nos nossos tempos de estudantes, entre o engenheiro Valério e o «Alerta», aquele estupendo e tolstoiano mendigo que nos aparecia há porta da Faculdade. (Lembra-se dele?). Tinha uma originalíssima forma de nos abordar. «Não me dê um tostãozinho, não?» — dizia piscando os olhos

Pois o Valério quis convencê-lo que neste Vale de Lágrimas tudo corre bem no melhor dos mundos: «Repara naquele banco, «Alerta»! Nele se senta o pobre e o rico, o grande o pequeno, o velho e a criança. Em suma: o banco quando nasce é para todos».

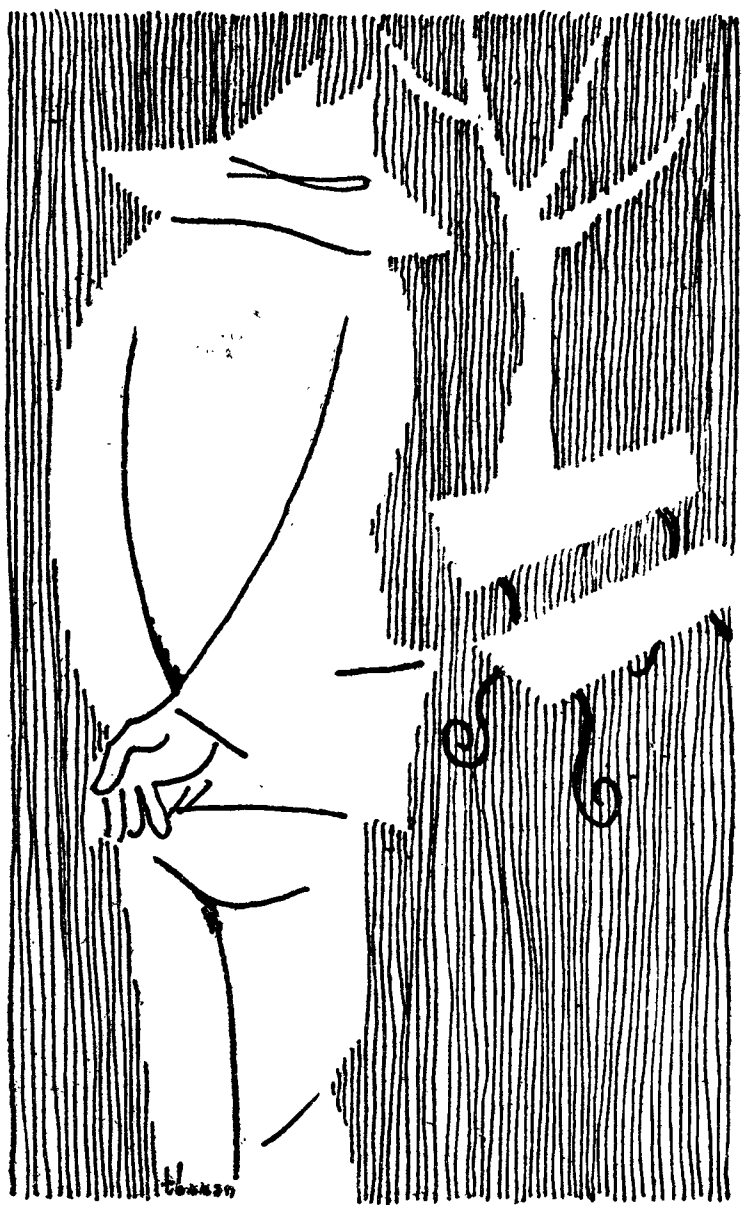
«Mas não me deixam lá dormir»! — contrariou o nosso mendigo. — «*Ah! pois!... Querias, não?* — retorquiu o Valério. — Pois quê? Julgas-te mais que os outros? A mim, que sou engenheiro, também ninguém me deixa lá dormir. Ein? A mim!».

Depois da punhada que o Valério deu no peito para reforçar o discurso, caiu entre nós um silêncio que parecia defintivo. «Alerta» coçou a cabeça, cofiou a barba rala, puxou desesperadamente pelo queixo até pôr a descoberto os dentes parcimoniosos. Ficou-se a esgravatar com os olhos no chão. Por fim tangeu alegremente as palmas e fuzilou Valério com a sua descoberta, ao mesmo tempo que fazia pirraça, batendo o punho da mão direita na palma da esquerda: «Ora então tome lá esta! A mim não me engana vocemecê, sôr engenheiro. A lei não deixa dormir a mim assim como vocemecê lá no banco, ai que canudo isso já nós sabemos. Mas vocemecê só se deita lá por vício e cá eu é por necessidade!».

E voltando costas acercou-se de mim e piscando os olhos com socrática sornice, pediu: «Não me dê um tostãozinho, não?».

Os senhorios deviam lembrar-se desta história comovente: eles só alugam casa por vício, nós é por necessidade. Mas se não se lembrarem, então que haja alguma alminha caridosa que se amerceie de nós. Senão cumpriremos a ameaça: de povos descobridores transformar-nos-emos em povos campistas.

DIÓGENES



Impressões de Itália

(Continuação da 1.ª página)

finitivamente o seu Apolo de Belvedere. Saem juntos, sorriem, e ela estende-lhe cavalheirescamente um destes pequenos ramos artisticos. Ela aspira o perfume, enlevada, e dá-lhe uma pancadinha leve na face, convidando-o com o olhar a futuras ousadias.

A costa azul italiana não fica a dever nada á francesa. O mesmo requinte, a mesma beleza, os mesmos tufos de verdura, a mesma cor e movimento. As praias de pedras roladas alternam com as de areia grossa e aqui, armações de madeira ou ferro, cobertas de arame, fazem a separação das classes sociais. Na parte elegante há toldos vistosos cadeiras de lona cómodas, onde senhoras anafadas repousam do exercício que não fizeram. O outro lado regurgita de gente moça que corre, se banha e canta. Algumas raparigas, melancólicas, fitam a rede e sonham com o dia em que um casamento com «alguém de posição» as fará passar para a zona proibida. Tal como um postal turístico, a Itália recebe o viandante, nesta doce e quente luz de Setembro, com o seu céu muito azul, o mar de uma brandura de amante, a terra verde, florida, embalsamada de todos os aromas...

Setembro, 1958.

DULCE REBELO

A cozedura racional não é a demorada

A cozedura não deve destruir as vitaminas. Para obter uma cozedura racional, sã, dos legumes, é preciso olhar a dois princípios fundamentais:

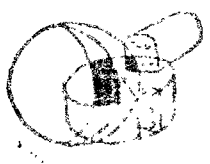
a) cozer depressa

b) cozer em pouca água.

Para compreender a importancia

destes hábitos que chamamos fundamentais, contrários aos nossos velhos hábitos de bem cozinhar, cozinhando longamente, basta saber que os elementos vitais — Vitaminas e Sais minerais — se dissolvem na água da cozedura.

E', pois, de toda a conveniência, utilizar recipientes que distribuam o calor de cima a baixo; podem então os legumes ser cozinhados em muito pouca água, apenas o suficiente para produzir vapor e longe da oxigenação prejudicial. O instru-



mento perfeito — a despeito do que se tem dito ultimamente — é a panela de pressão, munida de grande interior. Se os legumes forem, préviamente cortados em quadrados finos ou em Juliana, o tempo de cozedura será logo diminuido para uns poucos minutos. A esta se chama a cozedura rápida.

Os legumes ficam mais saborosos se, em vez de cozidos em água simples, o forem num caldo que se prepara da seguinte forma:

1 chavena de cenouras finamente cortadas; 1 de nabo, 1/2 de espinafres, 1 colher de sopa de salsa (tudo finamente cortado); 1 alho pisado; 1 colher de café de sal; 1 litro de água.

Deitar estes legumes em água fria ou morna (nunca em muito quente) e deixar ferver durante 30 minutos em fogo lento. Fechar o

lume, deitar o sal, tapar e deixar arrefecer completamente. Coar.

Para conservar a cor verde aos legumes, nunca, mas nunca use o bicarbonato; basta juntar á água da cozedura umas gotas de limão.

Os legumes fritos não são, ao contrário do que muita gente julga, indigestos, desde que não sejam muito fritos, nem utilzadas gorduras que não sejam de origem vegetal ou misturas de gorduras. Deixarão de ter inconvenientes para a

saude se os retirar quando apenas louros e macios. Deverão escorrer sobre papeis absorventes e em seguida polvilhados com sal.

Como vê, carissima leitora, as mais simples tarefas, aquelas que nos vieram do passado, carregadas de «saber fazer» das nossas avós, têm, seus quês. Nestes quês, tão simples, reside o segredo da boa cozinheira, não nos pratos condimentados em excesso e carregados de... ingredientes que a bolsa da maior parte das donas de casa não suporta.

SABA COMER

A SALADA

a inseparavel companhia da refeição racional

A refeição do meio-dia deve, sempre, principiar por uma boa salada. E' nesta altura e não no meio do repasto, que ela melhor faz. Provoca a secreção gástrica e estimula o apetite, acalmando a fome.

Faça as saladas do mais fresco e mais verde que encontrar; não as ponha em lugares quentes, nem as lave antes do momento de servirem; então, depois de bem lavadas, seque-as com um pano limpo. Nunca deite de molho os legumes cortados — já reparou no cheiro que deitam?

Para preparar uma boa salada, e bonita, cortar finamente—há uns moinhos próprios para esse fim — cenouras, nabos, beterrabas; cortar com faca inoxidável os legumes de suco, como o tomate; com a tesoura, fazer em tiras as folhas.

Porque a vitamina C é destruída em contacto com o ar, fazer esta operação precisamente na ocasião de ir para a mesa. Ao fazer a salada, não esqueça, além disto:

1.º — que deve ser agradável á vista, pois pouca gente haverá que não goste de comer com olhos;

2. — que deve ser agradável ao paladar, para que os sucos digestivos sejam facilmente segregados;

3. — que deve ser variada, para não enfastiar.

Ora como fazer uma boa salada?

Primeiro, devemos dividir os legumes em três categorias distintas:

Os de resistência — *que possuem sabor pouco acentuado, mas têm colorido, suco e consistência: as cenouras rapadas, o aipo, a couve verde ou roxa, as saladas verdes: chicória, alface francesa ou vulgar, etc.*

Os de variedade — *usados para dar sabor especial ou efeito decorativo: beterrabas, cebolas, salsa, coentros, pontas de espargos, tomates pepinos, rabanetes, nabos, alcachofras.*

Os que apenas atraem o olhar ou aguçam o paladar — *alho, coentros, menta, estragão, tomilho, funcho, mangerona, finas laminas de laranja ou limão.*

Também se pode juntar alguns legumes cozidos, segundo a sua fantasia—ervilhas, batatas, feijão verde, beterrabas, todos estes partidos aos quadradinhos e não tão finamente como os legumes crus. E por fim, não esqueça um bom molho de sal, azeite e sumo de limão.

Claro, cara leitora, não irá fazer uma salada utilizando tudo isto de uma só vez — tornaria uma boa salada numa salada com que poderia carregar um peça de artilharia! Cuidado com os estômagos delicados da família e com os gostos dela...

E agora um segredo só para si: não esqueça se quer obter uma salada «exquise», de colocar em volta do prato em que a servir, nozes, azeitonas, rodelas de limão, alho finamente picado, ervas finas e aromáticas. (no mercado encontra pratos para este fim, sem grande dispêndio de dinheiro).

Sopa de ameijoa

Abrir, ao fogo, em pouca água, ameijoas. Retirar as cascas e coar a água da cozedura. A' parte, ponha num tacho:

2 colheres de sopa de bom azeite
2 tomates partidos
2 dentes de alho esmagados
Sal e pimenta q. b.

Deixar ferver durante cinco minutos Deitar a água da cozedura das ameijoas, acrescentada o suficiente com água simples. Deixar ferver dez minutos, com a panela tapada. Juntar as ameijoas e deitar este caldo sobre quadrados de pão fritos em margarina, mas só na altura de ir para a mesa, para que o pão não fique completamente mole.

Fatias da Califórnia

Se tem restos de pão, corte em fatias que aparará de côdea, tendo o cuidado de as não deixar desiguais na forma, nem muito finas. Faça o seguinte recheio:

1 queijo-creme amassado
2 colheres de sopa de margarina
2 colheres de sopa de maionese
1/2 colher de chá de sumo de limão

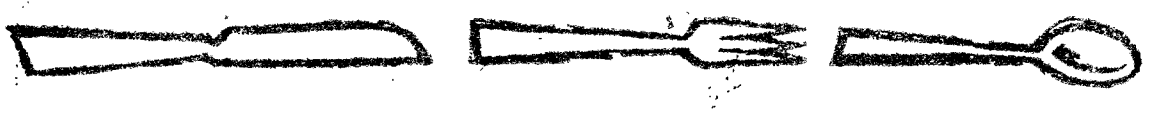
Bater tudo muito bem até obter uma pasta fina. Espalhe sobre as fatias. Ponha outra por cima, mergulhe rápidamente em leite morno, em ovo batido e frite até alourar. Escorra bem em papel absorvente. Sirva numa travessa colocando em volta uma salada bem colorida, fresca, onde misturou azeitonas pretas e rabanetes bem vermelhos.

Sobremesa Maria Emília

Faça um caldo de sêmola com as seguintes porções:

1/2 litro de leite
5 colheres de sopa de sêmola
3 colheres de sopa de açucar (bem cheias)
60 gr. de manteiga.

Ferver o leite com o açucar; deitar a sêmola, em chuva e tendo o cuidado de mexer para não fazer grumos. Deixar ferver durante cinco ou seis minutos. Fora já do lume, juntar-lhe a manteiga e misturar bem. Deixar arrefecer completamente, para que a papa fique bem dura. Corte com um copo um pequeno diametro ou com uma faca em pequenos quadrados todos iguais. Em metade das fatias, ponha uma camada de compota, tapando com a outra que nada tem. Coloque num fundo duma travessa de vidro e deite um pouco de caramelo. Polvilhe com canela e amêndoa, ou noz ou avelã ralada. Sirva bem frio.



Não

MASCARE o verdadeiro sabor
da COMIDA
com temperos picantes!

Exija

uma alimentação sadia e saborosa

AJI-NO-MOTO

produto puríssimo extraido do trigo
não é um tempero
não ilude o paladar
antes o desperta, estimulando as nossas papilas gostativas.

Experimente

uma pequena pitada na sopa, no peixe, na carne, nas saladas.

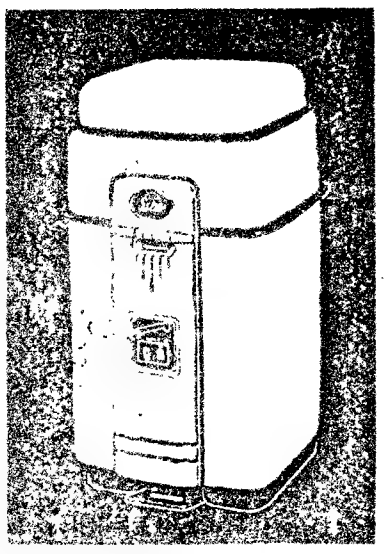
Eis a ECONOMIA
que encontrei na máquina

SERVIS

1.º **ECONOMIA DE DINHEIRO** : o agitador não molesta a roupa, imprimindo à água um movimento de turbilhão em todos os sentidos.

2.º **ECONOMIA DE TEMPO** : a lavagem pelo sistema de de turbilhão compensado é rapidissima.

3.º **ECONOMIA DE ESFORÇOS** : espremedor eléctrico, aquecimento e despejo de água automáticos.



Comprei, claro, a minha **SERVIS** na

Agência Comercial Sueca

Av.ª Fontes Pereira de Melo, 45

a preço fixo

ELOGIO DA ALEGRIA

Por ALFREDO BRÁS

POR toda a parte a ameaça [illegible] o medo. A ameaça dentro e fora de nós e o [illegible]edo espreitando do [illegible]ais fundo do nosso ser. [illegible]m todos os homens a [illegible]sia de invasão para uma zona de segurança que já não existe em parte alguma. E a tristeza nos rostos, nos olhares de animais acossados e nas almas transidas. Tristeza e medo até nos olhos cândidos e nos pequeninos corações das crianças.

Fora do mundo humano espalha-se uma imensa e irreprimível alegria. As flores oferecem-se aos nossos olhos ávidos de beleza, o Sol doira belos e doces frutos para a nossa fome, límpidas e refrescantes fontes se oferecem á nossa sede. Há alegria de cantos e de asas, de brincadeiras de animais jovens e de contactos amorosos sem pecado nem remorso. O homem, porém temente da Natureza e dos deuses, receoso do Mundo e dos outros homens, exila-se voluntariamente nas espessas sombras duma desencantada tristeza

Mas os homens também já conheceram toda a plenitude da alegria e entoaram cânticos exultantes como os das aves na Primavera e colheram flores para se adornar e comeram sem receio os deliciosos frutos sazonados e livremente se dessedentaram nas frescas e cristalinas fontes. Também os humanos já brincaram como animais jovens e se amaram sem constrangimento nem desgosto. A arte, essa forma superior de submeter o instinto ao poder controlador da razão, de estabelecer um harmonioso equilibrio no caótico mundo dos sentidos, já em tempos foi, como disse um célebre filósofo, «a mais intensa alegria que o homem a si mesmo proporcionou».

Não que o homem ainda então desconhecesse a dor ou dela estivesse imunizado pelos arbitrários limites dum paradisíaco cativeiro, pois o fruto proibido há muito tinha sido comido e os gemidos de Prometeu encadeado já ecoavam pela terra inteira quando a arte grega proclamou perante os felizes e orgulhosos deuses a felicidade e o orgulho ainda maiores de se ser simplesmente humano e saber arrancar da Natureza todas as imensas possibilidades de alegria nela contidas. E mesmo depois de Cristo ter mostrado aos homens todo o espantoso sofrimento capaz de conter-se no mais ilimitado amor, ainda assim eles continuaram cantando porque sabiam ter Ele morrido pela felicidade e alegria de todos.

Só depois, muito mais tarde, quando a comunidade humana se desagregou e o indivíduo «puro» surgiu em todo o seu desgarrado e doentio ensimesmamento, a arte se foi tornando num plangente queixume, numa mórbida apologia da tristeza. Não mais o artista procura a harmonia («Cultivei a minha histeria com prazer e terror», proclama Baudelaire), ou a felicidade («Os cantos mais belos são os mais desesperados», afirma Musset), ou mesmo a beleza («Uma tarde, sentei a beleza nos meus joelhos. E achei-a amarga. E injuriei-a», declara Rimbaud). A melancolia torna-se moda e reserva-se o privilégio da espiritualidade. A arte romântica procurava assim eliminar toda a alegria da face da terra.

Mas a obra iniciada pelos artistas românticos sòmente no nosso tempo consegue alcançar plenamente a sua nefasta finalidade. O culto da «nevrose», iniciado por Nerval e Beaudelaire, só atinge uma fase de verdadeira sistematização com o «surrealismo» A angustia, o tédio e o desespero tornam-se os elementos básicos de toda uma vasta corrente artística que hoje prolifera com o nome de «existencialismo». O «cubismo», com o pretexto de tornar sensível o espaço abstracto, inicia o processo da abstracção do sensível que viria a culminar na actual pintura «abstraccionista». E, desta maneira, o esforço milenário do homem para conquistar a felicidade através duma lucida, alegre e corajosa aceitação da sua humana condição foi sabotado justamente por aqueles que tendo por suprema missão resolver numa superior síntese as contradições existentes antes as exacerbaram até ao mais doloroso paroxismo.

Por tudo isto o homem é hoje um ser triste, desintegrado do real, isolado dos contactos fraternos e os seus cânticos são repassados de existencial tristeza e repletos de lugubres apelos á morte. Os melhores dos jovens afogam a sua exuberancia vital em escusas caves, desaprendem de rir, temem a espontaneidade do amor, renunciam á acção, á alegria e á felicidade. E os outros, os que se não refugiam, só conseguem colher da Natureza o brutal exemplo da mais cruel luta pela existência, sabem ainda rir, mas com um riso nervoso e dissonante donde toda a alegria se evolou, não temem o amor mas degradam-no buscando nele um lenitivo para o aborrecimento.

Renúncia á vida ou furia de viver — eis o trágico dilema posto á juventude numa época em que o homem conseguiu sobre a Natureza um domínio tão espantoso como dificilmente se conseguiria sequer sonhar, mas se deixa a si próprio dominar pelos impulsos mais desordenados e a mais cega fatalidade social; dilema absurdo dum tempo em que o poder e o engenho humanos conseguiram desintegrar o átomo, povoar o espaço de asas supersónicas e de planetas artificiais, mas soçobram impotentes diante da imperiosa tarefa de darem ás suas próprias vidas uma organização mais racional.

E, no entanto, é da maior urgência reconquistar uma sã alegria alicerçada numa justificada confiança no futuro, porque as asas conquistadas pelo homem não têm mais o frémito primaveril do alegre voltear dos pássaros. E' antes um ruído assustador, como o sinistro adejar do abutre sobre a presa, que por toda a parte se escuta e que faz pairar sobre a terra inteira uma tenebrosa e contínua ameaça que o «aprendiz de feiticeiro» poderá um dia não conseguir sustar.

Mas o novo reinado da alegria — é bom que os homens o saibam — não será possível sem a harmoniosa conjugação de todos os esforços com o fim de libertar o mundo dos fantasmas do desespero e da solidão. Sobretudo desse terrível fantasma da solidão, que engendra no seu ventre as sombras e os medos destruidores da tranquilidade humana. Só unidos poderemos alcançar uma vida eufórica num mundo liberto de pesadelos. Solitários, seremos fáceis presas do desespero e soçobraremos inevitavelmente numa «apagada e vil tristeza».

A alegria terá pois de ser hoje para nós mais uma escolha de que uma vocação, mais ainda uma obrigação moral de que uma necessidade natural. Devemos ser alegres porque a alegria é a condição da felicidade, da nossa e da dos outros, e todo o homem normal sentirá a absoluta necessidade da felicidade alheia para poder ser completamente feliz.

GANHE 100$00

com um sorriso nos lábios

O VENCEDOR DESTA SEMANA TEVE UMA VERDADEIRA SENTENÇA DE SALOMÃO: «MULTA É UM ABUSO DE AMBAS AS PARTES».

Está portanto, de parabens o Sr. Luciano Vitorino dos Santos, Rua José Ricardo, 20-2.°-Esq.° (Lisboa), que ainda nos enviou outras curiosas definições que não publicamos por absoluta falta de espaço. Teve, porém, um perigoso competidor na Sr.ª D. Reginard Frazoa (Benfica) que nos apresentou esta convincente definição:

«MULTA — é aquilo que uns chamam Despesa Forçada e outros Receita prevista».

O sr. Fausto de Oliveira Leite (Lisboa) que, pelos vistos, deve estar muito escaldado, teve este desabafo:

«MULTA — é a usura do Estado».

Só faltou dizer de que Estado se trata: estado de fraqueza, estado de desembolsamento, estado casado, etc.

Técnico atento das boas maneiras é o sr. Carlos Santos Cruz. A sua definição merecia entrar num «Manual de Civilidade» para uso dos comparticipantes no acto de multar. Diz:

«MULTA — forma deselegante e dispendiosa de nos apresentarem a respeitabilíssima Dona Lei».

Ah! e não ponho mais! Não ponho mais porque o espaço não chega...

Esta semana um leitor resolveu não propor uma palavra, mas um «palavrão». Aqui o têm:

MARIDO PERFEITO

Cá ficamos aguardando os resultados da boa inspiração dos nossos leitores, até ao próximo dia 18 de Novembro. A correspondência deve ser dirigida para «MAGAZINE», Rua Luz Soriano, 44 a 48

Finalmente queremos agradecer ao sr. Eduardo da Costa Rodrigues (Sabugo) a oferta do seu prémio para os pobres do «Diário de Lisboa», já que os bondosos dos Senhorios de Portugal continuam «fechados em copas».

Está provado que os inquilinos «arrendam» dentro de si muito melhores sentimentos...

Quando seu filho quiser um sorvete dê-lhe o sorvete em pó

TIDANO

É um alto produto dinamarquês que se prepara higièni-camente em casa

(Saquinhos para 5/6 sorvetes. Latas para 20/24 sorvetes)

das Mercês, uma artéria geralmente deserta, porquanto os habitantes, mal o Sol despontava, largavam a granjear a côdea para os bairros mais afortunados da Margem Norte. A' noitinha, de regresso ao lar, e em face das tropelias da filharada, berravam os pais desconcertados — «mas que andam vocês a aprender na mestra?» E' que nunca ouviram, pelo mesmo facto que provocava a solidão da rua, a cantilena grulhenta da rapaziada a solfejar a cartilha ou a tabuada.

Isto vem a propósito para corroborar a afirmação de que o castigo nada tinha de humilhante para o «Finezas». (Verificamos pelo seguimento que esta não era a sua opinião). De facto, os colegas não o enxergavam no peloirinho e a vizinhança estava ausente do bizarro espectáculo de «um-orelhas-de-burro-á-janela-de-uma-escola». Analisando a situação por um prisma realista, as vantagens estavam todas a favor do «Finezas»; esquivava-se ao suplício da recitação, ao mesmo tempo que fruia o privilégio de olhar o Sol com inteira liberdade.

Pegou, o «Finezas», nas orelhas descomunais e meteu-se no cubículo. Durante longos minutos reinou a expectativa na classe, ansiosa por ouvir o berreiro costumado — exprimia-se deste modo o protesto contra a punição. Caso extraordinário. Desta vez, nem uma fungadela. Um silêncio de tumba.

Era tão insólito o acontecimento, que a D. Candida se torceu na cadeira, baixou a armação de ouro ao extremo do nariz para melhor enxergar e investigou o que se passava para além da porta através da viuraça partida. Tranquilizou-se; as orelhas de papel lá estavam junto da janela.

Prosseguiu a lição, ao cabo de alguns instantes, no ritmo habitual, com os ralhos da mestra áqueles que atropelavam o vozear cadenceado e as interrupções dos irrequietos a pedirem para ir lá dentro.

Quando o badalo da torre bateu as seis horas, D. Candida lembrou-se do penitente e, satisfeita com o seu comportamento, chamou:

Vem cá, «Finezas»!».

—Esperou em vão.

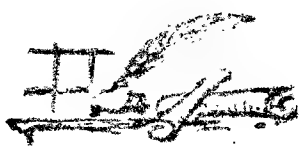
«Logo vi! Deixaste-te dormir, grande velhaco!».

O «Finezas» continuava mudo. Iracunda com o atrevimento, pegou no ponteiro e investiu para a sala dos castigos. A classe viu então as orelhas de burro enfiadas na rama, rala por sinal, de uma velha vassoura. De «Finezas», nem a sombra.

Expulsou-o, a fim de evitar a tentação dos maus exemplos. Eu não posso julgar, a esta distancia, do acerto da precaução, do mesmo modo que não ouso afirmar que o exemplo tivesse frutificado. Que deixou semente, é uma verdade indiscutível. Aí está, como penhor, o relato da minha vida. Fraco testemunho, sem duvida! Mas ninguém pode culpar o «Finezas» de a semente ter caído em terra sáfara!

Foi, porém, a partir da cena grandiosa a que toda a gente assistiu no dia do enterramento do «Violas», em pleno cemitério, que se enraizou profundamente na minha carne a enternecida admiração que passei a dedicar-lhe.

Junto aos campos de trigo, no topo de proeminente colina, situava-se o recinto sagrado do campo santo, mandado construir por decreto de Sua Majestade, a [illegible]. Maria II, em 1849. A Rainha legara perpetuamente á Camara as terras necessárias, e esta, conforme se pode ler ainda hoje na



III

E' justo o reparo: quem é ou quem foi o «Finezas»?

Com o balanço pratiquei esta falha gravíssima: esqueci-me de falar do personagem mais importante de toda a história. Realmente, para se compreender o drama da minha vida, não precisava de esbanjar tanto palavreado. Que interessam as banalidades ocorridas em cerca de quarenta anos de existência? Fundamental, sim, é falar dele, pois de contrário a narrativa, como até agora, sairá enevoada, consequência em parte da minha deturpadora memória.

É tempo, pois, de o fazer. Vou tentá-lo em fracas e secas palavras, adequadas de resto á sua seca e fraca compleição. Quero começar e deparo com a primeira dificuldade: desconheço o nome dele. Cogito e rebusco. Afianço que jamais soube o seu nome.

«Bizarro, hem! Como é possível terem-se escoado tantos anos sem me aperceber do absurdo?»

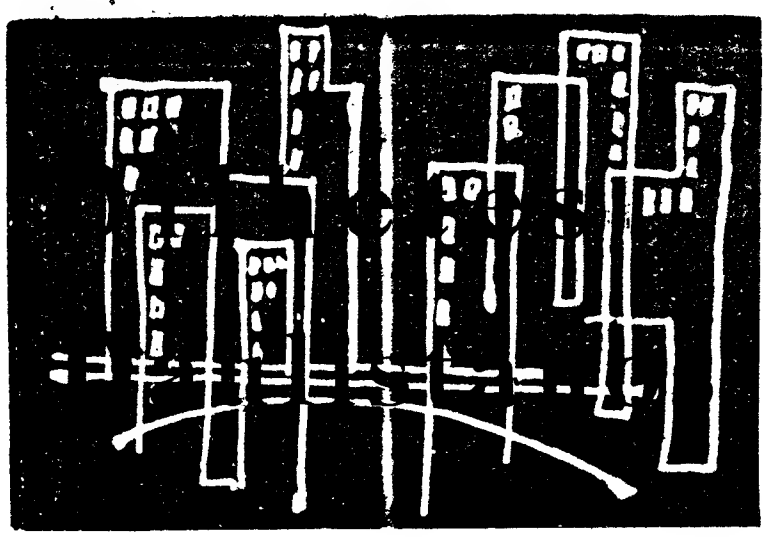
Insisto teimosamente: «como se chamava efectivamente o «Finezas»?».

Logo a seguir registo a segunda dificuldade: «tão-pouco sei porque o apodaram assim».

Alto! Lá isso não! Excluída a ideia de representar a coroação de um trato afável. Agreste era ele, mesmo quando tratava com os seus melhores amigos — o Necas e o «Cara-de-Homem», por exemplo. Nunca lhe conheci outra pose que não fosse simultaneamente de ataque e de defesa.

No meio destas hesitações e perplexidades, há contudo, uma coisa que eu sei de certeza absoluta: as razões que criaram esse alcunho e lhe granjearam tão duradoiro prestígio. Chefe incontestado dos vadios da Meia Laranja e do Caramanchão, respeitado entre os bandos adversários que formigavam por essa pobre região da Margem Norte, o «Finezas» jamais voltou a cara a quem o ultrajasse, nem dobrou a cerviz diante dos mais fortes quando a «sua razão» lhe assistia. Mais: nunca atraiçoou a sua palavra honrada de maltrapilho.

Para avaliar a diferença de caracteres basta dizer que, enquanto os



Henri Troyat
e o mundo latino-americano

por MIGUEL URBANO RODRIGUES

SÃO PAULO (Outubro), — O conceito clásico de humanismo não representa hoje mais do que um monte de palavras e atitudes que não se ajusta de modo algum ás realidades da hora que passa. Negariamos, contudo, a evidência se afirmassemos que a maioria dos intelectuais do velho mundo se deu já conta da necessidade de encarar a Humanidade e a essência da cultura sob novas perspectivas mais consentaneas com o alargamento dos horizontes geográficos e sociológicos de um Mundo que sofreu prodigiosas transformações desde a hora em que o prudente, lucido e genial Erasmo escreveu os «Colóquios» e «O Elogio da Loucura». Salvo raras excepções, os escritores de além-Atlantico continuam a olhar o planeta e a aferir os seus valores pelos padrões europeus. A Terra não será apenas a Europa, mas é válida e interessante sòmente na medida em que surge como um reflexo seu, através da assimilação da mentalidade e do estilo de vida europeu. No que se refere á América Latina, a caricatura que se forjou para uso turístico tende cada vez mais a ser accite nos meios intelectuais como imagem autêntica da realidade.

Essa displicente atitude de superioridade, essa recusa de compreensão do humano e do telurico, essa ausência de percepção da dramática beleza da epopeia de um continente que é, todo ele, um cadinho de experiências efervescentes, reflectem-se bem nas páginas de um livro de Henri Troyat que acabo de ler: De gratte ciel en cocotier — à travers l'Amerique indienne *(Paris, Plon). O autor percorreu, acompanhado de sua mulher, onze países, numa extensa viagem que principiou no México e acabou no Rio de Janeiro. O sr. Troyat, que não é um grande escritor, mas é um escritor consagrado, não compreendeu nem quis compreender a América Latina. Chega a parecer inacreditável como um homem de letras laureado com o Prémio Goncourt e o Prémio Barthou da Academia francesa tenha realizado uma obra tão aflitivamente medíocre e tão recheada de disparates. O autor de «L'Araigne» e de «Faux Jour», distinguido com o Prémio Populista pela forma como abordava os grandes temas sociais, viu a América Latina como o mais bisonho e limitado dos turistas que recorrem aos serviços da Agência Wagons Lits-Cook.*

Em De gratte ciel en cocotier *o fundamental cede sempre o passo ao acessório. Nos retratos que nos pinta das várias republicas, a nota dominante é, quase sempre, a do ridiculo, amenizada, de onde em onde, por um olimpico sentimento de piedade. Sem que o afirme explicitamente, pois a sua visão é sempre paternalista, Troyat sente-se espectador de uma comédia burlesca cujos cenários e personagens são as cidades, os campos, os monumentos, as populações, o passado e o presente da América Latina. No México, tudo se lhe afigura teatralmente folclórico. Na impossibilidade de dar aos leitores uma ideia exacta das suas considerações sobre o sistema hoteleiro, a toponimia local, a cozinha e a musica, a sujidade e o sistema prisional, reproduzimos tão só um comentário a um dos frescos de Diego Rivera. A contemplação dos célebres paineis do Palácio Nacional executados pelo grande pintor azteca inspirou ao autor de «La Tête sur les Épaules» as seguintes linhas: «Aquela gigantesca marmelada de cabeças e datas, de arte e reivindicações sociais agonia á primeira vista como um cartaz de propaganda para uso de analfabetos».*

O passado pré-colombiano do México, que confessa ter principiado a conhecer através das explicações confusas de guias ignorantes, parece, por outro lado, tê-lo impressionado bem pouco, como se fosse algo de fastidioso e banal. O calor, o desconforto, o problema das compras da sr.ª Troyat são preocupações que não o abandonam ao visitar as piramides do planalto de Anahuac e as ruinas de Uxmal e Chichen Itza. A interioridade tumultuosa do povo mexicano, o entrechocar permanente do sangue espanhol com o dos velhos fundadores das civilizações maya e azteca, o élan e a inercia, o entusiasmo e o fanatismo, a renuncia e a fé dessa gente, a transformação desse país visceralmente americano numa grande nação moderna não lhe merecem um unico parágrafo. Com ligeiras variantes, a sua visão é tão superficial na Guatemala como nas Honduras, no Panamá como na Colombia, no Equador como no Peru, na Bolivia como na Argentina e no Brasil. Na Costa Rica respirou fundo porque só viu brancos; o Chile enterneceu-o porque os seus vinhos se assemelham aos franceses e porque nas faldas dos Andes a «society» de Santiago faz alpinismo de acordo com as boas regras de Megève e Chamonix. Na sua desilusão por encontrar tão pouco da França na América reduziu quase tudo a insectos, cobras, criados que não sabem linguas, hoteleiros de pele gordurosa, indios esfingicos, burocratas impenitentes, porcaria, imobilismo, miséria e ignorancia. E de tudo sorriu resignadamente extraindo das mais penosas situações uma nota de ridiculo para a deixar cair sobre a sub-humanidade que povoa este continente. No Rio de Janeiro é a macumba que o atrai; em São Paulo — que define como cidade italiana onde todas as pessoas importantes usam nomes terminados em «i», em «o» ou em «a» — vai até ao Instituto Butantã e faz-se fotografar com serpentes enroladas nos braços.

* * *

Tem razão o sr. Troyat quando fala em cidades esburacadas e imundas e em populações cor de café com leite ou de chocolate. Tanto umas como outras existem na América Latina. Mas é de lamentar que um escritor lido por centenas de milhares de pessoas se tenha esforçado por não compreender tudo o que há de admirável, de generoso, de pioneiro e de entranhadamente humano no mundo latino-americano. Se entre o Rio Grande e a Terra do Fogo se encontram ainda homens que vivem nas trevas da idade neolitica, deparam-se também ao viajante metropoles como São Paulo, Buenos Aires, Montevideu e a Cidade do México que, em muitos aspectos, se situam na vanguarda do progresso. Muito está por fazer na América Latina? Certo. Mas muito do que já está feito permitiu que se esboçasse um tipo de homem e de concepção de vida próprios. Menos estruturados do que na Europa? Sem duvida. Mas não menos válidos na sua humanidade e mais ducteis, mais actuais. Indio, negro ou branco, despido de preconceitos, de solenidade e de arrogancia, o latino-americano, ciente do seu atraso em multiplos campos, está, paradoxalmente, mais de acordo com a marcha da história e compreende, ou antes, adivinha melhor o seu sentido profundo, do que os seus irmãos do Velho Mundo. Com moscas ou sem moscas, esfarrapado ou bem vestido, vivendo em florestas onde a luz solar mal penetra ou em grandes metrópoles de cimento e aço, o Homem da América Latina é uma Força e uma Esperança.

É como Europeu que lamento a cegueira dos Troyat que persistem em iludir a Europa mantendo-a apegada a mitos superados em vez de a encaminharem no sentido de uma revisão drástica dos seus conceitos de humanismo, outrora amplos e generosos, mas hoje desactualizados e mesquinhos.

«O MOLEQUE RICARDO»
LINS DO REGO
«O MOLEQUE RICARDO»

leia
(não pode deixar de ler)

«O MOLEQUE RICARDO»
LINS DO REGO
«O MOLEQUE RICARDO»

«fracotes», como eu e o «Pé-de-Chumbo», se muniam de catanas de lata para aparentar um aspecto agressivo, o «Finezas» empunhava apenas a sua fisga e era terrível.

Procuro traçar-lhe o retrato físico, por me parecer da maior importancia para uma apreciação justa da sua perdurável influência, e dou comigo ás apalpadelas num mundo de trevas. Perdi o contorno das asperesas graníticas, apagaram-se-me da memória os traços inconfundíveis. E, contudo, garanto que era uma figura singular.

O que consigo obter, ao cabo da busca infrutífera, é a associação do seu «nome» a uma mancha delgada e seca, que os olhos da alma identificam (eu sei onde reside o paradoxo) á heroicidade, á galhardia, á fraternal amizade. Como poderei exprimir integralmente o meu pensamento? Fazia-me lembrar (talvez agora!) uma pacaça solitária com a armação sempre pronta para colher a presa.

Carambas! Este é o retrato verdadeiro do «Finezas». Como foi fácil!

Além de chefe nas purrias e em outras façanhas, era também nosso condiscípulo. Frequentou, sem ultrapassar a terceira classe, a sala de estudo da D. Candida — a inolvidável mestra que nos puxava as orelhas até ficarem em braza e malhava o nosso corpo, débil com um ponteiro gigante. Para os destemperos mais graves usava a «menina-dos-cinco-olhos» — uma férula de madeira preta, rija como aço. (Permitam um acrescento de fraca valia, mas algo significativo: o «Finezas» prometeu-nos a destruição da nefanda arma, besuntando, para consegui-lo, as mãos de pimenta, após haver introduzido sob a epiderme pedacinhos de rabo de cavalo. A «menina-dos-cinco-olhos» resistiu ao sortilégio, mas faça-se justiça!, as mãos do «Finezas», depois, resistiram também).

A sua expulsão ficou memorável.

Uma tarde, recolhera-se a mestra aos aposentos do fundo para a merecida sesta, armou-se uma tremenda disputa entre os «rapazes» e os «meninos» da escola. Os «rapazes» eramos nós: os valdevinos de pé descalço sem tradições familiares; os outros, os «meninos», conheciam-se á distancia de uma légua: traziam umas botas de atanado magníficamente ensebadas pela serva e uns cabazitos de verga pintada com a merenda. Representavam estes dois grupos duas classes distintas, que nem em dia do arco-da-velha confraternizavam.

Começou a sarrafusca, se bem me lembro, com o gesto atrevido do «Finezas» — deitara a mão a um dos cobiçados cestinhos, dizendo com rude franqueza que estava com fome.

Mal agadanhara a fatia de pão-de-ló, logo a maricada berrou pelo socorro da D. Candida. A demora da trôpega senhora deu tempo a que o rapazio se engalfinhasse na batalha. A mestra irrompeu por fim, um tanto assarapantada pelo tumulto imprevisto, empunhou o ponteiro e á bordoada restabeleceu a ordem — considero a velha uma precursora dos tempos modernos.

Imposta a paz e ouvidos os testemunhos, D. Candida ditou a sentença: o «Finezas» para a janela com as orelhas de burro!

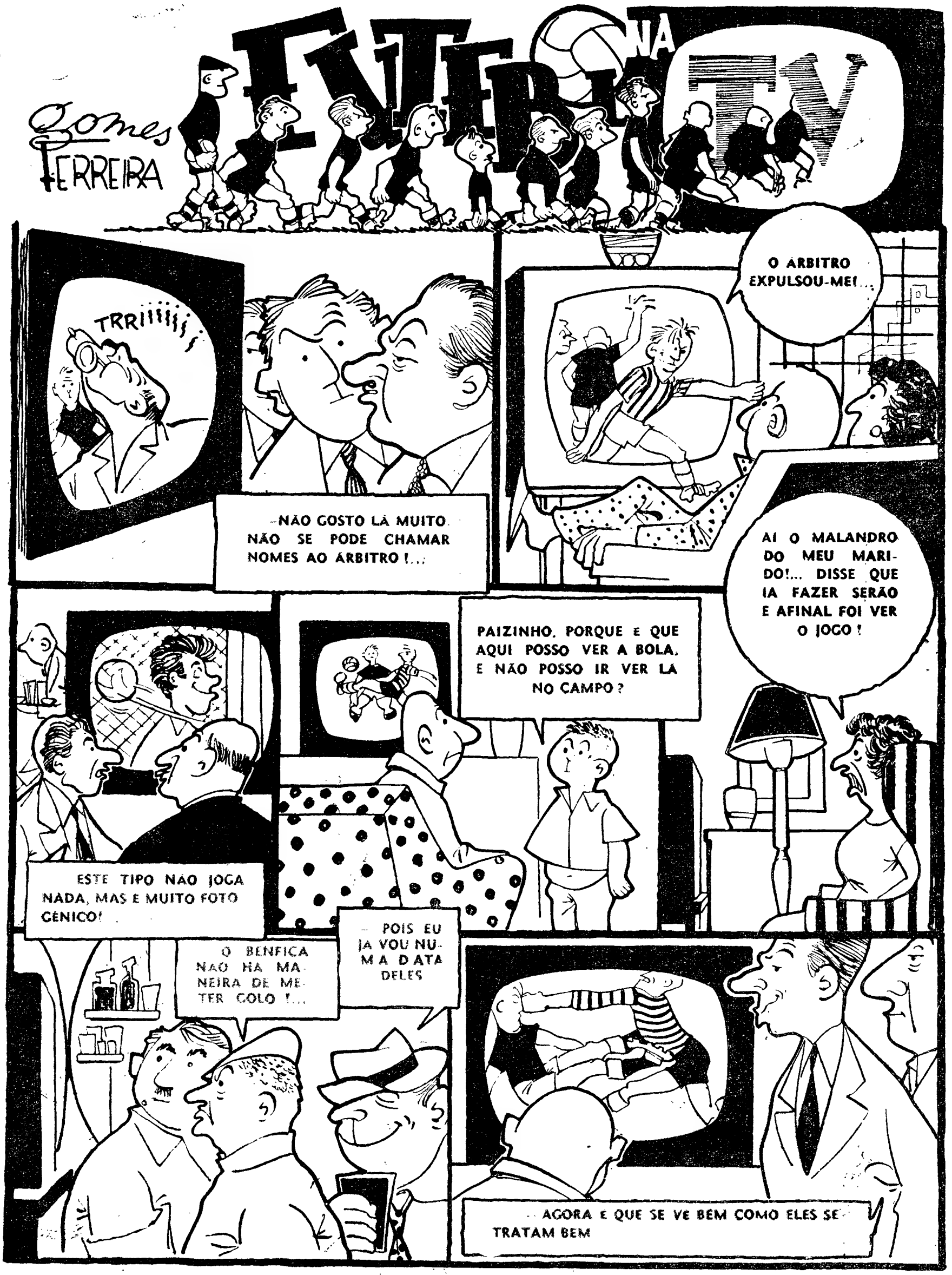
Cabem aqui duas explicações.

A primeira diz respeito á toponímia interna da escola: contiguo á sala da aula, onde se alinhavam os bancos baixitos dos colegiais, ficava o compartimento exíguo destinado aos «isolamentos»; uma porta de vidros foscos, com uma vidraça quebrada, estabelecia a ligação.

A segunda relaciona-se com a sua localização: situava-se na Travessa

ENTRE NÓS

Gomes Ferreira



Ria com gosto, com saúde e com a pasta DEX-CREME

PAGINA DA

CULINÁRIA

Bifes enrolados

Picam-se finamente duas cebolas e cozem-se em duas colheres de margarina. Não devem fritar; por isso têm que ferver em lume brando mexendo-as constantemente.

Cortam-se oito bifes, espalmam-se com o maço de madeira e cobrem-se com uma camada da cebola que se preparou. Polvilham-se com um pouco de pão ralado muito fino e põe-se em cima uma fatia muito delgada de presunto cru. Carrega-se com a palma da mão, para que todos os ingredientes fiquem ligados e enrolam-se os bifes, fechando-os com palitos nas pontas e no meio.

Picam-se numa frigideira grande uma cebola e uma cenoura grande, juntam-se duas colheres de margarina, colocam-se dentro os rolos de carne, que não devem ficar sobrepostos. Saltelam-se ràpidamente em lume forte, voltando-os com um garfo para ficarem corados por igual. Metem-se no forno, barrando-os com mais uma colher de margarina e regam-se depois com um cálice de água misturada com um cálice de vinho do Porto.

Voltam-se de vez em quando, regando-os com o molho que forem fazendo. Quando se verificar que a carne está assada, retiram-se e servem-se quentes acompanhados com arroz de manteiga ou puré de batata.

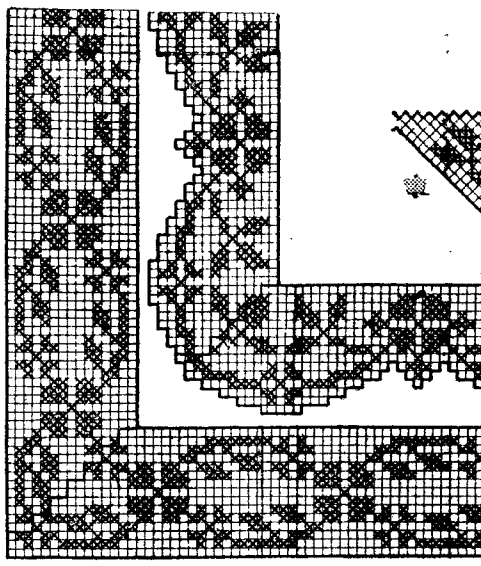
Frango á Gertrudes

Escolhe-se um frango gordo e tenro. Prepara-se e, depois de esvaziado, corta-se em pedaços que se salteiam em margarina, sem os deixar escurecer. Vão-se sempre voltando para fritarem por igual. Deitam-se no tacho mais dois pedaços de margarina, dois decilitros de nata fresca (na falta de nata pode empregar-se leite), um pimento doce cortado em tiras, sal e pimenta. Tapa-se e deixa-se ferver em lume brando, voltando os pedaços de frango, de vez em quando, até estarem cozidos.

Logo que se esvaziar o frango põem-se a cozer os miudos, as patas e o pescoço em água, sal, um pedacinho de toucinho, uma cebolinha e pimenta em grão, para obter meio litro de caldo que se coa e põe de parte.

Põe-se um tacho ao lume, com oitenta gramas de margarina, e, quando a gordura estiver quente, deitam-se para dentro duas chávenas de arroz seco, previamente lavado e vai-se mexendo até o arroz absorver a gordura. Juntam-se duas cenouras picadas e um pimento doce feito em tiras e meio litro de caldo, que se reservou. Logo que levanta fervura mete-se no forno para cozer. Tira-se do forno e deixa-se o tacho destapado durante vinte minutos para o arroz acabar de abrir sem ficar mole. Despega-se em volta do tacho e volta-se para uma travessa aquecida.

Dispõem-se em volta os pedaços do frango e serve-se muito quente.



Desenho de «cro

para toalha

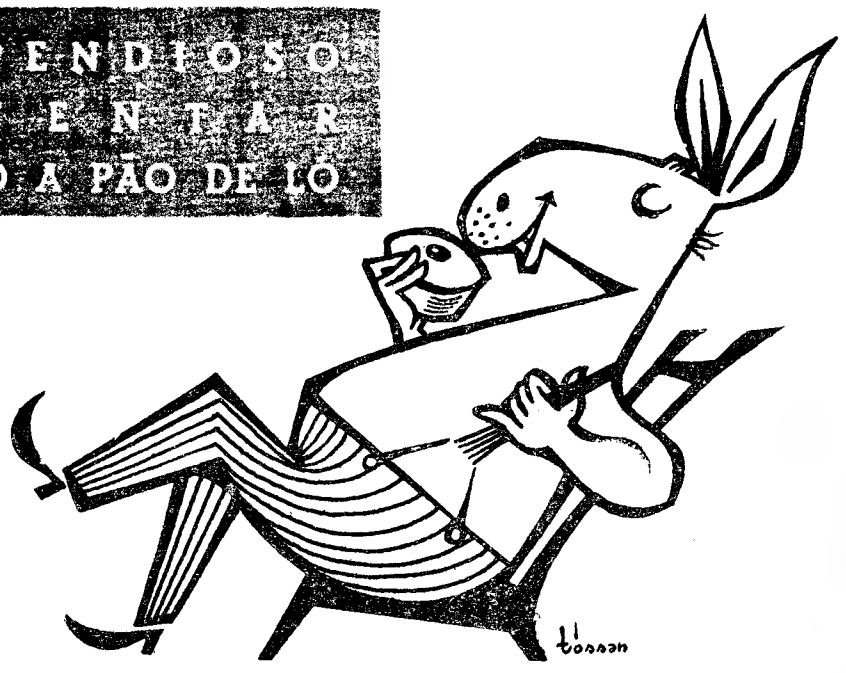
Estes desenhos são publicados a pedido de uma leitora do «Diário de Lisboa» que pretende executar, em «crochet», com linha Mercer Corrente branca n.º 40 uma renda, para a orla de toalha de jantar; um entremeio, para guarnecer a parte central da toalha, á maneira de «chemin» e pequenos triangulos para or- namentar pos. As l sadas em tamanho se destin diante a em selos rio de Li Lisboa.

tuba Espuma Séca

Sensacional produto da Química Alemã. Limpeza a seco de Carpetes e Passadeiras. Estofos de Automóveis e de Móveis.
Pelas suas mãos e na sua casa!
Centenas de escudos de economia!
A venda em todo o Mundo, e em PORTUGAL, em todos os bons estabelecimentos.

REPRESENTANTES : **SCHROETER & ALMEIDA**
RUA DA MADALENA, 128, 2.º — LISBOA

É DISPENDIOSO SUSTENTAR UM BURRO A PÃO DE LÓ



Mas já ***pensou que o sabão vulgar é o mais dispendioso dos sabões?***

Nas águas calcárias, como é o caso da grande maioria das do nosso país, o sabão vulgar, sem ajuda de lexívias ou da soda, só tira nódoas (e mesmo assim, mal, deixando a roupa encardida...) depois do emprego de grandes doses, o que o torna anti-económico.

SABÃO ACTIVADO CUF

que lava em todas as águas descarde a roupa e deixa a louça a luzir

ponto

UM CHAPEU PARA O INVERNO

Alem de chapeus de peluche, vão usar-se, no próximo Inverno, chapéus de pele, como este, castanho, guarnecido com uma fita de «grosgrain» da mesma cor, mas de tonalidade mais escura

PRISÃO DE VENTRE
***
A pontualidade intestinal sem cólicas nem acostumação.
Purgatone
Supositórios
À venda nas Farmácias.

AGORA A Prim

...TEM CAMISAS PARA RAPAZ!

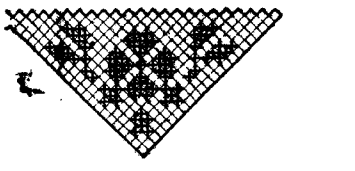
A CAMISARIA PRIMAZ apresenta cáveis camisas, CUJOS COLA ENCOLHEM, agora também para tir dos 4 anos de idade.

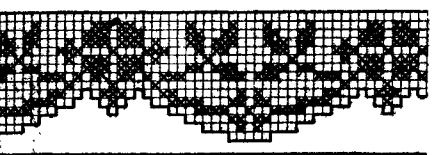
VISTA O SEU R COM UMA CAMISA P

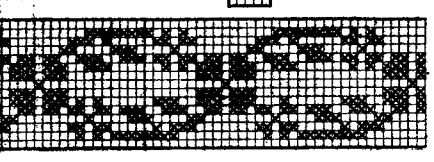
Prima

ROSSIO 115 — LISB

DA MULHER







le «crochet»

ra toalha e guardanapos

dos a namentar os cantos dos guardana-
Diário pos. As leitoras que estejam interes-
ecutar sadas em obter estes desenhos no
r Cor- tamanho natural do «crochet» a que
, para se destinam, podem adquiri-los, me-
m en- diante a quantia de 6$00, enviada
parte em selos á Página da Mulher, «Diá-
«che- rio de Lisboa», Rua da Rosa, 57, 2.º,
ra or- Lisboa.

Saiba preparar e servir um bom café

O bom café tem o grão seco e afunda-se em água se nela for deitado.

*

Deve preferir-se o café torrado recentemente.

*

O melhor café não se apresenta muito brilhante.

*

Para o café conservar o seu aroma deve ser guardado em lata ou frasco de vidro muito bem tapado.

*

Quando se usa café em grão deve moer-se na própria hora em que será preparado para o consumo.

*

Na moagem feita por meio de motor deve deixar-se este esfriar frequentes vezes. O excessivo aquecimento do motor motiva a perda do aroma do café.

*

O café deve moer-se muito finamente usando-se a proporção de uma colher de sopa de grãos para cada chavena.

*

A melhor água para café não deve ser calcárea.

*

Quando tenha de se aquecer o café deve fazer-se essa operação pelo processo do «banho-Maria» e nunca directamente sobre o lume.

*

Antes de fazer o café deve escaldar-se a cafeteira e antes de o servir devem escaldar-se as chávenas.

*

Um pacote ou lata de café já moido só deve usar-se no decorrer de uma semana para conservar o aroma.

*

Deve usar-se a cafeteira na sua completa capacidade. Nunca se devem fazer poucas porções de café em grandes cafeteiras.

*

Para escaldar a cafeteira enche-se esta até acima com água a ferver.

O café fervido muda de aroma. Deve ser escaldado, mexido e abafado quando não seja feito nas máquinas apropriadas.

*

O café adquire bom aroma e uma cor mais acentuada se lhe juntarmos um pouco de açucar refinado durante a torrefacção.

*

Considera-se de boa qualidade o café que dê na infusão uma cor de castanha clara a qual passará á cor verde intensa — principalmente na superficie — se lhe juntarmos uns pingos de amoniaco. Esta operação é de simples análise. Evidentemente, não se consome café com amoníaco...

*

E' de requinte servir-se o café, depois do jantar, numa sala onde será passado o serão. Quando não possa ser assim ao menos, em mesinha diferente, apresentado em tabuleiro portátil ou mesa rolante.

*

Junto com o café devem ser servidos os licores, bombons, cigarros ou charutos.

FAÇAM OS VOSSOS VESTIDOS

A moda trouxe a todas as mulheres a possibilidade de executarem as suas «toilettes», embora possuindo rudimentares conhecimentos de costura. Eis um vestido que não oferece dificuldades no corte. Tirando o pormenor das casas feitas com tecido — coisa que nem todas as costureiras principiantes fazem com perfeição — tudo mais é fácil de cortar, armar e coser. Não estará o rapaz dizendo: «gosto de ver-te com esse vestido feito por ti?»

Primaz

SAS
AZ!

MAZ apresenta as suas impe-
CUJOS COLARINHOS NÃO
também para rapazes, a par-
dade.

O SEU RAPAZ
A CAMISA PRIMAZ

Primaz
IO 115 — LISBOA

Máquina de TRICOTAR BUSCH
APENAS POR 115$ MENSAIS
CHEGOU NOVA REMESSA DA MAIS SIMPLES, ECONÓMICA E SENSACIONAL MÁQUINA DE FAZER "TRICOT"
REPRESENTANTES:
AGÊNCIA COMERCIAL SUECA, Lda.
Avenida Fontes Pereira de Melo, 37
Telefs: 59181-2-3 - LISBOA

V. Ex.ª deve preferir
este famoso aspirador

À VENDA EM TODAS AS BOAS CASAS COM GARANTIA E ASSISTÊNCIA PERMANENTE

Luva azul
Apresenta um variado sortido de LUVAS para senhoras, homens e crianças, MEIAS, PEÚGAS e objectos para brinde.
RUA AUREA, 266

massas alimentam e são leves

ovic

DE FACIL E RAPIDA PREPARAÇÃO. AS MASSAS ALIMENTICIAS CONSTITUEM UMA REFEIÇÃO ECONÓMICA. SABEM SEMPRE BEM E... O QUE É MUITO IMPORTANTE. ALIMENTAM E SÃO LEVES!

É bom... é saudável, por isso... o Homem das Massas aconselha:

RECEITA 5

Taças de Aletria

Em abundância de água cozem-se 125 gramas de aletria que, depois de bem escorrida, é cortada, o mais possivel, com uma faca. Noutra vasilha põe-se ao lume 250 gramas de açúcar com 2 decilitros de leite, até ficar em ponto. Mistura-se a aletria com o açúcar, tira-se do lume, deixa-se arrefecer um pouco, e juntam-se 3 gemas de ovos, bem batidas. Volta ao lume para cozer as gemas, durante 5 minutos, sem ferver, e deita-se depois este doce em taças de vidro.
As 3 claras que sobraram, batem-se em ponto de neve, adicionando 2 colheres (sopa) de açúcar, continuando a bater até ficarem bem seguras. As claras só se devem bater meia hora antes de servir o doce
Deita-se depois, sobre o doce, em cada taça, um pouco destas claras, e guarnece-se com cerejas cristalizadas morangos frescos, ou pedacinhos de compota de frutas

COM MASSAS... SEMPRE MAIS COSTAS

OIÇA TODOS OS DIAS EM RADIO CLUBE PORTUGUÊS O HOMEM DAS MASSAS.

Eduquemos o nosso filho!

Deixe que o seu filho se prepare para enfrentar a vida

A criança deve ser educada no sentido de se tornar imdependente e de saber resolver os seus problemas por si própria. Só assim ela mais tarde, homem ou mulher, poderá vencer na vida.

Os pais, principalmente as mães, são muitas vezes os culpados dos fracassos dos filhos: na escola, ou no desempenho de uma profissão ou, até, mais longe ainda, na vida conjugal.

A criança, rapariga ou rapaz, a quem a mãe impede de realizar o mínimo esforço porque ela é «muito pequenina», ou porque «dá chegará o dia em que ela terá que trabalhar», ou porque «tem tempo para carregar preocupações» — será, no futuro, uma pessoa sem expediente, sem força de vontade, egoísta, tudo subjugando á sua comodidade e bem-estar. Será um ente as mais das vezes futil, sem utilidade para a Sociedade pois faltar-lhe-á capacidade de produzir esforço e trabalho.

Esta educação, como qualquer outra, começa desde o berço. O bebé deixa cair um brinquedo. Não se corra a apanhá-lo por o bebé ser pequenino e não lhe chegar. Ele saberá ir «buscá-lo» com certeza. O menino quer um banquinho para se sentar ao lado da irmã mais velha. «A mãezinha vai buscar, sim? O menino fica quietinho». Diga antes: «Queres ir buscar o banquinho para te sentares ao lado da Nininha?» A menina, quer vestir a boneca mas não consegue enfiar-lhe os braços nas mangas. «Tem paciência que, com jeitinho, consegues»—deve-se dizer; e não «Vem cá, que a mãezinha veste».

E os casos repetem-se na vida diária da criança, em que a mãe por excesso de mimo ou de comodidade (Ah, sim! porque, muitas vezes, fazer a vontade á criança ou deixá-la realizar as coisas acarreta-nos muito mais trabalho do que se fôssemos nós a resolver o problema) se substitui ao filho, rouhando-lhe toda a iniciativa e espírito activo.

Em relação á Teresinha, a mãe está, voluntária, embora talvez inconscientemente, transformando a filha numa boneca que será troçada na escola (— Olha! a Teresinha ainda não sabe vestir-se sózinha!) e que ao chegar a mulher nada saberá fazer, com o infalível aparecimento de complexos de inferioridade. Então, por snobismo, frequentará um instituto de actividades domésticas, onde não lhe podem ensinar a realizar essas actividades com o bom senso, o equilíbrio, o sentido económico, e a ternura com que lhe ensinaria a mãe.

Teresinha, com seis anos, deve já há muito saber vestir-se e despir-se sózinha, pentear-se, lavar os dentes após as refeições, pelo menos (sem que seja preciso lembrá-lo), pode começar a tomar banho sózinha (sim, demorar-se-á muito mais e gastará bastante sabonete), deverá saber tirar a sua roupa do roupeiro e a dos irmãos mais novos, deixar o quarto em ordem, poderá guardar roupas nas gavetas, limpar a loiça e colocá-la nos seus lugares (terá que partir algum prato pois os seus gestos ainda não têm a mesma precisão dos do adulto), poderá limpar os armários á sua altura e arrumá-los, fazer pequenas lavagens e ajudar a cuidar dos irmãozinhos realizando pequeninas tarefas.

Evidentemente, a Teresinha levará mais tempo do que a mãe nesses trabalhos. Brincará entretanto, transformando as tarefas em brincadeiras e nem sempre ficará tudo perfeito. Mas ela estará em actividade, sentindo-se util, até mesmo necessária, esforçando-se por fazer tão bem como a mãe. A criança adquire personalidade, cria uma independência, aprende a resolver sózinha situações difíceis — prepara-se para enfrentar a vida extra-família que vai começar brevemente ao entrar na escola.

E a mãe, afinal, não ficará prejudicada. Teresinha será capaz, dentro de algum tempo, de fazer as coisas muito bem, pois a criança tem um sentido muito nítido da perfeição e, com o seu poder de imitação, se estiver habituada a um ambiente de ordem e asseio, ela fará tudo como a mãe.

Pode crer, mãezinha, que encontrará na sua Teresinha de seis anos uma esplêndida colaboradora e auxiliar, poupando-lhe muitos passos nos vaivéns diários da sua casa.

nascerá entre ambas um amor diferente: não o amor austero da mãe que manda na filha, não o amor tímido da filha que obedece. Mas um amor de mãe e filha cheio de ternura e amizade, compreensão e igualdade.

LAURA PEDROSO

Quer que os seus filhos sejam saudáveis e bem educados?

Leia a revista «Os Nossos Filhos». O seu numero de Outubro insere, entre outros, os seguintes artigos:

«Correio dos pais», «O mundo dos nossos filhos», «Centro de Educação Física», «Proteja o seu filho», «Como se desenvolve o bebé», «Livros para os seus filhos», «O que se edita para as nossas crianças», «Lições de observação», «As crianças e os cortejos funebres», «A adopção de crianças nos E. U. A.», «A gaguez na criança», «O arco-iris» (colaboração infantil), «Seu filho adoece com frequência?», «Dê uma sugestão!», «O casamento e os seus problemas», «A gramática no país das formigas», «Mãezinha habilidosa (malhas, bordados e corte)»; «Mãezinha dona de casa (culinária, receitas práticas e sugestões)», «Figurinos para os filhos e para as mães»; e ainda: Conselhos, sugestões, concursos, etc.

«OS NOSSOS FILHOS»

Rua Infantaria Dezasseis, 69, 2.º — Lisboa — Telefone 686460

Vem aí o frio

...E os nossos pequenos precisam de andar agasalhados, sem excessos. Mas crescem tão rapidamente, que, de um ano para o outro, os agasalhos deixam de lhes servir. E, como é preciso economizar, muitas vezes a solução é de dois fazer um. Aqui está um modelo nessas condições, para o Zé Manuel levar á escola. De duas camisolitas apertadas, uma cor de cinza, outra azul-escuro, a mãe fez este bonito e cómodo casaquinho, que lhe fica muito bem. Lá diz o velho rifão: «No aproveitar, é que está o ganho»

Consultório das mães

Tenho dois filhos de cinco e sete anos que são excessivamente rebeldes e nervosos. Isto traz-me muito desgostosa e fatigada e já não sei como devo «levá-los».

RESPOSTA:

—Em primeiro lugar: porque são os seus pequenitos assim tão nervosos e rebeldes? Como sabe, para se modificar os efeitos é indispensável conhecer as causas. Portanto, comece por observar objectivamente as condições em que os seus filhos têm sido criados; procure conhecer a psicologia dum e doutro; coloque-se no lugar deles; considere a sua inteligência e a sua sensibilidade de crianças — e esforce-se por ser compreensiva e justa. Pense demoradamente o que tem a dizer-lhes e a resolver a seu respeito. Não perca nunca a serenidade. Habitue-se a falar-lhes em voz baixa e calma. Nada de zangas, gritos, castigos ou lamentações. Proporcione-lhes uma vida sossegada e metódica, alimentação simples e sã, e o máximo repouso durante a noite. Há ainda outra coisa que deve fazer sem demora: levar os meninos ao médico.

Por mais cuidados que tenha não consigo fazer a papa do meu pequenino sem a deixar «encaroçar». Quer fazer o favor de me ensinar a evitar este desastre?

RESPOSTA:

—Desfaça a farinha muito bem numa pequena porção de leite frio. Deixe aquecer até quase ferver a parte restante do líquido e, nessa altura, junte-o á farinha já desfeita. Mexa rapidamente, e deixe ferver em lume brando, mexendo sempre. Com estas precauções, a farinha não deve «encaroçar».

///

Tenho um sobrinho que acaba de chegar de África. Apesar de já ter sete anos, fala muito mal e não me parece com o tino que já devia ter. Tenho a impressão de que a minha irmã não vê bem a situação, e estou raladíssima. Creio que há um instituto com uma consulta para estas crianças, mas ignoro o nome. Muito lhe agradeço uma indicação.

RESPOSTA:

—Leve o menino ao Instituto António Aurélio da Costa Ferreira, Travessa das Terras de Sant'Ana, 15 — Lisboa.

Concurso relâmpago da boa educadora

Com a publicação do problema XII termina o Concurso-Relâmpago da Boa Educadora. Ele teve o mérito de levar as leitoras a analisar alguns dos seus próprios problemas diários e de nos revelar, por vezes, belos temperamentos de escritoras.

Filhos criados, trabalhos dobrados

«Estou deveras aflita com a atitude que a minha filha está tomando. Acaba de fazer 18 anos e, até há pouco, mostrou-se sempre uma rapariga muito sensata. Mas há cerca de meio ano conheceu um rapaz que lhe fez a corte e a quem se dedicou de tal maneira que persiste em namorá-lo, apesar da minha oposição, porque vejo que é um leviano e, como tal, não poderá fazê-la feliz».

Assim nos escreve «mãe amargurada», e nós avaliamos a sua enorme preocupação. Mas, talvez o mal não seja tão grande como receia. Se a sua filha já tem 18 anos, fale-lhe de mulher para mulher. E' assim que tem feito? Mostre-lhe com doçura — e, sempre que possível, indirectamente — o erro em que ela está! Aponte-lhe exemplos de casais felizes e infelizes. Diga-lhe que a felicidade existe mas que é preciso saber procurá-la, construi-la. Procure orientar as suas leituras, dê-lhe livros sérios e sãos, sem pieguices nem fantasias mentirosas. E sobretudo mostre-se muito amiga, muito compreensiva, muito companheira. Talvez ela acabe por concordar com a mãe.

E o rapaz, não será susceptivel de se modificar? Conhece-lhe a familia ou amigos que tenham sobre ele influência e possam aconselhá-lo? Há rapazes assim levianos que, em certa altura, modificam inteiramente a sua conduta.

Se, não obstante os seus esforços, a sua filha persistir, não desespere. Quem sabe se o casamento chegará a realizar-se? Mas no caso afirmativo, revista-se de coragem e paciência e deixe-os seguir a sua vida. E' muito possível que ele se modifique e saiba fazê-la feliz. Além de que, a felicidade não está naquilo que cada um julga observar e saber, mas na maneira como os interessados encaram os seus próprios problemas.

Na próxima página, proporemos um novo Concurso. Esperamos que nos respondam ainda mais leitoras do que até aqui. Por vezes, a mulher portuguesa foge a tomar parte nestes pequenos passatempos, porque está convencida «de que não é capaz de escrever». E' necessário combater essa ideia errada. Todas nós sentimos e pensamos, e somos capazes de exprimir, melhor ou pior, o que nos vai no pensamento e no coração. E' uma questão de disciplina e vontade. Por outro lado, tudo o que cada uma de nós disser, com correcção e sinceridade, tem o maior interesse. Portanto, aqui fica o convite a todas as leitoras, para que tomem parte no novo Concurso. E' uma maneira simples, mas proveitosa, de contribuir para que se agitem os problemas tão importantes que dizem respeito aos nossos filhos e a nós próprias, como educadoras.

A melhor solução do problema XI

Também desta vez resolvemos conferir não apenas um prémio, mas dois. Foram premiados os trabalhos das senhoras D. Laura Pedroso, de Venda do Pinheiro, e D. Telma Elizabeth Mattos, de Lisboa, cada uma das quais recebeu mais uma assinatura da Revista «Os Nossos Filhos». Os nossos parabéns.

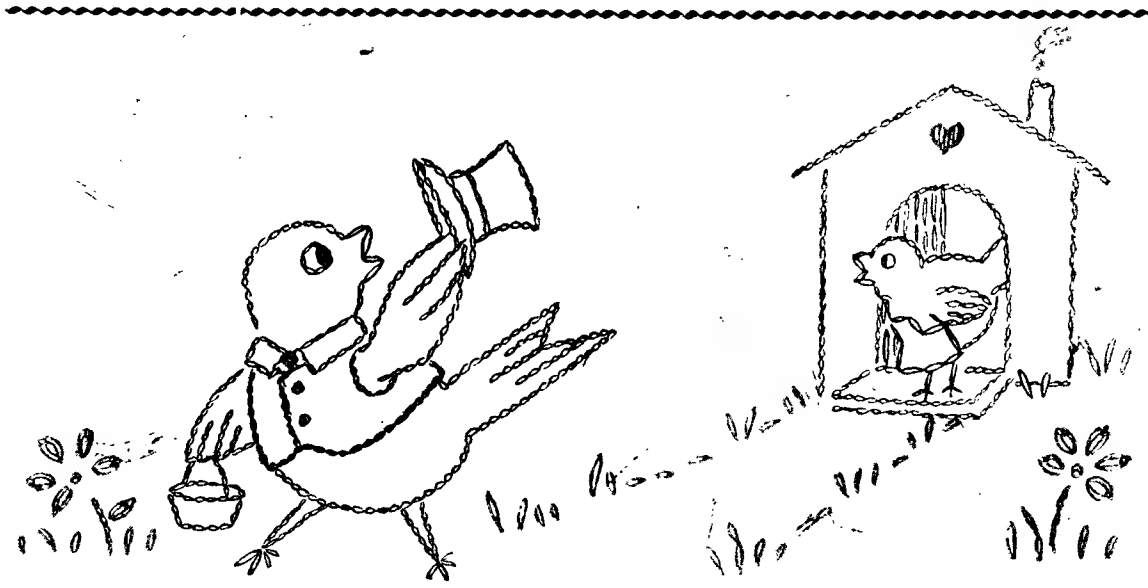
Cuidados com o bebé

A higiene é uma grande amiga das crianças. O seu menino deve tomar banho todos os dias, mudar de roupa frequentemente e trazer as unhas cortadas.

Que idade tem o bebé? Três meses? E' altura de o vacinar contra a varíola, não se esqueça.

Se não tem um motivo forte para o não fazer — seja a ama do seu filhinho. Se não pode cumprir este dever, oiça e siga o conselho do médico.

Seja sóbria na sua alimentação enquanto amamentar o bebé. Não abuse de comidas salgadas e picantes, de café e bebidas alcoólicas, de caça e mariscos, de conservas e enchidos.



Pequena história do casal amigo para contar aos nossos bebés e bordar nos seus bibes

1 — Era um vez o senhor Pardalico e a senhora Pardalica. Moravam numa casinha pequena e eram muito amigos. Quando, pela manhã, o senhor Pardalico saía para o trabalho, com a lancheira na asinha, a senhora Pardalica vinha sempre á porta dizer-lhe adeus. (Continua)

FALANDO SOBRE MATEMATICA

POR: **FERNANDO TAVARES RODRIGUES** * 18 anos

NESTE apontamento dirijo-me áqueles Amigos que frequentam os primeiros ciclos do Liceu. Portanto caros «sabichões» finalistas, fiquem sabendo que estas modestas linhas não são para vós, pois não pretendo interromper as vossas tão «fecundas» dissertações filosóficas.

Pois jovens Amigos: tenho a certeza de que muitos de vós, estudantes liceais e portanto no início da longa estrada que vai dar ao Senhor Doutor ou a outro Senhor mais ou menos pomposo, detestam já a Matemática. Seja pelo que for, é a verdade. E sentem uma pequena satisfação quando nos jornais e, na telefonia (nesta principalmente) lêem ou ouvem um entrevistado, daqueles a que costumam chamar intelectuais, responder sem hesitar que nos seus tempos de escola não suportava a Matemática.

Ora é pena que a maior das ciências seja assim tão maltratada. A Matemática é a maior e a mais importante. Todos vós tendes ouvido falar no grande numero de ciências que os homens vão descobrindo e em que se empenham com todo o seu ardor e inteligência. Embora seja exagero já ouvi alguém dizer que em cada dia surge uma ciência nova; — para além do humor que contém, esta afirmação reflecte bem a evolução do mundo científico de hoje.

Pois na quase totalidade estas ciências e seus ramos (e podem estar certos de que muitos há que dirão: a totalidade), sejam quais forem os assuntos de que tratem, vão buscar alimento, de quando em vez, á Matemática. Umas mais, outras menos, é conforme a necessidade. Mas vão. E a Matemática a todas as que a solicitam socorre com modéstia e está sempre pronta a acudir-lhes nos momentos mais difíceis.

E de que maneira a Matemática as ajuda! Com a ecpnomia, poupando-lhes linguagem, por exemplo; com a precisão, porque o seu método de trabalho é eficaz; e ainda com a descoberta! E é aqui que a interessante Matemática prova, sem deixar motivo para duvidas, como é a maior e a mais importante de todas as ciências que o maravilhoso espírito do homem criou. Como se fossem pouco a economia e a precisão, a Matemática ao ser solicitada para ajudar outros ramos do saber, consegue facultar-lhes descobertas, caminhos de investigação novos, até então ocultos e que sem a sua ajuda tarde ou nunca seriam explorados. Um magnífico exemplo me ocorre agora. Um dia mais tarde, a meio do caminho que haveis iniciado há pouco, tereis oportunidade de topar com ele. E' em plena Física, com as chamadas «equações de Maxwell». Nos seus estudos, o genial Maxwell (físico-matemático escocês, 1831-1879) formulou umas equações matemáticas, que têm hoje o seu nome; e sómente a partir delas, no papel e com a pena, Maxwell chegou á conclusão (uma das muitas a que chegou por este processo!) de que deviam dar-se na realidade *certos fenómenos de natureza física. Foi isto uma dedução teórica. E anos mais tarde esses fenómenos foram descobertos*

(Continua na ultima página)

PROBLEMAS DOS JOVENS

«A arte ou não...»

PODE não ser este caso tomado como «problema da juventude»; no entanto, porque o julgo digno de ser inserido nesta secção, aqui estou a redigi-lo.

Hoje em dia é frequente ouvir-se dizer:

«Ah! Esta juventude... No meu tempo sim... Isso é que era... Esta é uma mocidade decadente...».

Concordo com isso. Não há duvida de que noutros tempos eram os jovens mais sossegados mas, se observarem e compararem esses tempos com os de hoje, talvez já assim não pensem. Senão vejamos. Retrocedamos uns séculos. Estava-se, então, no apogeu das valsas, isto na musica. Na pintura havia ainda o sentido de pintura. Na poesia era comum verem-se estrofes com métrica, rima e acentuação devidamente cuidadas. Hoje, não; a musica está resumida aos frenéticos e alucinantes «rocks»; na pintura, reduzida ao nada, ou quase, inventaram agora o género a que chamaram «Agressão» (nome bem dado, na verdade, pois tal género não passa de uma «gressão» autêntica, não só á tela, como á própria pintura). Na poesia, então, também é flagrante verem-se desrespeitadas todas as normas da poesia própriamente dita, isto é, acentuação, rima e métrica. Perdeu todas as caracteristicas que a tornaram bela. Agora não passa de uma «coisa disforme», sem graça. Esta modalidade faz-me lembrar como que uma «prosa em linhas curtas». Já se não dá o devido valor á poesia antiga com a sua espontanea graciosidade. Está relegada para segundo plano, ela que é a verdadeira poesia.

No meio de tudo isto, a pobre juventude, ressente-se se não tiver apoio não só moral, como intelectual, como ainda físico, apoio êsse que, diga-se de passagem, não abunda.

Vendo bem, quem dá origem a estas coisas? Os mais velhos, os tais que só criticam (mas que nada contribuem para que não precisem de o fazer), aqueles cuja mocidade era ajuizada e sossegada. Só eles e mais ninguém. Admiro-me bastante que isto não tenha chegado a pior e, se assim não aconteceu, isso deve-se unica e exclusivamente a algum resto de bom senso, que a juventude retém... Essa juventude corrupta... desregrada... desrespeitadora... decadente...

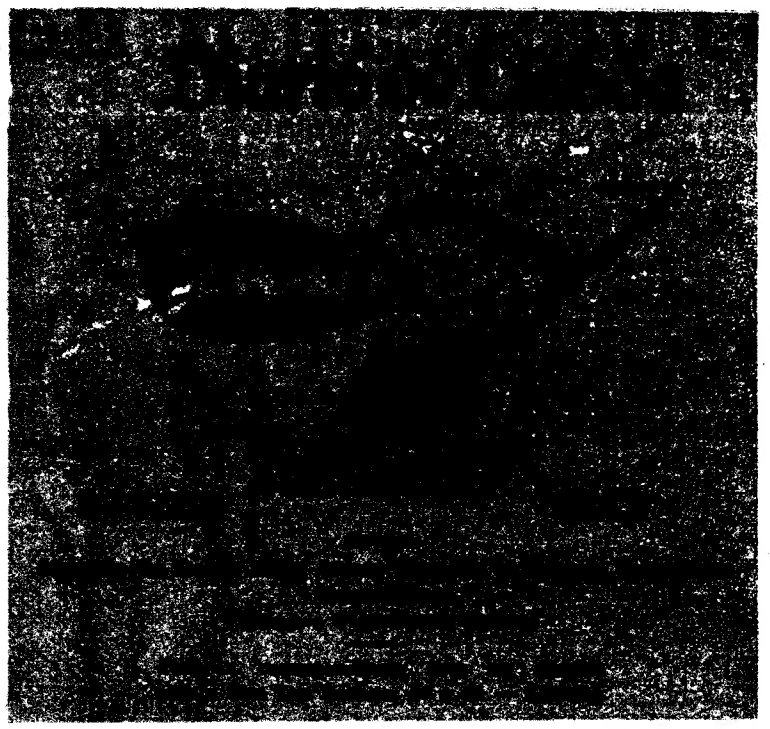
Era bem melhor que, em vez de críticas, esses mais velhos utilizassem compreensão... compreensão acima de tudo, que é o que mais falta nos faz. Então sim! Então veriam que a juventude não decaiu. Foi, é e será sempre a mesma, só com a diferença de que vive em séculos opostos e estes é que não são todos iguais... Diferem muito...

Não há jovens bons ou maus, o tempo e ambiente em que vivem é que o são ou não.

AMIGO N.º 587

VISTOS PELOS JOVENS

CONCURSO
GIGANTES DA HUMANIDADE



Volta para mim, calor!

por: **Ana Maria Fernandes Canhão (Nani)**

ESTOU afastada do Mundo... A' minha volta só oiço os risos alegres das crianças que brincam... No meio das flores e das crianças, sinto-me afastada, sinto que o resto do Mundo não vive... ou talvez ele viva e eu morra... Recordo a minha infancia tão feliz e calma... Que saudades, Deus meu, desse tempo que não volta mais! Queria ser pequenina e juntar-me a essas belas crianças que correm e cantam contentes! Queria brincar também e sentir-me feliz, mas não, não posso! Sinto-me triste, abandonada, quase incompreendida... Por entre o riso das crianças, oiço uma musica ao longe, muito ao longe, mas que chega até mim suavemente, penetrando profundamente no meu coração... E um grito da alma desse poeta da musica, desse Chopin imortal, que tão bem falava e fala aos corações, com a sua delicada musica... E essa tão bela melodia, que tantas vezes me tem servido de refugio nas horas de desespero e melancolia, faz brotar lágrimas dos meus olhos tão tristes, que olham o Mundo parecendo não o ver...

Agora, vou vaguear um pouco pelo mundo dos sonhos... sonho que sou feliz e que rio e canto para toda a gente... Todos me amam, todos me compreendem, todos desejam a minha companhia...

De repente, deixo de ouvir os risos das crianças e fico sobressaltada. Não, não é possivel divagar assim, se a realidade é tão dura e feia! Que mal te fiz eu, Mundo, para não me quereres ouvir e compreender?!

Olho agora em frente: as crianças retiraram-se para os seus lares aquecidos... O fim da tarde é belo, muito belo, mas muito triste; a noite vai caindo, e com ela desce um frio cortante... Levanta-se vento, e esse vento arranca as folhas douradas das árvores, e leva-as a dançar para o Infinito... Todos se retiram, só eu fico fria entre as flores que também arrefeceram... Tenho frio, uma onda de gelo invade-me o corpo e sinto muito frio na minha alma... Sinto o sangue paralisar-se-me nas veias e quase grito horrorizada com a ideia de morrer! Não quero a morte, embora descansasse para todo o sempre; quero viver esta vida tão bela para os outros e tão feia para mim! Quero ser compreendida, amada por todos aqueles que eu amo!

Mas nada, nada muda o curso da minha vida; ninguém me quer bem e eu sinto o meu sangue cada vez mais gelado.

Mas eu quero viver, quero que tu, o meu Calor, voltes outra vez ao meu corpo, derretas o gelo que cobre o meu coração, e me deixes abraçar-me a ti, para não mais me fugires! Calor, vem, que eu espero-te, para começarmos uma nova vida!

Mas se não vieres meu Calor, peço-te a ti, vento de uma tarde de Outono, que leves a minha alma a dançar como levas a esse baile infernal, as folhas das árvores que se vão desnudando!...

Mas eu espero por ti, Calor, espero que me tenhas ouvido e me compreendas, e que voltes para mim!

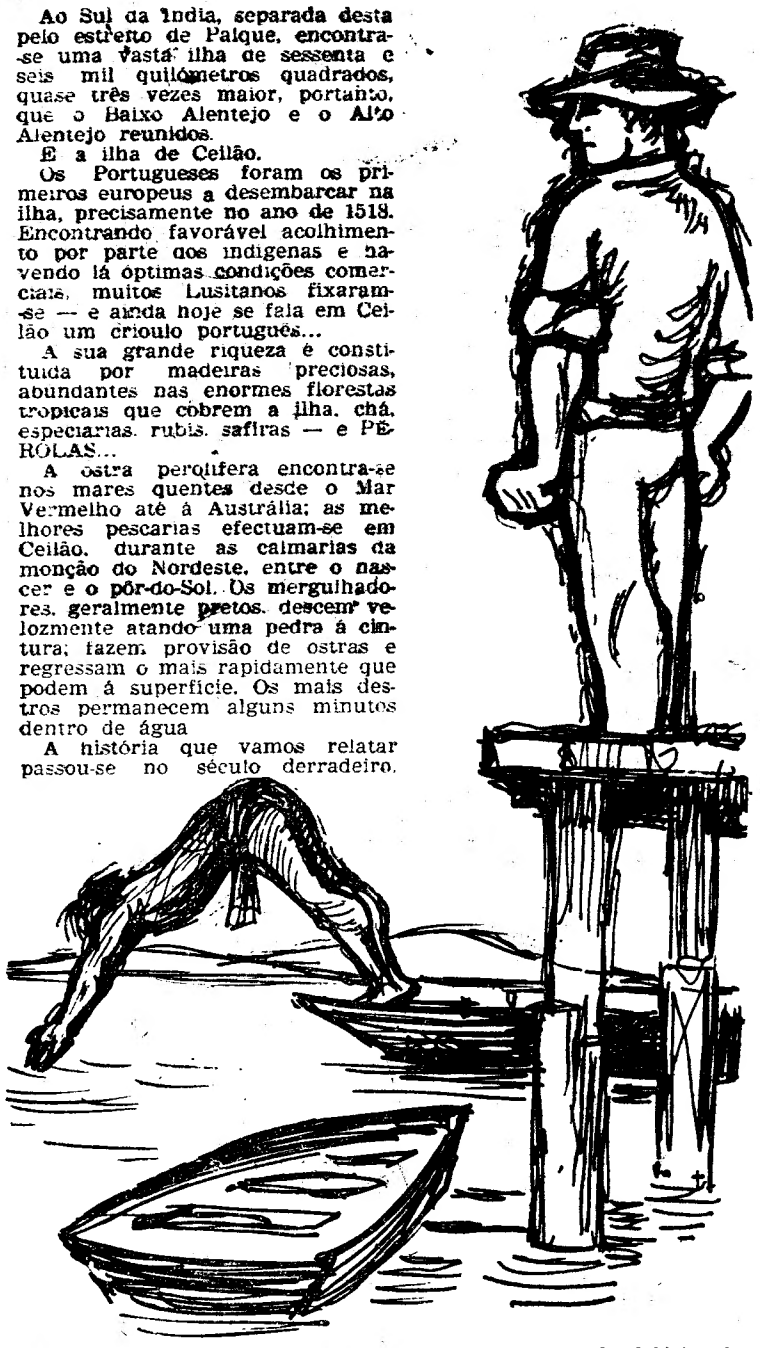
AMIGA N.º 939 (16 ANOS)

DESFILE

POR: **CARLOS ALBERTO BRANDÃO DE ALMEIDA**

Uma emissão de buracos com uma rua radiofónica.
Um passeio aristocrático com um cavalheiro de «scooter».
Uma injecção fraternal com um amor intramuscular.
Um ministro de virar tripas com um pau de negócios estrangeiros
Uma excursão á «Gomes Sá» com um bacalhau ao Norte.
Um homem descapotável com um automóvel de muletas.
Uma ilusão metalurgica com uma greve de amor.
Um cheque de Filosofia com um professor sem cobertura.
Um polícia que dá uvas com uma vinha de transito.
Uma agência maltratada com uma dama de viagens.
Uma pintura de escape aberto com uma motocicleta abstracta.
Uma mulher de alcatrão com uma estrada casada.
Um banqueiro florido com um jardim milionário.
Um político de nylon com uma camisa democrática.
Um sistema de estreia com um cinema nervoso.

O mercador de pérolas



Ao Sul da India, separada desta pelo estreito de Palque, encontra-se uma vasta ilha de sessenta e seis mil quilómetros quadrados, quase três vezes maior, portanto, que o Baixo Alentejo e o Alto Alentejo reunidos.

E a ilha de Ceilão.

Os Portugueses foram os primeiros europeus a desembarcar na ilha, precisamente no ano de 1518. Encontrando favorável acolhimento por parte dos indígenas e havendo lá óptimas condições comerciais, muitos Lusitanos fixaram-se — e ainda hoje se fala em Ceilão um crioulo português...

A sua grande riqueza é constituida por madeiras preciosas, abundantes nas enormes florestas tropicais que cobrem a ilha, chá, especiarias, rubis, safiras — e PÉROLAS...

A ostra perolífera encontra-se nos mares quentes desde o Mar Vermelho até á Austrália; as melhores pescarias efectuam-se em Ceilão, durante as calmarias da monção do Nordeste, entre o nascer e o pôr-do-Sol. Os mergulhadores, geralmente pretos, descem velozmente atando uma pedra á cintura; fazem provisão de ostras e regressam o mais rapidamente que podem á superfície. Os mais destros permanecem alguns minutos dentro de água

A história que vamos relatar passou-se no século derradeiro.

Dela foram protagonistas dois Portugueses: Pedro Antunes de Mirandela, dito o «Falcoeiro» (ignoram-se os motivos deste cognome) e Filipe Madeira. Mercadejavam com as cinco partes do Mundo e, cada qual no seu barco, aportaram naquele dia á ilha de Ceilão dispostos a fazer vasta colheita de perolas, caso a sorte os ajudasse.

O facto de terem a mesma nacionalidade fez que estreitassem a convivência, durante a qual podiam mitigar as saudades da terra distante — que nem um nem outro saberia quando tornariam a pisar. Eram ambos fortes, resistentes, batidos por todos os ventos, experimentados por todos os climas. Encontravam-se no comércio com diferentes intenções e meios de acção. O «Falcoeiro», extremamente ambicioso, não hesitaria, para satisfazer a ambição, em recorrer a meios pouco lícitos. Achava-os naturais, afirmando que no comércio vence o mais forte... ou o mais esperto...

—Por que não o mais honesto? — inquiria Filipe Madeira.

—Ora, ora, meu caro! — e o «Falcoeiro» pregava nos beiços um sorriso ácido—. Aqui para nós, que ninguém nos ouve, quem tem escrupulos não faz negócio!

—Maneiras de ver — declarava o outro—. Eu, por exemplo, recuso-me a fazê-lo e com quem não os tem...

O «Falcoeiro» encolheu os ombros. Intimamente, achou que o compatriota era um sentimental que, como todos os sentimentais, acabaria por fracassar rotundamente no comércio...

Foi obra do acaso que ambos se houvessem encontrado naquela manhã, em pleno bairro miserável dos indígenas. Quer o Filipe, quer o Mirandela, buscavam informar-se das condições para a compra de pérolas. Este ultimo, fechava, na presença do compatriota, negócio com o jovem e possante Arbul: por cada pérola, 600 rupias...

—Por aí pagam-se a quatrocentas — lembrou Filipe Madeira—. Porque lhe ofereceu você seiscentas?

—Cá tenho as minhas razões...

—Que não devem, por certo, ser muito caridosas...

—Conforme se entenda por isso — fechou o outro—. Não se diz pela nossa terra que a caridade bem compreendida deve principiar por nós próprios?

Ao fim dessa manhã assistiram ambos, do alto da falésia, ás manobras de Arbul. Este, cobrindo apenas as partes vergonhosas, tirara-se á água com um pedregulho amarrado na cinta, a fazer lastro. Filipe Madeira contara os minutos pelo enorme relógio de bolso que sempre o acompanhava. Um... dois... três... Ao abeirar-se dos quatro minutos o corpo luzidio de Arbul debatia-se á superfície, não muito longe do bote aonde despejava a rede que trazia cheia de ostras.

Os dias foram-se escoando, e as semanas...

Quando Filipe Madeira, ao agonizar daquele dia, passava na rua junto ao cais, a caminho do barco, deparou com dois homens altercando. Eram, nem mais nem menos que o negro Arbul e o «Falcoeiro». Este, com largos gestos:

—Enganas-te! Não ofereci mais que trezentas rupias!

Arbul espetara no ar os cinco dedos da mão esquerda e mais o indicador da outra. E daí não saia.

—Não sejas tonto, homem! — afirmava o Mirandela, congestionado, como se a razão o sufocasse—. E para mais tu repara: se oferecem por aí o máximo de quatrocentas, porque artes do demónio ia eu oferecer-te seiscentas? Reconhece que te equivocaste... E se o não reconheceres, tanto pior. Pescadores de pérolas não faltam por aí e mais de trezentas é que não te dou. Trezentas foi o contratado.

Arbul mantinha-se inamovivel. O «Falcoeiro» não lhe pagaria mais de trezentas, mas ser-lhe-ia agradável que isso fosse bem aceite pelo indígena. Ao ver surgir o compatriota, citou-o como testemunha.

—Olha lá, o preto diz que contratei com ele seiscentas rupias por cada pérola, diz agora tu, que estavas presente, quantas foram, na realidade!

Voltando-lhe as costas, mostrava-lhe três dedos, a sugerir a resposta que lhe convinha.

—O combinado foi de seiscentas rupias por cada pérola — exclamou Filipe Madeira em voz forte e decidida.

—Mentes! — estoirou o «Falcoeiro», em crioulo. E depois em português claríssimo: — Com que então, os Portugueses são assim uns para os outros? Assim é que eles se ajudam?...

E sem esperar resposta, tornou para Arbul:

—São vinte pérolas, a trezentas rupias cada, dá seis mil. Aqui estão. Aceita-as, se quiseres. Se não quiseres, paciência...

Ia retirar-se mas, de um salto, Filipe Madeira atracou-se a ele. A luta violenta, durou alguns minutos.

—Deves doze mil rupias — exclamou Filipe Madeira, ofegante—. Sou testemunha. Paga. O patriotismo é um sentimento ao serviço da justiça e é assim que ele se fortalece. Não contes com a minha cumplicidade para cobrir as tuas ignominias...

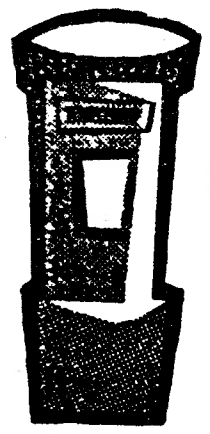
Ali mesmo, Arbul recebeu as suas doze mil rupias.

O «Falcoeiro» retirou da ilha imediatamente, pois nunca mais se sentiu em segurança. Pelo contrário, Filipe Madeira demorou-se, levou um belo carregamento de pérolas que lhe deu bem bom lucro.

Arbul, esse, já velho, costumava dizer aos seus netos:

—Conheci certa vez um homem de palavra. Era um Português...

Diário de bordo



Amigo N.º 939 — Ana Maria Canhão (Lisboa): obrigado pelas tuas amáveis palavras. Creio que tens razão; muitas vezes vocês têm falta de convivência, convivência sã, com pessoas da mesma idade. Por isso, se estiveres de acordo, vou arranjar-te um correspondente, no Porto ou em Coimbra, + ou — da tua idade?

Achas bem.

N.º 1347 — Artur de Oliveira Soares (Coimbra). Pelos postais, vejo que deve haver qualquer ligação com os amigos Vitor Manuel, Maria Adozinda, Maria Luísa. Qual é?

N.º 1362 — Helder Rui Martins Leitão (Porto). Claro que só poderei dar-te uma opinião concreta depois de ler os trabalhos. Mas uma coisa te posso dizer desde já: uma vez que os assuntos de Direito são bastante monótonos, será necessário tirar deles o melhor partido, isto é?

1388 — António Falcão (Lisboa) — é o teu numero.

1268 — Euclides Marques e Silva — é o teu numero.

1373 — Maria Fernanda Canede de Araujo — aqui tens o teu numero.

1241 — José Bandeira (Lisboa) — a troca de livros não parte de nós, senão a pedido vosso. De contrário, é o próprio editor que o faz, quando o livro atribuido está esgotado. Como o Seixo solitário já seguiu, devolve-o, sem o abrir, claro está, para que o troquemos.

1164 — Carlos Alberto Colaço — obrigado pelos nove novos amigos. O que estás fazendo é muito interessante e a tua ideia sobre os livros extremamente gentil. Eu próprio já tinha tido essa ideia; vou, agora, pô-la em prática.

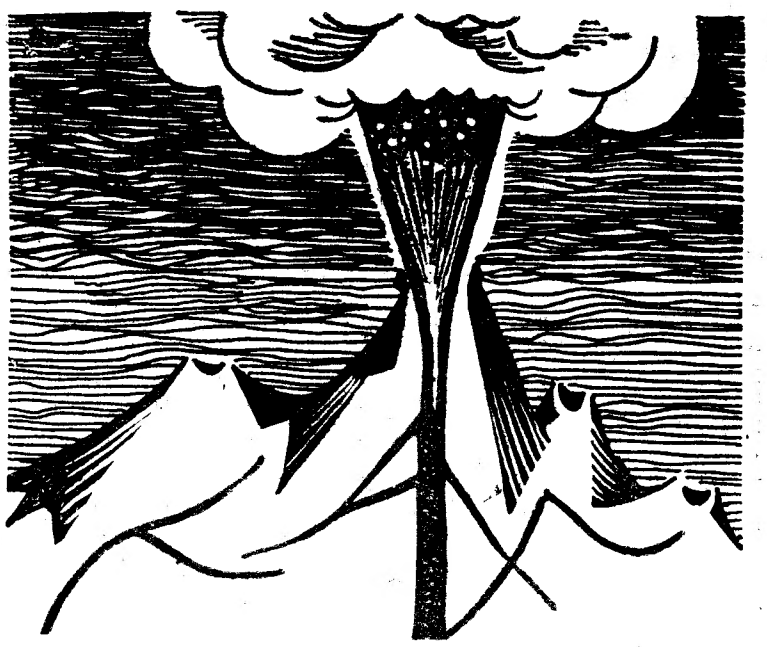
Vocês podem até fazer um trabalho de conjunto; é uma forma de disciplina e compreensão mutua. Fico á espera.

1393 — Maria Luísa Ferreira da Costa (Lisboa) — manda a idade.

1390 — António Mauricio (Coimbra) — manda a idade. E agora, uma pergunta: o teu nome completo é este? Devem mandar, sempre, o ultimo apelido. Qualquer alteração transtorna o serviço de consulta do ficheiro.

1352 — Gaby de Jesus (Lx.) — Aqui tens o teu numero. Não deixes de indicá-lo sempre.

1273 — António Valério Teixeira Ramires — Olhão. A secção de Intercambio tem estado fechada, por falta de espaço. Proximamente, daremos andamento ao teu pedido.



AS MARAVILHAS DO UNIVERSO

QUANDO A TERRA VOMITA FOGO

O homem do século XX, com as poderosas máquinas que construiu, multiplica as descobertas e crê poder triunfar da Natureza. Ele bem lhe grita: «ter-te-ei toda, toda inteirinha, com o poder do meu engenho e a força da minha inteligência»... Pois é. Mas o homem, por momentos, esquece que a Terra tem uma vida própria, uma vida misteriosa e estranha que se manifesta por milénios em transformações que mal se vêem ou em bruscas sacudidelas de forças ocultas desencadeadas. Estes paroxismos, que se desencadeiam em poucos segundos, mostram que o seu poder não passa de sonho absurdo. Uma simples sacudidela e casas derruem, o mar invade as margens, um rio nasceu, outro sumiu-se, o vale foi devorado pela montanha hiante, o planalto ergueu para o céu um protesto surdo de trovão... E onde está esse domínio do Homem? E' certo que para vencer o rio ele construiu um dique; para dominar o mar, fez-lhe frente com a barragem e captou a força das águas destruidoras para dominar a distancia, criou a máquina voadora; venceu o deserto escaldante, fazendo brotar dele petróleo e água; e levado por um romantismo bem antigo, não se contenta já com a luz do luar — quer a própria Lua. Pois é. Mas estas vitórias tornam o sábio modesto; modesto e circunspecto perante aquilo que ainda não pôde explicar, prever ou evitar: os tremores de terra e os vulcões.

O Homem sabe que a Terra é coberta por continentes e mares — já viu. Mas o sábio sabe mais: sabe que a Terra tem uma constituição interna, por camadas, cada uma constituida de matéria diversa. De fora para dentro, já lhes deu nome: a atmosfera, o sial, o sima, os silicatos, depois oxidos e sulfuretos e finalmente, o ferro e o niquel. Sabe também que a temperatura aumenta de um grau por cada trinta metros que avança para o interior — chamou-lhe o grau geotérmico; sabendo fazer as contas, o sábio conta que o amago da Terra está a uma temperatura enorme, capaz de fundir a rocha mais tenaz... A-propósito da tragédia dos Capelinhos falou-se muito em sima e em sial. O que é, pois, isto? Os continentes são constituidos, na sua maior parte, por compostos de sílica e alumínio — forma o sial, massas que flutuam semivitória definitiva, reserva-se o unico enterradas numa outra camada formada de sílica e magnésio — sima.

Os blocos continentais aparecem, pois, como blocos quase inteiramente submersos num mar de sima. Este sima aflora os fundos oceanicos a 5.500 metros de profundidade e com uma plasticidade que permite o enterramento e a deslocação dos continentes. O interior da Terra é um artifice eterno e incansável, pondo aqui, tirando dali subindo, descendo. A alta temperatura do seu interior, capaz de fundir seja que rocha for, origina a lava dos vulcões, massas líquidas de rochas a uma temperatura que atinge os 1.200 graus! O facto de isto se não verificar continuamente reside na pressão que outras superiores exercem sobre as camadas rochosas mais internas. Se por uma razão qualquer esta pressão diminui, logo as rochas entram em fusão, produzem-se misturas de líquidos e gases, magmas, que tendem a subir pela sua mais fraca densidade. A massa fundida pode elevar-se até á superfície da crusta terrestre e escorregar, por ela, em forma de lava; ou contida na própria crusta e formar as montanhas, uma vez consolidada. Com requintes de artista modelador, a natureza ergue-se do fundo dos mares, para lá das nuvens...

Obra de artista que, apresenta, a um tempo, a beleza e grandiosidade e a tragédia de campos devastados, sementeiras desfeitas, lares destruidos, vidas cortadas. Inferno de beleza e tragédia... Destruição e construção.

Perante a força da Natureza, o Homem sente-se pequeno; longe de gritar orgulho, não de dominar, mas de participar de um imenso poder criador que pode explorar e fazer agir ao serviço de um bem comum.

MARIA HELENA DA COSTA DIAS

Uma bela novidade !

Aos nossos Amigos, maiores de 17 anos, temos a satisfação de lhes comunicar que acaba de sair a primeira edição portuguesa (as anteriores foram brasileiras, claro) do grande romance de José Lins do Rego: «O Moleque Ricardo».

Já nos temos referido bastantes vezes no «Juvenil» ao ilustre escritor brasileiro, morto infelizmente muito cedo.

Foi um grande romancista do seu povo e entre o seu povo se encontram algumas das suas mais belas personagens. Ricardo, o moleque, é uma delas. E uma figura inesquecível.

Já também aqui fizemos notar o extraordinário dom de narrador que Lins do Rego possuia. Os nossos leitores terão agora mais uma oportunidade de verificar isso mesmo.

E' uma edição de «Livros do Brasil, Ld.ª», que já publicou os seguintes romances de Lins do Rego: «Euridice», «Pureza», «Fogo Morto», «Cangaceiros», «Banguê», «Pedra Bonita» e «Menino do Engenho».

Para ti, ao sábado! Lisboa Juvenil publica-se
O Diário de Lisboa

Os 5 cavalos de oiro

POR : **MARIA WANDA MENDES NUNES** * 11 anos

ERA uma vez cinco cavalinhos de oiro que andavam sózinhos, mas nas terras mais lindas do Mundo. Moravam numa cavalariça muito bonita, toda doirada e muito grande.

Esses cavalinhos eram muito bravos e não queriam ter dono...

Um dia resolveram desatar a correr como uns doidos e foram parar á terra de um senhor muito doente que tinha um filho de oito anos. Toda a gente gostou muito deles mas eles não se deixaram apanhar...

O pai do menino tinha uma doença muito perigosa é não vivia na sua terra mas sim numa casa no campo, sózinho com o seu filho.

O pai, um dia, disse ao filho que fosse á terra dele e lhe trouxesse um remédio para ele se curar.

O filho disse: — Está bem, pai, eu vou...

O menino foi então e quando lá chegou perto, muito cansado e muito fraco, viu um lago enorme que não podia passar.

Lembrou-se de chamar o Principe Verde, o sapo, e o Principe Verde apareceu e disse: — O que é que tu queres?

— Eu quero ir á terra do meu pai, para lá ir buscar um remédio para ele se curar.

— Está bem. Vamos os dois então lá buscar o remédio para o teu pai — disse o Principe Verde... e ajudou-o a passar.

Chegaram lá, entraram numa loja e trouxeram o remédio e levaram-no para casa do pai.

— Meu pai, aqui tem o remédio!

— Obrigado, meu filho.

O pai curou-se e ficou bom.

O filho teve os cinco cavalinhos de oiro como prémio, pois tinham gostado dele porque fez uma boa acção e já não se importavam de ter dono.

Primeiro foi para a sua casa com eles e casou com uma princesa muitos anos depois... Fez-se um grande rei, com um grande castelo e os seus cinco cavalinhos de oiro!

(AMIGO N.º 1379)

Concurso da semana

SOLUÇÕES DOS CONCURSOS DO SUPLEMENTO N.º 77: I CONCURSO «GENTE NOSSA»: Coimbra. II — CONCURSO «GIGANTES DA HUMANIDADE»: Ricardo Wagner.

Vencedores

1. — Amigo N.º 702 — Maria de Fátima de Oliveira Lourenço (Lisboa).
2. — Amigo N.º 894 — José António Fradinho Calado Torres (Lisboa).
3. — Amigo N.º 1232 — Maria Antonieta Sousa Cabrita (Lisboa).
4. — Amigo N.º 6 — Maria José Valente Perfeito (Lisboa).
5. — Amigo N.º 416 — Maria Helena Lima Malha Coelho (Lisboa).
6. — Amigo N.º 1346 — Maria do Natal Nunes Pinheiro Grilo (Faro).
7. — Amigo N.º 727 — Luís Manuel Alves Santos Silva (Parede).
8. — Amigo N.º 14 — António José Coelho Peça (Lisboa).
9. — Amigo N.º 1150 — Mário F. H. Pereira (Lisboa).
10. — Amigo N.º 1299 — Carlos Manuel da Silva Duarte (Porto).
11. — Amigo N.º 939 — Ana Maria Canhão (Lisboa).
12. — Amigo N.º 583 — José Manuel Amado Lopes (Mira de Aire).
13. — Amigo N.º 763 — José Joaquim Tavares Madeira (Lisboa).
14. — Amigo N.º 796 — José António Freire Leitão (Coimbra).
15. — Amigo N.º 907 — Manuel Augusto dos Santos Costa (Coimbra).

Prémios

1 a 3: «3 volumes da Colecção «CONTOS DE ENCANTAR», editada pela Livraria CLÁSSICA EDITORA.

4 e 5: «ALGUNS ANOS DEPOIS», por Luisa Alcott, edição da PORTUGÁLIA EDITORA.

6: «AS QUATRO RAPARIGAS», por Luisa Alcott, edição da PORTUGÁLIA EDITORA.

7. — «A ILHA DOS NAVIOS PERDIDOS», por C. Marriot — Livraria CLÁSSICA EDITORA.

8. — «O MISTÉRIO DA ESTRADA DE SINTRA», por Ramalho Ortigão — LIVRARIA CLÁSSICA EDITORA.

9. — «CONTOS», por Ramalho Ortigão — Livraria CLÁSSICA EDITORA.

10. — «ANTAR, O CAVALEIRO-MOR», por Eduardo Dias — Livraria CLÁSSICA EDITORA.

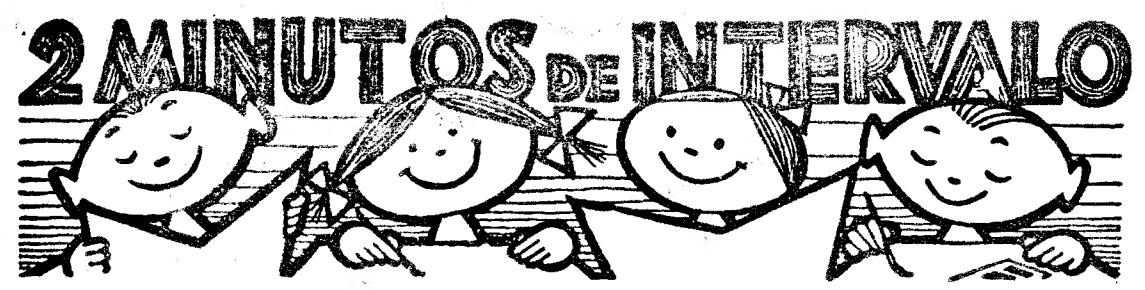
11. — «AS QUATRO RAPARIGAS», por Luisa Alcott — PORTUGÁLIA EDITORA.

12 a 15: «O MOLEQUE RICARDO», por José Lins do Rego — Colecção «Livros do Brasil, editada por LIVROS DO BRASIL, LDA.

PRÉMIO ESPECIAL PARA O MELHOR TRABALHO SOBRE WAGNER

16. — «Amigo N.º 962 — Maria Alzira Semião Seixo (Lisboa).

16. — «CLARISSA» e «MUSICA AO LONGE», por Erico Veríssimo — LIVROS DO BRASIL, LDA.



Teste de inteligência para os teus irmãos mais velhos

Não acabará nunca talvez a controversia entre os «velhos» e os «novos», entre os que realizam e os que querem realizar, entre os que dão provas de bom senso e os que vão animados de espírito de aventura renovadora.

Dessa luta nasce o progresso, nasce a caminhada para a frente...

Mas concordas com ela? Essa «caminhada para a frente» não seria mais impetuosa se os velhos e os novos substituissem a luta pela cooperação? Se cada qual pusesse no monte quanto tem de melhor — incluindo a vontade e a compreensão? Que dizes? E na tua opinião quais as qualidades da velhice e da juventude que podiam aliar-se para benefício do progresso?

*

És bom observador; eu sei.

Já deves, portanto, ter reparado que um indivíduo que possua e guie um automóvel, ganha quase sempre o complexo de superioridade. Seres á parte importantizam-se...

Quererás tu dar uma explicação para este fenómeno?

*

Como explicas a seguinte quadra do poeta António Aleixo:

Quem trabalha e mata a fome
não come o pão de ninguém.
Mas quem não trabalha e come
come sempre o pão de alguém...

Boa pesca

Estamos no parque do manicómio... Um internado, sentado á beira do lago, pesca.

— Então — pergunta-lhe uma visita — que tal vai isso? Já pescou muitos?

— Contando com você, já são quinze! — responde o pescador.

Pensamentos que fazem pensar

O prémio desta semana — um livro — será entregue ao nosso amigo Afonso dos Santos Coroado, que nos mandou uma boa colecção de pensamentos, como todos já vão ter ocasião de verificar. Para o meu canhenho reservo especialmente os pensamentos de Cervantes e Jacques Decour.

Atenção aos pensamentos enviados pelo Afonso:

«O que distingue o homem do animal, é isto: a vida representa para ele um problema que, só pensando e trabalhando, poderá resolver como convém».

(SULLY)

«Acresce que cada um é filho das suas obras...».

(CERVANTES)

«O isolamento é bom. Quem não teme a sua consciência não receia estar só».

(PASCAL)

«Considero-me, pouco mais ou menos, como folha que tomba da árvore, para fazer estrume. A qualidade do estrume dependerá da qualidade das folhas».

(JACQUES DECOUR)

Hieroglifos comprimidos

er 5 Creta

1000 eu oceano i nota

nota azul 500 acto

Antologia

«A cadela de que te falo, Platero, é a do Lobato, o caçador. Sabes quem é, pois a encontramos várias vezes no caminho de Llanos. Lembras-te? Aquela doirada e branca como um poente de Maio... Teve quatro cãezinhos, e Sande, a leiteira, levou-os á sua cabana, longe daqui, porque tinha o seu menino doente e o sr. Luís lhe dissera que se punha bom com um caldo de cães recém-nascidos. Tu sabes bem como a casa da leiteira fica longe da casa do Lobato...

Platero, dizem que a cadela andou como louca todo aquele dia, fora e dentro, espreitando aos caminhos, metendo-se pelos valados. Viram-na ao crepusculo, junto á cabana do ferrador, latindo tristemente em cima de uns fardos de carvão.

Tu sabes como a leiteira mora longe... Quatro vezes a cadela foi e voltou e de cada vez trouxe um cãozito na boca, Platero. E ao amanhecer, quando Lobato abriu a porta, deu com a cadela deitada no umbral, de olhos postos suavemente no dono, com todos os cãezinhos agarrados ás tetas rosadas e cheias...».

(Do livro «Platero y Io», de Juan Ramon Jimenez).

Soluções

Do numero 77:

Passatempo internacional

Galvani, Itália; Chopin, Polónia; Nostradamus, Itália; Alcibiades, Grécia; Disrael, Inglaterra; Arosto, Itália; Esopo, Grécia; Berlioz, França.

Hieroglifos comprimidos

Londres, Rio de Janeiro, Manaus, Berlim.

Do numero 78:

Frases célebres

Descartes; grito de dor de César quando viu no numero dos seus assassinos, Bruto, que passava por ser seu filho; Filipe II, de Espanha, em 1558; Jesus Cristo (Evangelho, S. João, VIII); Danton.

Perguntas geográficas

1 — Cabo Verde; 2 — Cabo das Agulhas; 3 — O Mar Morto; 4 — A ilha do Fogo; 5 — Genebra; 6 — Granada; 7 — Bengala; 8 — Rio de Janeiro.

Hieroglifos comprimidos

Andaluzia, Escravo, Marmelo, Adão.

Passatempo

Apresentamos á argucia dos nossos leitores, meia duzia de laçadas nem todas, porém, dão nó. Se pegarmos nas duas extremidades, uma em cada mão, em qual ou quais destes seis casos formaremos um nó?

Frases célebres

Grande êxito para o nosso passatempo das «Frases célebres!». Hoje vamos oferecer aos nosso amigos algumas frases pronunciadas por Portugueses. E não é preciso ser-se um «barra» em História para saber quem foi a personagem que as pronunciou!

Respondam, pois: Quem pronunciou as frases que seguem:

«Vingar, rapazes! Fartar vilanagem!».

Gente Nossa

Já pela encosta
Já desce o dia
com a alegria
que o vinho gosta

O vinhateiro
aos ombros traz
o cesto cheio
de saude e paz.

E as canções sobem
e a duvida erra
se canta o homem
se canta a terra.

O vinho corre
do monte e sebe
(e quem o colhe
jamais o bebe...).

Corre profundo
ninguém o impeça
— Dá volta ao Mundo,
volta á cabeça...

Deus Baco aos litros
bebe milhões,
— Sai do Olimpo,
vai para Leixões...

Já pelo outeiro
o dia cresce
— Nos ombros desce
do vinhateiro...

Para ter direito aos prémios do nosso concurso da semana, basta responder, em carta ou postal, á seguinte pergunta:

Qual a cidade portuguesa a que pertence a figura que hoje publicamos?

As respostas devem estar na Redacção até ao próximo dia 17 de Novembro.

Dois concursos para o Natal

Mais uma iniciativa do «JUVENIL»

1 — JOVENS ATÉ AOS 16 ANOS

Eis um agradável concurso destinado aos nossos amigos mais novos: Trata-se de colorir com inteira liberdade o livro «Qual é coisa qual é ela?» — editado pela Portugália Editora. Eis os prémios:

1.º — Duzentos escudos em livros editados pela Portugália;

2.º — Cento e cinquenta escudos em livros, nas mesmas condições;

3.º — Cem escudos em livros, nas mesmas condições;

4.º a 10.º — Cinquenta escudos em livros nas mesmas condições.

Prazo de entrega dos livros coloridos: até ao dia 20 de Dezembro.

2 — PRÉMIO AUGUSTO GIL

Para jovens entre 17 e 20 anos

Trata-se de apresentar um trabalho sobre este grande poeta. Não há limite de espaço. Eis os prémios:

1.º — Quinhentos escudos;

2.º — Trezentos escudos;

3.º — Obra completa de Gil Vicente (publicada á data).

Prazo de entrega: até ao dia 31 de Dezembro.

Falando sobre matemática

(Continuação da 1.ª página)

experimentalmente por um físico alemão cujo nome já deve ser vosso conhecido, Hertz. O cérebro genial de Maxwell soube desvendar o segredo das suas equações matemáticas; e sem esquecer a persistência e a técnica de Hertz, podemos afirmar que é graças á Matemática que hoje temos á nossa disposição, tão aperfeiçoadas, a T. S. F. e a Televisão.

E todos conhecem outro exemplo, não propriamente de descoberta, mas de ajuda indispensável, que a Matemática, através de um dos seus ramos mais interessantes, presta á Medicina: a elaboração de «gráficos» das temperaturas dos doentes, que permitem rápida e perfeitamente observar as «subidas» e «descidas» no decurso da doença.

Vede que maravilha está oculta nos compêndios de Matemática! São insípidos, por mais bem elaborados que estejam? Não, não são. E' o sinal de que algo de novo tendes pela frente. Algo diferente de tudo o mais que vos possam ensinar. E' difícil, contudo? Mas isso é um convite ao espírito! O que é difícil é que nos deve entusiasmar e fazer-nos mover a vontade. E depois até gostamos das dificuldades. (Que prazer, aqui para nós, em transpor as dificuldades que o espírito encontra!)

A Matemática requer bastante tempo e vontade firme para nos adaptarmos a ela e a sentirmos em toda a sua beleza e utilidade. Olhai: beleza e utilidade. Que coisas no Mundo desfrutam destas qualidades? Poucas. E a Matemática é uma destas. Contemplai uma página de texto de alto a baixo: é frio e triste. Mas apreciai uma página característica de um livro de Matemática, co mos numeros e letras e sinais em expressões belas que nos convidam a ler as linhas de texto que as separam, para decifrarmos o seu mistério.

Um conselho de Amigo dou aos que já começaram a sentir as dificuldades e desanimaram: lutai, esforçai-vos por compreender a beleza estranha da Matemática. Começai por ver nela um trabalho magnífico para o espírito. Depois procurai nos livros de problemas que vos indicaram, aqueles que gostariam mais de resolver, aqueles que mais directamente se referem ao quotidiano. Não desanimem, peçam ajudas, se sózinhos não forem capazes. E depois... pensai um pouco: a princípio estuda-se com certa abstracção, sem querer saber se o x ou o y se referem a fulano ou cicrano, a isto ou áquilo; mas mais tarde, depois de bem sabida a matéria respectiva e após se ter trabalhado só com símbolos vamos resolver problemas que tratam de automóveis, de tanques, de barris, enfim, de tudo aquilo que nos cerca e que é bem palpável — ao contrário dos símbolos com que tínhamos lidado no estudo e que vamos mesmo utilizar na resolução das questões. Estão a perceber a maravilha? Com símbolos e ideias que foram concebidos sem pensar em automóveis, por exemplo, resolvem-se problemas em que entram automóveis. «Isto» é de entusiasmar e de fazer prever outras maravilhas!...

E que dizer do bem que o estudo da Matemática faz á inteligência? E como se habitua a raciocinar um homem que emprega as horas de ócio a estudar a Matemática? Espíritos preciosos, habilidosos, fecundos — são quase sempre o resultado do interesse pela Matemática.

E por hoje ponto final. Estamos em férias e é preciso divertirmo-nos.

NOTA — A propósito de diversão: chegai junto de um amigo mais ou menos da mesma idade e dizei-lhe, sucessivamente:

— Pensa num numero; junta-lhe outro tanto; multiplica agora por dois; subtrai do produto o numero em que pensaste; quanto deu?

Ele responde. Fazeis uma pequena conta e —, zás! — : «pensastes no numero *tal*.

E até podem obter algumas variantes.

Mas vamos lá a saber: que conta faziam há pouco para responder ao amigo que o numero em que ele tinha pensado era o numero *tantos*? (Então? E' muito simples: suponhamos que ele pensou num certo numero x; juntando outro tanto ficou $2x$ e...)

FERNANDO TAVARES RODRIGUES

TEIXEIRA GOMES
MESTRE DA BELEZA

SE bem se recordam foi com uma nota sobre «Cartas a Columbano» de Teixeira Gomes que iniciámos, há cerca de um ano, estas nossas indicações de leitura. Aí chamei desde logo a atenção dos jovens leitores para a necessidade de destruirem a lousa de silêncio sob que, injustificadamente, deixamos tanta vez amortalhar escritores que deviam estar sempre activos no nosso espírito, nas nossas leituras. Teixeira Gomes pertence ao grupo dos enclaustrados que temos a obrigação de libertar e trazer ao convívio diário. Que grande amante, que grande criador de beleza! Mas não o apaixonado que se dilui passivamente na coisa amada até perder a consciência de si próprio, a sua autonomia. O vulgar nos grandes amores — isso vem nos romances, não é assim?— consiste em o amador abrir inesgotavelmente as comportas do sentimentalismo e aceitar, arrebatado e cego, que o ser amado é o melhor e o mais belo e o mais perfeito dos seres criados ou por criar. Depois, vêm as desilusões — sorte de quedas de água onde sentimentalmente se faz muito bramido e muita espuma de retórica...

Pois nada disto, amigos, se encontra em Teixeira Gomes! O caso é tanto mais importante quanto dele se pode dizer que poucos, nas letras portuguesas, alimentaram tão largo, tão profundo culto de beleza.

Nos volumes já saídos das suas Obras Completas — «Cartas a Columbano», «Inventário de Junho», «Cartas sem moral nenhuma» e «Sabina Freire» (peça de teatro) — os nossos leitores maiores de 17 anos podem assimilar o exemplo desse culto de beleza expresso num estilo sugestivíssimo, ágil, cheio de nobre elegancia por onde circula um poderoso espírito crítico sempre alerta ante os preconceitos e os lugares comuns.

Eis justamente uma das características de Teixeira Gomes que mais importa acentuar quando se fala á juventude: a inesgotável lucidez do seu espírito, o gosto de olhar, estudar, compreender o que nos cerca com olhos novos, sem comodismos ou conformismos.

A geografia — e atrás da geografia os homens — tem-nos condenado por demasiado tempo a um exílio a que se chama «extremo-ocidente» da Europa, longe dos grandes centros culturais. O que de grande e criador muitas vezes ocorre lá fora só tarde ou nunca soa ás nossas orelhas. Acontece então que vivemos desactualizados e acabamos por cair no extremo de supor que nada valemos.

Valemos, sim! Quando derrubamos a estreiteza dos nossos horizontes e procuramos livremente o «nosso caminho», surgem-nos Teixeira Gomes.

Ora é isso que os nossos jovens amigos devem ter sempre presente ao procurarem o necessário convívio tão grandes exemplos.

As «OBRAS COMPLETAS» de Teixeira Gomes, em publicação, devem-se á iniciativa da «Portugália Editora.

Curso elementar de estenografia

Por Maria do Carmo Conseco

Ainda não foi desta vez que a recapitulação saiu perfeita. Paciência. Vamos repetir (esperando que os leitores nos perdoem) o som *dade-tade* que faltou á chamada na gravura do ultimo numero do *Juvenil:*

Continuando no nosso *curso elementar*, falaremos sobre *abreviaturas.*

Abreviaturas são estenogramas a que se suprimiram um ou vários signos, e que exprimem palavras, locuções ou frases.

Evidentemente, as abreviaturas constituem um precioso auxiliar do estenógrafo, na medida em que

a) permitem maior velocidade
b) favorecem a tradução do texto estenografado.

Devemos reforçar esta ideia: *só nas condições acima expostas é que se torna legítimo e aconselhável o emprego das abreviaturas.*

Elas não devem ser improvisadas no decorrer do apanhado estenográfico. Na maioria dos casos, ainda mesmo que sejamos dotados de excepcional memória, não saberemos depois traduzi-las.

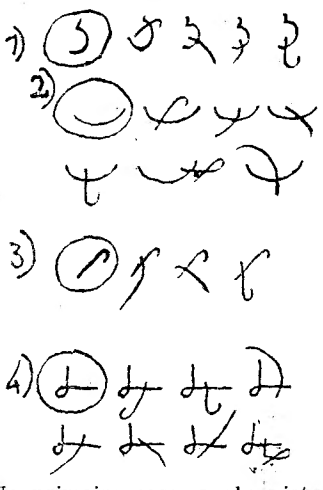
As abreviaturas devem ser *construídas e estudadas*, para as registarmos sem a menor hesitação. Só assim aproveitaremos ao máximo a sua utilidade.

Abreviatura *simples* é a que representa uma só palavra.

Quanto á sua constituição, as abreviaturas podem classificar-se em abreviaturas base e abreviaturas derivadas.

Abreviatura-*base* é a que dá origem a outras mais *derivada;* a que provém de uma abreviatura-base.

Coom se obtém uma abreviatura-derivada? Com a *abreviatura-base mais outro ou outros sons*, geralmente o ultimo som da palavra cuja abreviatura se pretende. Nos exemplos que damos os estenogramas rodeados por um círculo são as abreviaturas-base.



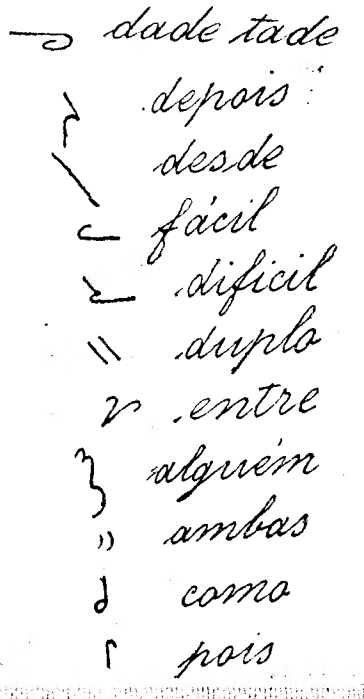
No primeiro caso, a abreviatura é *ag-agradece*. E as derivadas desse grupo: ag+r, agradecer; ag+aro, agradecerá, agradecerei, etc.; ag+ado, agradecido; ag+amo, agradecemos.

No segundo caso, a abreviatura-base é *cons—constitui*. E as derivadas cons+r, constituir, cons+ado, constituido, cons+aro, constituirá; cons+amo, constituimos; cons+ão, constituição, cons+abo-avo, constitutivo.

No terceiro exemplo: *recebe*, recebido, recebera, recebemos.

Quarto exemplo: comunica, comunicar, comunicarmos; comunicava ou comunicativo, comunicado comunicara, comunicando, comunicação.

Mais algumas abreviaturas para serem aprendidas hoje. Estas são abreviaturas simples:



Por manuelagra

ESTOU A CONHECER-TE

Vá. Venham comigo.

De mãos dadas. Assim. Como quando íamos para a escola oficial. Lembram-se?

Deixaremos as avenidas vertiginosas á beira do cais.

Com os seus automóveis indiferentes.

Sua gente apressada.

Suas arvorezinhas raquíticas fechadas na gamela redonda...

Deixaremos, por alguns instantes, a cidade estrebuchando, como o leão apanhado na rede.

Subiremos uma das sete colinas. Qualquer. Em todas elas há jardins suspensos...

Em cada uma delas há um sonho que ainda não acordou.

Menina alfacinha de olhos no mar á espera do noivinho que partiu na nau S. Gabriel, para a India...

Poisemos aqui os nossos passos. Nesta clareira do Jardim da Rocha.

Com o seu caramanchão a peneirar o azul do céu...

E os velhinhos sentados.

A' espera...

De quê? Nada mais acontece...

De quem? Ninguém mais aparece...

As mãos muito quietinhas, em cima uma da outra como se se amparassem mutuamente...

Sentemo-nos aqui, ao pé deste companheiro mais idoso. Velhinho bonito! Dá vontade logo de lhe lançar os braços ao pescoço... Perguntemos-lhe como se chama. Dirá que se chama Julio Teixeira.

Bom dia, senhor Teixeira.

Bom dia, meus meninos.

Como ele conversa bem! E com que prazer o faz... Com sofreguidão. Caímos que nem sopa no mel, adivinha-se...

De repente o senhor Teixeira fita um de nós:

—Tu aí, estou a conhecer-te... Tu foste meu aluno... Tu, tu aí, o de remoinho no cabelo...

O de remoinho, o Daniel, fica-lhe um sorriso a meio do caminho.

—Tu, sim... Não te recordas daquela vez que entornaste o tinteiro por cima do caderno? Não te recordas daquela redacção que fizeste sobre os barcos moliceiros da Costa Nova?

—Eu não fui — volta o Daniel.

—Houve uma pausa, um desequilíbrio. O velho pestaneja:

—O teu pai também tem um remoinho?

—Também, sim, senhor.

—E' isso... O teu pai é um bom rapazinho... Endiabrado... Como tu, se calhar, hem? Olha..., uma vez...

Era uma vez...

Um conto de fadas.

Adeus, senhor Teixeira.

Adeus, meus meninos.

Meninos que foram dele.

E continuam dele...

"O Mistério da Estrada de Sintra"

Um dia dois grandes amigos e dois grandes escritores (Viriam a ser grandes escritores, pois então apenas iniciavam a sua vida literária) resolveram meter-se numa grande aventura: Isto, nada mais e nada menos: escrever um romance em folhetins. Até aqui, dirão os nossos jovens leitores, não há maravilha nenhuma. De acordo.

A maravilha começa, com efeito, quando lhes contar o seguinte: cada folhetinista só escrevia o folhetim respectivo depois de ler no jornal o anterior que o colega tinha escrito. Estão a ver o problema, hem? Calculem as ansias em que ficava aquele que tinha de aguardar que o jornal chegasse ás suas mãos, a fim de saber os sarilhos em que o outro o tinha metido.

Mas sairam-se muito bem da tarefa. O romance já foi escrito há muito e muitos anos e ainda hoje continua a agradar e continuará sempre.

Claro que os seus autores se chamavam Eça de Queirós e Ramalho Ortigão... Ora aqui têm uma boa sugestão para o próximo livro que resolverem comprar: «Mistério da Estrada de Sintra» editado pela Livraria Clássica Editora, na colecção das Obras Completas de Ramalho Ortigão.